

JULIÁN CARRÓN

# **O BRILHO DOS OLHOS**

O QUE É QUE  
NOS ARRANCA  
DO NADA?



JULIÁN CARRÓN

# **O BRILHO DOS OLHOS**

O QUE É QUE  
NOS ARRANCA  
DO NADA?

© 2020 Fraternità di Comunione e Liberazione

Tradução de Maria Ramos Ascensão

# INTRODUÇÃO

«Que é o homem para que Vos lembreis dele, o filho do homem para dele Vos ocupares?»<sup>1</sup> Que força têm hoje estas palavras do Salmo, depois de nos termos dado conta, de forma mais lúcida, do nosso nada, da nossa fragilidade e impotência, por causa de um vírus que pôs o mundo inteiro entre a espada e a parede! Quantos não terão surpreendido em si – quando o medo os atormentava ou a falta de sentido tomava a dianteira – o desejo de que alguém deles tomasse conta e os arrancasse do nada que pesava, ameaçador!

«O que é que nos arranca do nada?» Esta é a pergunta que deveria conduzir os Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação, o gesto mais importante na vida da Fraternidade. Se a emergência de saúde pública impôs que a eles renunciássemos – deveriam ter tido lugar no passado mês de abril, quando estávamos em pleno confinamento –, esta não cancelou a pergunta, que adquiriu aliás, precisamente à luz dos acontecimentos recentes, um peso específico ainda maior. Enviada antecipadamente a todos os que teriam participado nos Exercícios, para favorecer uma atenção à sua experiência e o amadurecimento de um contributo pessoal, a pergunta foi entendida como pertinente à experiência da vida – suscitando imediata gratidão – e ao mesmo tempo como um grande gesto de amizade. Isto lança uma luz também sobre o senti-

<sup>1</sup> Sal 8,5.

do da palavra amizade: somos amigos para nos ajudarmos a não ter medo das perguntas, mesmo daquelas que interpelam e inquietam, que nos ferem e abanam. Estarmos juntos não poderia ser amizade se, de alguma maneira, as colocássemos de parte.

Se falamos de um «nada» é porque a existência do homem contemporâneo – ou seja, a nossa existência pessoal e social –, de uma forma cada vez mais clara e imponente, sem especiais clamores ou avisos e, no entanto, não sem efeitos visíveis, surge marcada pelo niilismo. Não estamos a fazer alusão a uma corrente cultural, mas a uma situação existencial. É para esta situação que nos interessa olhar, ainda que apenas nos seus traços essenciais, não por gosto analítico ou descritivo, mas sim com a paixão de quem deseja descobrir uma estrada que permita à vida de cada um de nós caminhar em direção à sua realização, nas circunstâncias dadas, quaisquer que sejam.

O texto articula-se em seis capítulos e pretende delinear um percurso que, precisamente na medida em que se enraíza numa experiência e numa história, se ofereça como contributo para a procura e a expectativa de todos.

## CAPÍTULO 1

# O NIILISMO COMO SITUAÇÃO EXISTENCIAL

Que características tem o niilismo que, de modo mais ou menos explícito, mais ou menos consciente, se insinuou na nossa forma de pensar e de viver?

### **1. Uma suspeita sobre a consistência da realidade e sobre a positividade da vida**

Por um lado, o niilismo de que estamos a falar apresenta-se como uma suspeita sobre a consistência última da realidade: tudo acaba no nada, também nós próprios. «Da percepção vertiginosa da aparência efêmera das coisas, desenvolve-se, como sujeição e negação enganadora, a tentação de pensar que as coisas são ilusões e nada».<sup>2</sup>

Por outro lado – ligado com o primeiro –, ele apresenta-se como uma suspeita sobre a positividade da vida, sobre a possibilidade de um sentido e de uma utilidade da nossa existência, que se traduz normalmente na percepção de um vazio que ameaça tudo aquilo que fazemos, determinando um desespero subtil, mesmo em vidas atarefadas e cheias de realizações, com agendas recheadas de encontros e de projetos para o futuro.

<sup>2</sup> L. Giussani, *L'uomo e il suo destino*, Marietti 1820, Génova 1999, p. 13.

Um conhecido filme dos anos oitenta, *A história interminável*, faz alusão a esta situação de forma sugestiva e eficaz. Trata-se do diálogo entre Gmork, o «servo do Poder que se esconde por detrás do Nada», e Atreyu, o jovem herói chamado para deter o Nada. «As pessoas desistiram de esperar. E esquecem-se dos seus próprios sonhos. Assim o Nada espalha-se», diz o primeiro. «O que é este Nada?!», pergunta-lhe o segundo. «É o vazio que nos rodeia. É o desespero que destrói o mundo, e eu tratei de o ajudar [...] Porque é mais fácil dominar quem não acredita em nada. E esta é a forma mais segura de conquistar o poder».<sup>3</sup>

Nestas metáforas e imagens exprime-se qualquer coisa daquela atitude a que hoje nos referimos com a palavra «niilismo». Todos conseguimos reconhecê-lo: o «nada que se espalha» na vida, o «desespero que destrói», «o vazio que nos rodeia», ou seja, que se torna fenómeno social.

Talvez o facto de termos sido obrigados a parar por causa do Coronavírus nos tenha feito refletir, como não nos acontecia há muito tempo, sobre quem somos, sobre como e de que vivemos, sobre que consciência temos de nós mesmos e das coisas. Como diz Tolstói: «Bastaria ao homem de hoje interromper um instante a sua atividade e refletir, confrontar as exigências da sua razão e do seu coração com as atuais condições da existência, para se aperceber de que toda a sua vida, todas as suas ações, estão numa contradição permanente e gritante com a sua consciência, a sua razão e o seu coração».<sup>4</sup>

<sup>3</sup> *A história interminável* (*Die unendliche Geschichte*, RFT 1984), realização e guião de Wolfgang Petersen.

<sup>4</sup> L. Tolstói, «Il non agire», in Id., *Il risveglio interiore*, Incontri, Sasuolo 2010.

Eis como uma jovem liceal se deu conta de si, parando para refletir. Escreve-me: «Durante a primeira semana de quarentena creio que vivi, como muitos outros, momentos de grande desconforto. A ideia de estar fechada em casa sem ver os meus amigos, o meu namorado, o não poder sair livremente aterrorizava-me. Depois fiz uma série de telefonemas que me animaram. Em especial, o que fiz a um amigo meu que, diante do meu “estou bem, mas não muito”, quis aprofundar um pouco. Falando com ele, dei-me conta de que há muito tempo não me interrogava, deixava que tudo passasse por mim, um pouco por medo, um pouco porque não queria chegar a respostas incómodas. Dou-me conta, porém, de como é estúpido não me interrogar, se depois não sou feliz. Aquilo que me provoca mais ansiedade é o silêncio, porque me leva a pensar, coloca-me diante das minhas perguntas. Para evitar sentir-me esmagada, muitas vezes, antes de adormecer, faço com que a minha cabeça seja invadida por pensamentos de todo o tipo, para assim não me preocupar em olhar para mim mesma, até chegar o momento do sono. Preocupa-me a resposta que algumas perguntas podem ter, receio que me obriguem a ter em conta partes de mim que não quero conhecer, ou que me façam empreender um caminho difícil. Como disse o meu amigo, prefiro viver numa bolha feita de sorrisos, gargalhadas, momentos de desconforto e tristeza, todos extremamente desvitalizados, tornados opacos. Vivo num carrossel de emoções que um dia me leva para cima, e no outro me faz cair no mais sombrio desconforto; exalto-me durante o tempo em que vivo aquela emoção, para depois fechar tudo na caixinha das “belas experiências”. Mas dou-me conta de que isto não me basta, eu quero muito

mais, quero alguma coisa que deve ser necessariamente grande, porque – como diz Kierkegaard – “nada de finito, nem sequer o mundo todo, pode satisfazer a alma humana que sente a necessidade do eterno”».

Há algum tempo, a *Tracce* descrevia o niilismo de que estamos a falar como «um inimigo subtil, difícil de agarrar e decifrar porque nem sempre se apresenta com traços nítidos [...], mas, muitas mais vezes, tem a atitude impalpável de um vazio irrecuperável». <sup>5</sup> Impalpável e ao mesmo tempo muito concreto, acrescento eu. Um amigo universitário entendia-o nestes termos: «O nada é muito mais subtil e rastejante do que eu imaginava, o pequeno nada quotidiano que tantas vezes arrisca dominar nos meus dias».

Tentando focar o mais possível o problema – que alguns talvez nem sequer vejam, ou se obstinem em não ver –, podemos dizer: a suspeita sobre a falta de consistência do real e a desconfiança da possibilidade de significado e de realização da existência entrelaçam-se e sustentam-se reciprocamente naquele niilismo que nos diz respeito a todos.

A forma atual do niilismo pode ser descrita, em suma, como um sentimento de vazio fora de nós (o contexto em que estamos a viver, que talvez se possa traduzir na «bolha feita de sorrisos, gargalhadas, momentos de desconforto e tristeza, todos extremamente desvitalizados, tornados opacos») e dentro de nós («dou-me conta de que isto não me basta, eu quero muito mais»); um sentimento de vazio cuja consequên-

<sup>5</sup> D. Perillo, Entrevista a C. Esposito, «O niilismo da porta ao lado», *Tracce-Litterae communionis*, n. 10/2019, pp. 12-18. *Tracce-Litterae communionis* é a revista mensal do movimento de Comunhão e Libertação.

cia é um enfraquecimento da relação com a realidade, com as circunstâncias, que no fim de contas parecem todas insensatas, não merecendo obter de nós um verdadeiro assentimento.

Há como que um torpor do eu, que trava o envolvimento com aquilo que acontece, mesmo quando estamos presos à vertigem de atividades frenéticas; aquelas atividades que, repentinamente e durante algum tempo, foram interrompidas pelo Coronavírus – e assim, muito ou pouco, fomos todos de alguma maneira “obrigados” a pensar para onde estamos a caminhar, o que queremos fazer da nossa vida, o que é que efetivamente a pode sustentar.

Este frenesim talvez não tenha diminuído, nem sequer durante o confinamento; para muitos, simplesmente mudou de forma, de aspeto; descobrimos assim, para usar as palavras de Lewis, que «o Nada é muito forte. Suficientemente forte para roubar a um homem os seus melhores anos, não em doces pecados, mas num insípido vagar da mente ao redor de não sabe o quê nem porquê, na satisfação de curiosidades tão átonas que quase nem está ciente delas». <sup>6</sup> Estou a pensar nas várias tentativas levadas a cabo neste tempo para não nos determos em questões demasiado inquietantes, tentando satisfações imediatas através de um carrossel de solicitações.

Torpor, volubilidade da mente e, como observa Orwell no seu profético romance 1984, *indiferença*: «apercebeu-se de que a feição verdadeiramente característica da vida moderna não era a crueldade e a in-

<sup>6</sup> C.S. Lewis, *Vorazmente Teu*, Grifo, Lisboa 1995, p. 61. (Itálico nosso).

segurança, mas simplesmente a miséria, a sujidade e a indiferença». <sup>7</sup> É uma «indiferença» que corrói o íntimo do eu e que escava uma distância, um fosso, entre nós e aquilo que acontece: «Não tinha nada à minha volta que pudesse admirar e que pudesse arrastar-me», escreve Dostoiévski <sup>8</sup>.

Nada parece, portanto, ser capaz de envolver verdadeiramente o eu. As relações que temos, as coisas que fazemos aborrecem-nos, até aquelas que durante algum tempo nos entusiasmaram.

É este o rosto que assume hoje em dia o niilismo: uma astenia, uma ausência de tensão, de energia, uma perda do gosto de viver. «Há mais riqueza, sim, mas menos força; desapareceu a ideia aglutinadora; tudo amolece e apodrece, tudo e todos! Todos, todos, mas todos apodrecemos!...» <sup>9</sup>.

## **2. O enfraquecimento de um sentido à altura da vida**

Numa poesia escrita quando tinha apenas dezassete anos, Cesare Pavese exprime a angústia pelo enfraquecimento de um sentido proporcional à expectativa da vida humana: «Andar pelas ruas solitário / atormentado continuamente pelo terror / de ver desvanecer sob os meus olhos / as criações tão aneladas; / sentir enfraquecerem na alma / o ardor, a esperança ... tudo ...

<sup>7</sup> Cf. G. Orwell, *Mil Novecentos e Oitenta e Quatro*, Edições Antígona, Lisboa 1999, p. 82.

<sup>8</sup> F. Dostóiévski, *Cadernos do Subterrâneo*, Assírio e Alvim, Lisboa 2000, p. 78.

<sup>9</sup> F. Dostóiévski, *O Idiota*, Editorial Presença, Lisboa 2001, p. 392.

tudo / e ficar assim sem um amor, / [...] / condenado à tristeza quotidiana».<sup>10</sup>

Há uns meses, escrevia-me uma jovem universitária: «No último período, como nunca me tinha acontecido antes, dei-me conta de que vivo momentos de vazio, momentos em que o horizonte da minha vida é caracterizado pela diminuição do desejo e eu desapareço, vivo pela metade. O nada dentro de mim fala de forma delicada, incita-me a poupar-me: a poupar as minhas energias, porque só vale a pena fazer aquilo que tenho na cabeça, sem sequer ter em consideração outras propostas; a poupar nas relações, porque não vale a pena partilhar as minhas dificuldades. Em suma, incita-me ao mínimo indispensável e eu estou cada vez mais árida e descontente. Também nestes últimos dias de novembro me parece viver numa atmosfera sepulcral: diante de tantas ocasiões bonitas, desde a relação inesperada com os caloiros até à licenciatura dos amigos mais velhos, muitas vezes dou por mim prisioneira dos meus pensamentos e das minhas dificuldades. Apercebo-me, precisamente, de que estou à mercê do nada, de um mal estar que não consigo explicar».

À mesma experiência alude a passagem de uma outra carta, que recebi recentemente: «Estando em casa sem trabalho [por causa do isolamento imposto pela emergência de saúde pública] comecei a experimentar na pele o que é este nada a que te referes. Se este tempo não for preenchido por alguma coisa que permanece, é completamente vazio e eu sou um nada».

Mas isso não é tudo. Às características referidas junta-se, com efeito, também um sentimento de impotên-

<sup>10</sup> C. Pavese, «A Mario Sturani», Monza – Turim, 13 de janeiro de 1926.

cia para modificar a atitude que assumimos («a atitude impalpável de um vazio irrecuperável», dizíamos), para nos reerguermos, como se não bastassem os esforços e nem sequer certos estímulos que nos chegam de fora para nos nos voltar a pôr de pé, para nos fazer mudar o nosso olhar sobre nós mesmos e sobre as coisas, para nos fazer perceber a espessura da realidade e nos resgatar do vazio que sentimos.

É uma experiência dolorosa que é comum a muitos dos nossos contemporâneos. «Porém, nem a boa vontade pode impedir o retorno cada vez mais frequente destes momentos onde a solidão absoluta, a sensação de vacuidade universal e o pressentimento de que a existência se assemelha a um doloroso e definitivo desastre premeditam o mergulho num estado de verdadeiro sofrimento».<sup>11</sup> É por isso que o Papa Francisco defende que hoje em dia «a grave ameaça [...] é a perda do sentido da vida».<sup>12</sup>

Precisamos de alguma coisa que seja capaz de despertar todo o alcance do nosso desejo e que nos volte a abrir à provocação da realidade, das circunstâncias, para que possamos «viver sempre intensamente o real».<sup>13</sup> Damo-nos conta de que o simples acontecer das coisas não basta, encontramos-nos na situação de quem tenta subir uma encosta e escorrega para trás uma e outra vez, volta ao ponto de partida. Voltamos a cair no nosso nada. Não vemos o que se pode opôr a ele e não percebemos de onde partir. Estamos por isso profundamente desconfortáveis com nós próprios.

<sup>11</sup> M. Houellebecq, *Extensão do domínio da luta*, Edições Quasi, Vila Nova de Famalicão 2016, p. 14.

<sup>12</sup> Francisco, *Audiência geral*, 27 de novembro de 2019.

<sup>13</sup> L. Giussani, *O sentido religioso*, Verbo, Lisboa 2008, p. 151.

É o mal estar identificado nos jovens – que, porém, se estende a todos – pelo psicanalista Umberto Galimberti: «Os jovens não estão bem, mas nem sequer percebem porquê».<sup>14</sup>

«Esta frase de Galimberti», escreve-me um jovem amigo, «dilacerou-me o coração, porque descreve perfeitamente a minha vida neste período. Há já uns meses que surgiu em mim uma espécie de insatisfação e de tristeza em tudo aquilo que faço. Vejo que esta insatisfação está em tudo, como se sob a máscara dos sorrisos e das mil coisas para fazer reinasse o nada, uma ausência de significado verdadeiro, uma ausência de letícia verdadeira. Faltando o significado, resta apenas o dever, uma obrigação inútil, que me puxa ainda mais para o fundo. Talvez seja precisamente este o niilismo de que nos falas tantas vezes. É um problema que tem a ver com a minha existência. Com efeito, é como se a vida agora fosse menos vida. E a primeira prova disto é que tudo aquilo que não corre de acordo com os meus planos se torna um pedregulho que me soterra. Basta um nada, uma pequena coisa que não corre como eu queria, e eu vou-me abaixo, rendo-me, deixo-me ir. Diante da realidade, estou como que resignado e triste. Apesar das máscaras, de tentar fazer de conta de que não é nada, de me esforçar por seguir em frente, dou-me conta de que, no fundo, diante de todas as coisas que me acontecem e que vejo, estou triste, mas não percebo o porquê. Há apenas alguns anos era o oposto, as dificuldades eram trampolins, não pedregulhos; agora, tento não ver a

<sup>14</sup> U. Galimberti, «A 18 anni via da casa: ci vuole un servizio civile di 12 mesi», entrevista de S. Lorenzetto, *Corriere della Sera*, 15 de setembro de 2019.

necessidade que tenho no coração, finjo que não existe, finjo que estou bem, já nada me espanta. Preciso de alguma coisa grande que vença o nada em que caí. Preciso de perceber aquilo que me acontece durante o dia, porque não quero permanecer neste nada».

Deixamo-nos andar, contando com as coisas banais, sem pretensões, para preencher de algum modo o tempo que passa. «O nada não se escolhe, nós abandonamo-nos ao nada»,<sup>15</sup> porque, como dizia Malraux, «não há ideal a que possamos sacrificar-nos», pelo qual nos possamos verdadeiramente empenhar, «porque de todos eles conhecemos a mentira, nós que ignoramos em absoluto o que seja a verdade».<sup>16</sup>

O niilismo atual, em suma, já não é o de antigamente, que se arremessava heroicamente contra os valores; o de hoje não é ambicioso: tem o rosto de uma vida “normal”, mas com o caruncho dentro, porque nada parece valer a pena, nada nos atrai, nada nos prende verdadeiramente. É um niilismo vivido de forma passiva, que penetra sob a pele e leva a um cansaço do desejo, como um maratonista esgotado um instante depois de ter partido. Augusto Del Noce falava de «niilismo alegre», «sem inquietações», que queria afogar o «*inquietum cor meum agostiniano*» em prazeres superficiais.<sup>17</sup>

<sup>15</sup> C. Fabro, *Libro dell'esistenza e della libertà vagabonda*, Piemme, Casale Monferrato (AL) 2000, p. 28.

<sup>16</sup> A. Malraux, *A Tentaçao do Ocidente*, Edição «Livros do Brasil» Lisboa, Lisboa, p. 150.

<sup>17</sup> A. Del Noce, *Lettera a Rodolfo Quadrelli*, Inédito, 1984. «O niilismo hoje corrente é o niilismo gaio, sem inquietações (talvez o pudessemos definir pela supressão do *inquietum cor meum agostiniano*)».

### 3. A liberdade diante de uma alternativa

Neste contexto, a nossa liberdade encontra-se diante de uma alternativa. Perguntemo-nos: podemos limitar-nos a observar, de forma desprendida, o espetáculo do nada que avança na nossa vida, como escreve Houellebecq? «Posicionado no cruzamento do espaço e do tempo, / observo com olhar frio o avanço do nada».<sup>18</sup>

A liberdade também pode decidir não ver e fugir: «Ok, estamos à mercê do nada. Pfff, quero lá saber!», iludindo-se de que resolve o problema simplesmente afastando o olhar. Podemos sempre fazê-lo. Edgar Morin, um dos mais conhecidos pensadores europeus vivos, observa perspicazmente: «Compreendi que uma fonte de erros e de ilusões é ocultar os factos que nos perturbam, anestesiá-los e eliminá-los da nossa cabeça».<sup>19</sup> Como que a dizer: vai-se o dente, vai-se a dor; olhos que não veem, coração que não sente. Tentámos de tudo, no tempo do Coronavírus. Se Job tivesse vivido nesta nossa época, o seu amigo Zofar, para o consolar pelas desgraças sofridas, ter-lhe-ia dito: «Nos momentos de isolamento, é preciso distraírmolos! Não há melhor analgésico do que o prazer!».

Mas isto é verdade? Podemos verdadeiramente ter sucesso na tentativa que Del Noce atribui ao niilismo alegre, ou seja, suprimir a inquietação do coração ou, como diz Morin, eliminar do nosso pensamento o avanço do nada? Que cada um olhe para a sua experiência e ajuíze. Podemos realmente resolver deste modo o problema, apenas virando a cara para o outro lado?

<sup>18</sup> M. Houellebecq, *Cahier*, La nave di Teseo, Milão 2019, p. 23.

<sup>19</sup> E. Morin, *Insegnare a vivere. Manifesto per cambiare l'educazione*, Raffaello Cortina, Milão 2015, p. 14.

Há quem, como Andrea Momoito, tenha a sinceridade de confessar a impraticabilidade deste caminho: «Estás a viver um dia difícil? Não te preocupes, eu mando-te uma daquelas piadas parvas que continuamos a fazer circular por WhatsApp, ainda que de facto não as ache divertidas, ainda que me sinta uma cínica que tenta arrancar um sorriso aos outros enquanto tudo aquilo que quero fazer é ver o *Hospital Central* [uma série de TV]. Troco vídeos com a minha colega Andrea Liba, penso em imagens gif parvas para publicar no Instagram e depois vou-me abaixo porque não acredito em nada. Preciso de saber que o meu mundo está aqui, mas não é assim. [...] Já não tenho mais nada para dizer, senão que estou desesperada, que tenho dificuldade em entender tanta alegria no ar e tanto otimismo, tantos pedidos de Zoom, tantas mensagens, tantos aplausos e tantas parvoíces. [...] Não me resta senão aprender a conviver com esta raiva. Esta raiva que me invade e pela qual não sei a quem culpar».<sup>20</sup> De forma igualmente sincera, Sol Aguirre confessa ter elaborado uma receita da qual ela própria reconhece a inconsistência: «E eis-me aqui, a contar parvoíces [...] para ver se por acaso uma delas provoca um sorriso num rosto carrancudo. O riso, mais uma vez, como antídoto para uma realidade demasiado sombria. O riso, tantas vezes tão desprezado, é sempre o meu remédio».<sup>21</sup>

O facto é que queremos viver intensamente e que, como escreve Simone Weil, «ninguém [...] se contenta pura e simplesmente com viver [...]». Queremos viver

<sup>20</sup> A. Momoito, *Público*, 10 de abril de 2020.

<sup>21</sup> S. Aguirre, *El Español*, 3 de abril de 2020.

para qualquer coisa».<sup>22</sup> Mais uma vez, Dostóievski adverte-nos: «Podemos errar nas ideias, mas não é possível errar com o coração ou perder a própria consciência devido a um erro».<sup>23</sup>

Se não é possível errar com o coração, o que é que isto implica?

Podemos até decidir não levar em consideração, removendo-o, o nosso mal estar, ou seja, o problema daquele nada que corrói os nossos dias. Mas, eis a surpresa, a dor permanece. E como!

A inquietação do coração pode ser ocultada, não suprimida; a insatisfação pode ser dissimulada, não eliminada. Há qualquer coisa em nós que, no fim de contas, não pode ser calada. Apesar das máscaras que pomos, e de tentarmos fingir que nada se passa, esforçando-nos por seguir em frente, estamos tristes e tudo é como um pedregulho que nos esmaga. Muito diferente de “vai-se o dente, vai-se a dor”! A dor permanece. Porquê? Porque há em nós alguma coisa que resiste e se faz sentir. «Sentia qualquer coisa que se recusava a morrer no fundo de mim, no fundo do meu coração, da minha consciência, que teimava em não morrer, que se traduzia numa angústia ardente».<sup>24</sup>

O que é que resiste? Escreve-o Houellebecq na carta a Bernard-Henri Lévy que eu citei outras vezes e que me parece testemunhar de forma exemplar a dinâmica humana que estamos a descrever: «Para mim é penoso admitir que experimentei, cada vez com maior frequência, o desejo de ser amado. Um mínimo de reflexão

<sup>22</sup> S. Weil, *L'amore di Dio*, Borla, Roma 1979, p. 78.

<sup>23</sup> F. Dostóievski, *Lettere sulla creatività*, Feltrinelli, Milão 1991, p. 55.

<sup>24</sup> F. Dostóievski, *Cadernos do subterrâneo*, op. cit., p. 161.

convencia-me, [...] de todas as vezes, do absurdo de tal sonho [...]. Mas a reflexão não podia fazer nada, o desejo persistia e devo confessar que persiste até hoje».<sup>25</sup>

Então não nos enganemos e não deixemos que ninguém nos engane, dizendo que basta olhar para o outro lado para “resolver” o problema da vida: o niilismo encontra um ponto de resistência antes de mais em nós próprios. E é preciso prestarmos atenção a isso.

Diante do desafio do coronavírus, Isabel Coixet tem de admitir a sua impotência: «Tudo aquilo que dávamos por adquirido já não existe. E aquilo que se abre diante de nós é um nevoeiro cerrado, privado de luz. Reconheço que não sei viver esta hora, estes minutos que estão a tornar-se eternos».<sup>26</sup> A realizadora espanhola reconhece que não consegue estar diante daquilo que lhe está a acontecer, a ela e a nós, e isto provoca-lhe um mal estar que transforma os minutos que passam num pesadelo que parece não ter fim. Sol Aguirre, por seu lado, descreve a experiência do isolamento: «Durante a primeira semana de confinamento tive medo. Não só por causa do vírus, mas também pela possibilidade de que a tristeza me viesse visitar. Refiro-me àquela insuportável e duradoura tristeza que ofusca a vista e a vida. Não o confessei a ninguém porque sei o que me diriam: sê feliz, faz projetos, encontra soluções».<sup>27</sup>

<sup>25</sup> M. Houellebecq, B-H. Lévy, *Nemici pubblici*, Bompiani, Milão 2009, p. 10.

<sup>26</sup> I. Coixet, *ABC*, 31 de março de 2020.

<sup>27</sup> S. Aguirre, *El Español*, 10 de abril de 2020.

#### 4. O desejo inextirpável

O que é que se torna evidente nestas reações, nestas confissões sinceras e abertas? A permanência daquela estrutura original do eu humano à qual pertence o desejo de se realizar, de ser amado e de amar, de conhecer o significado exaustivo de si e da realidade. É espantoso ver surgir isto em alguém como Houellebecq. Não temos qualquer poder sobre a direção última do nosso desejo, sobre a tensão que atravessa o profundo do nosso ser. É aquilo a que Agostinho deu voz, de forma inesquecível: «*Fecisti nos ad te et inquietum est cor nostrum donec requiescat in te*».<sup>28</sup> É esta estrutura original do coração que se anuncia, na sua irredutibilidade, talvez sob outros nomes, precisamente no fundo de niilismo que se tornou hoje hábito cultural e fenómeno social.

Qual é então o primeiro gesto de quem não quer viver fugindo de um problema que não sabe resolver? Reconhecer, precisamente neste contexto de vazio de sentido, que há algo de incomprimível, inextirpável, que resiste ao niilismo e a todo o cinismo racionalista. O que é que resiste? O meu eu, irredutível.

Se estiver atento, tenho de reconhecer a persistência de uma estrutura elementar do meu eu, de mim, ainda que afetado pelo vazio de sentido no qual estou imerso, tendo-se este tornado, de há algum tempo para cá “clima”, “cultura”. Quanto mais o nada se espalha, mais as feridas e as expetativas da nossa humanidade emergem com toda a sua força, já não encobertas pelas dialéti-

<sup>28</sup> Santo Agostinho, *Confissões*, Livro I, I,1. «porque tu nos fizeste para ti, e o nosso coração está inquieto enquanto não repousar em ti.». Edição Bilingue, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2000.

cas culturais e pelos projetos coletivos, que já não nos dominam: são expetativas e feridas que emergem com o seu rosto mais elementar, sem a armadura de demasiados discursos. «Havia alguma coisa que não morria dentro de mim», dizia Dostóievski. E Chesterton nota: «Só quando naufragamos de verdade, é que identificamos verdadeiramente aquilo que nos acontece».<sup>29</sup>

Com a explosão da epidemia do Coronavírus, vimos isto de forma surpreendente: despertados do nosso torpor, surgiram as perguntas. «Estávamos numa época – afirma Maurizio Maggiani, entrevistado pela *Tracce* – que parecia ter acabado ali. Em que já não podia acontecer mais nada, tudo tinha uma lógica própria, inatacável. O sistema não podia ser danificado. [...] E, pelo contrário, um movimento telúrico encrespou esta vastidão imóvel e fez dela uma paisagem conturbada». Qual foi o primeiro resultado deste terramoto? As perguntas. «É necessário que cada um se faça as perguntas, porque nos colocam num espaço menos restrito, arrancam-nos das barras da prisão a que nos confinámos. [...] Nos tumultos, no nosso caos, nós podemos conduzir-nos à razão, à condição adulta. Como? Precisamente perguntando. Fazendo perguntas». Diante das perguntas, aplaca-se «toda a arrogância, a soberba»,<sup>30</sup> que tantas vezes nos acompanham.

Desafiados por uma circunstância vertiginosa, as perguntas abriram uma brecha no muro da zona de confor-

<sup>29</sup> G.K. Chesterton, *Le avventure di un uomo vivo*, Mondadori, Milão 1981, p. 62.

<sup>30</sup> M. Maggiani, «Il cambio della vita» entrevista de Alessandra Stoppa, *Tracce-Litterae communionis*, n. 5/2020, pp. 15-16.

to em que nos tínhamos refugiado. A bolha desfez-se em pedaços: «Vivemos demasiado tempo sob anestesia», diz Nuria Labari, «fazendo parte de um sistema demasiadas vezes errado nos seus fundamentos».<sup>31</sup> Verificámos na nossa pele aquilo que Giussani afirma no décimo capítulo d'*O sentido religioso*: «Alguém que tivesse vivido pouco o impacto com a realidade, porque, por exemplo, tivesse tido muito poucas obrigações, teria um débil sentido da consciência pessoal, pouco perceberia da energia e vibração da sua razão».<sup>32</sup>

Há momentos em que a realidade nos atinge com tanta força que é muito difícil atenuar-lhe o golpe, iludir ou ignorar a sua provocação. Aquilo que aconteceu despertou – com o contributo da nossa liberdade – a nossa atenção, voltando a pôr em movimento a nossa razão, libertando as perguntas de sentido que exprimem a sua natureza. Estou a falar daquela urgência de significado que nos constitui e que o impacto – aceite – com a realidade nua e crua trouxe ao de cima de forma imponente. Foi neste sentido que falámos de um «despertar do humano».<sup>33</sup>

## 5. Um grito que implica a resposta

Quanto mais o niilismo avança, mais insuportável se torna viver sem um sentido, mais se faz sentir o desejo indestrutível de sermos queridos, de sermos amados.

<sup>31</sup> N. Labari, *El País*, 18 de março de 2020.

<sup>32</sup> L. Giussani, *O sentido religioso*, op. cit., p. 141.

<sup>33</sup> Cf. J. Carrón, *O despertar do humano, Reflexões de um tempo vertiginoso*, <https://it.clonline.org/cm-files/2020/04/23/odespertar-dohumano-pt.pdf>.

É o que acontece ao «filho pródigo»<sup>34</sup> de que fala o Evangelho: quanto mais baixo desce, mais surge nele, surpreendentemente, a saudade do seu pai. Mas até quem pensa que não tem um pai se dá conta de que o desejo de ser amado persiste, irredutível, como demonstrava a carta de Houellebecq a Bernard-Henri Lévy. Este desejo não diminui, não se extingue. «O nosso tempo é diferente em relação às palavras, fugas e dogmas. No entanto, conhece o significado do desejo».<sup>35</sup> Tchékhev observa, a este propósito, que para percebermos quem se encontra à nossa frente, o ponto para onde olhar é o seu desejo: «Quando, no passado, me surgia a vontade de perceber alguém, ou a mim mesmo, examinava já não as ações [como tantas vezes somos tentados a fazer, sobretudo em relação a nós próprios: com um encarniçamento moralista, bloqueamos facilmente o olhar naquilo em que erramos, para depois nos condenarmos], em que tudo é complicado, mas os desejos».<sup>36</sup> É o que faz Jesus: o que é que ele vê na Samaritana? A sua sede. O seu desejo. Ele dirige-se à sede daquela mulher: «Eu tenho uma água, uma água nova, diferente, a única que satisfaz a tua sede».<sup>37</sup> Neste sentido, Tchékhev conclui: «Diz-me o que desejas, dir-te-ei quem és».<sup>38</sup>

O nosso desejo, aquilo que verdadeira e profundamente queremos, identifica o rosto último do nosso eu.

<sup>34</sup> Lc 15,11-32.

<sup>35</sup> E. Varden, *La solitudine spezzata. Sulla memoria cristiana*, Qiqajon – Comunidade de Bose, Magnano (Bi) 2019, p. 143.

<sup>36</sup> A. Tchékhev, «Una storia noiosa» in Id., *Racconti*, Einaudi, Turim 1974, p. 201.

<sup>37</sup> Cf. Jo 4,4-42.

<sup>38</sup> A. Tchékhev, «Una storia noiosa» in Id., *Racconti*, op. cit., p. 201.

Dizia Giussani: «Creio que este meu contínuo apelo ao desejo, que me vem da experiência da minha vida, [...] é uma das coisas que torna mais simpático [mais interessante] aquilo que digo, porque é uma coisa evidentemente humana, mas é a coisa menos adquirida de todas».<sup>39</sup> Muitos desejariam, de facto, sufocá-la, olhar para o outro lado, pisá-la.

Como viver nesta situação? De onde partir para recuperar a vida que corremos o risco de perder? Esta pergunta exprime uma urgência existencial, é como um espinho cravado na carne. Devido à irredutibilidade do desejo, que resiste apesar do nada se espalhar e que torna dramática a vida fazendo arder ainda mais a pergunta, estamos diante de uma alternativa: ou resignarmo-nos, olhando para o outro lado, fingindo que não se passa nada e enganando-nos a nós próprios, ou seguir a urgência do coração que ninguém pode extinguir, deixando que o nosso desejo grite. Podemos reconhecer o real, a começar pelo nosso mal-estar, e gritar a nossa sede de um significado exaustivo, de uma satisfação total.

Mas... será razoável gritar se, no fim, não houver nada? Às vezes damos por nós desencorajados, cansados de gritar. Outras vezes prevalece a dúvida sobre se vale a pena gritar. A razão deste desencorajamento, desta dúvida, é que damos como óbvia a existência do grito do coração, daquele desejo que resiste a qualquer niilismo. Mas a existência do grito, da pergunta, do desejo, é a coisa menos óbvia que existe. Assim que

<sup>39</sup> Fraternidade de Comunhão e Libertação (FCL), *Documentação audiovisual*, Jornada de meditação para casais, Milão, 23 de janeiro de 1977.

pensamos nisso, começamos a maravilhar-nos com a sua existência. Ora, o que é que implica a existência do grito?

Se existe o grito, existe a resposta. Uma afirmação deste tipo torna-se às vezes difícil de perceber e de aceitar. O motivo é o que foi referido: nós damos por adquirido o grito. Usando a fundo a razão, fiel ao que surge na experiência, Giussani identifica uma lei permanente: «A afirmação da existência da resposta» está «implicada no facto mesmo da pergunta».<sup>40</sup> Por mais misteriosa que seja, a resposta existe. Está implicada na pergunta (neste sentido, na entrevista citada, Maggiani observa que a resposta «está já na pergunta»<sup>41</sup>). De facto, prossegue Giussani, «não admitir a existência de resposta é suprimir a pergunta».<sup>42</sup>

O eu de cada um de nós «é fome e sede e paixão por um objecto último que surge no horizonte, mas que está sempre para além dele».<sup>43</sup> O pedido de significado, de amor, de realização, é afirmação implícita de «de uma resposta última que está para além das modalidades existenciais experimentáveis», mas existe. Porque é que eu sei que existe? Porque – repito – a sua existência está implicada no próprio dinamismo da minha pessoa, na estrutura exigencial da minha humanidade. «Se fosse eliminada a hipótese de um “além”, essas exigências seriam sufocadas contra a natureza».<sup>44</sup>

O pedido de significado total, de explicação total, é constitutivo da nossa razão, é a sua máxima expres-

<sup>40</sup> L. Giussani, *O sentido religioso*, op. cit., p. 84.

<sup>41</sup> M. Maggiani, «Il cambio della vita», op. cit., p. 15.

<sup>42</sup> L. Giussani, *O sentido religioso*, op. cit., p. 83.

<sup>43</sup> *Ibidem*, p. 74.

<sup>44</sup> *Ibidem*, p. 159.

são. O simples facto de ele se apresentar “obriga-nos” a afirmar a existência da resposta, ainda que para lá do horizonte daquilo que nós medimos. «Esta explicação [a razão, o eu] o homem não a pode encontrar dentro do horizonte da sua experiência de vida [...]. Se se quiser salvar a razão, isto é, se quisermos ser coerentes com esta energia que nos define; se quisermos não a negar, basta o seu próprio dinamismo para nos forçar a afirmar a resposta exauriente para além do horizonte da nossa vida».<sup>45</sup> Esta não coincide com nada do que eu posso agarrar, não sei o que é, mas sei que existe. Caso contrário não existiria o grito, não poderíamos explicar a existência do pedido.

Quando abolimos a categoria da possibilidade, que é o próprio tecido da razão, quando, devido à dificuldade de afirmar a resposta, por causa da sua irredutibilidade ao horizonte daquilo que podemos agarrar, dizemos: «Não existe, não é possível que exista», renegamos a razão na sua própria essência, deprimimos o seu dinamismo vital. Se eu me encontrasse perdido numa floresta, gritar «Socorro!» seria o gesto mais razoável. Mas o gritar implica a possibilidade de que haja alguém que ouve o meu grito. Por mais remota que seja, com efeito, não posso nunca excluir de forma absoluta a possibilidade de que outro me esteja a ouvir – possibilidade que remete para a existência de outros. Caso contrário, seria absurdo gritar.

Não admitir a existência da resposta, no sentido referido, significaria negar a pergunta – que, porém,

<sup>45</sup> *Ibidem*, p. 161. Pouco mais à frente, na página seguinte, Giussani prossegue: «O vértice da conquista da razão é a percepção de um existente desconhecido, inatingível, a que todo o movimento do homem é destinado, porque também é dele que depende. É a ideia de *mistério*».

existe –, renegar o ímpeto da razão, trair o ímpeto do desejo. Cá está, é esta «irracionalidade», este «não espero»,<sup>46</sup> aquilo por que o homem contemporâneo, ou seja, cada um de nós, é fortemente tentado, por causa das dificuldades que encontra ao longo do caminho.

## 6. Um «tu» que acolha o grito

O grito – como expressão da urgência de sentido da razão, do desejo de realização do coração – pertence à natureza do ser humano; pode ser atenuado, enfraquecido, confrontado, mas não erradicado, nem por nós, nem pelos outros; não está em nosso poder fazê-lo. Esse é «o maior sinal de grandeza e de nobreza que se possa ver na natureza humana»,<sup>47</sup> escreve Leopardi. Claro, somos de diversas maneiras tentados a não o termos em consideração e muitas vezes constatamos como é difícil abrimo-nos e mantermo-nos fiéis a toda a sua dimensão. Em determinados momentos do confinamento, como muitos testemunharam, sentimo-lo aflorar com mais nitidez, com maior inexorabilidade. Noutros momentos, ele é como uma fome que tende a regredir, devido à dificuldade em obter o alimento que a satisfaz, ou como uma busca que enfraquece porque não vê aparecer indícios daquilo que procura.

Quando é que a pergunta desperta em toda a sua dimensão? Quando encontramos diante de nós uma presença que responde, uma presença à altura do

<sup>46</sup> Cf. *ibidem*, op. cit., pp. 102-104.

<sup>47</sup> G. Leopardi, *Pensamentos*, LXVIII, Edições do Saguão, Lisboa 2018, p. 97.

nosso pedido de totalidade. Não temos dificuldade em imaginar, portanto, como se terá elevado, forte e impossível de conter, o grito do cego Bartimeu, quando soube que se aproximava alguém de quem tinha ouvido dizer que respondia ao pedido mais profundo da vida dos homens.

«Quando ia a sair de Jericó com os discípulos e uma grande multidão, estava um cego, chamado Bartimeu, filho de Timeu, a pedir esmola à beira do caminho. Ao ouvir que era Jesus de Nazaré que passava, começou a gritar [grita-se diante de alguém. Terá passado muita gente ao lado de Bartimeu, mas só quando ouviu falar daquele homem, alguém com nome e apelido, é que começou a gritar:] [...] “Jesus, Filho de David, tem piedade de mim!” [não se grita diante de qualquer um, grita-se diante de alguém que tem um nome concreto]. Muitos repreendiam-no para que se calasse. Mas ele gritava cada vez mais: “Filho de David, tem piedade de mim!”. Jesus parou e disse: “Chamai-O!”. Chamaram então o cego e disseram-lhe: “Coragem! Levanta-te, que Ele está a chamar-te!”. O cego atirou fora a capa, deu um salto e foi ter com Jesus. Jesus perguntou-lhe: “Que queres que Eu te faça?».<sup>48</sup>

Desde então, desde que Jesus irrompeu na história, existe no horizonte de vida dos homens uma Presença a quem gritar, Alguém que, diante do grito de cada um de nós, nos pergunta: «Que queres que Eu te faça?». Há Alguém que abraça o nosso grito, uma Presença que já ninguém pode eliminar, pois é um Facto que aconteceu e que acontece, que permanece na história. É oferecida a cada um de nós a possibilidade de o encontrar.

<sup>48</sup> Mc 10,46-51.

Qualquer que seja a situação em que nos encontramos, a aridez ou o cansaço que temos dentro de nós, a incapacidade de sermos tomados pelas coisas ou o nada que nos assalta, nada poderá evitar - qualquer que seja a posição que depois decidamos assumir - sermos alcançados, ouvirmos ressoar, ribombar a pergunta de Cristo como sendo dirigida a nós pessoalmente: «Que queres que Eu te faça?». E nada nos pode impedir de responder como o cego Bartimeu: «Mestre, que eu veja!»,<sup>49</sup> que eu possa «ver», ou seja, experimentar a Tua atração que me arrasta para fora do nada.

A companhia cristã é constituída por aqueles que, como Bartimeu, intercetaram e acolheram esta Presença capaz de receber o grito da nossa humanidade, despertando um último, irredutível amor por nós mesmos, uma de outro modo impensável ternura para conosco, sustentando o caminho humano para que este não resvale no nada.

<sup>49</sup> Mc 10,51.

## CAPÍTULO 2

# «COMO PREENCHÊ-LO, ESTE ABISMO DA VIDA?»

A pergunta que colocámos no centro da nossa atenção é fundamental: «O que é que nos arranca do nada?». Como é que podemos, no inevitável drama da vida, não sucumbir à nossa vulnerabilidade e à nossa impotência? O que é que pode responder ao vazio de sentido? O choque provocado pelo Coronavírus, que abalou cada um de nós fazendo-nos reear pelas nossas vidas, tornou ainda mais premente a pergunta, colocando-nos na condição de triar com maior clareza as tentativas de resposta.

### **1. Tentativas insuficientes**

#### *a) Argumentos que já não prendem ninguém*

Alguns pensam que basta um discurso para vencer o desafio do nada que avança. Mas os meros discursos, como a nossa experiência nos demonstra, não chegam. Um pensamento, uma filosofia, uma análise, psicológica ou intelectual, não são capazes de fazer recomeçar o humano, de voltar a dar fôlego ao desejo, de regenerar o eu. As bibliotecas estão cheias disso e, com a Internet, tudo está ao alcance da mão, mas ainda assim o nada espalha-se. Tornamo-nos tanto mais conscientes desta

insuficiência quanto mais prestamos atenção ao que se agita no íntimo de cada um de nós. «No ser humano está em jogo alguma coisa que é obscurecida, suprimida, ignorada, distorcida. Como penetrar em tal couraça, e como saber se é esta a sua aspiração última? Empenhados no estudo do comportamento humano, demasiadas vezes descuramos a desorientação humana».<sup>50</sup>

Quantas palavras, daquelas que ouvimos e que até dizemos, caem em saco roto! É o que denuncia Shakespeare com o seu modo cáustico: «Sabe dizer o maior número de ninharias. Seus raciocínios são como dois grãos de trigo perdidos em dois alqueires de palha miúda; terias que procurá-los um dia inteiro para encontrá-los, e, quando os tivesses achado, não valeriam o trabalho que deram para ser procurados».<sup>51</sup> A razão pode andar às voltas com argumentos privados de conteúdo real. «A inteligência [...] sempre tentou desviar-se para um jogo de conceitos pelos quais se pode deixar fascinar, sem se dar conta de ter assim despedaçado a ligação que a une ao real».<sup>52</sup>

Não basta, em suma, propôr conceitos, por mais corretos e justos que sejam; não é isso que pode conquistar a vida e saciar a sede que a caracteriza. Não é tampouco um «discurso religioso» – «uma súpula de várias ideias desarticuladas que não conseguirão mobilizar os outros»<sup>53</sup> que pode arrebatá-lo o homem de hoje. Não é suficiente ter uma visão religiosa, falar de Deus, da

<sup>50</sup> A.J. Heschel, *Chi è l'uomo?*, SE, Milão 2005, p. 18.

<sup>51</sup> W. Shakespeare, *O mercador de Veneza*, Ato I, Cena I. in *Obra Completa*, Vol. II, Editora Nova Aguilar, Rio de Janeiro 1998.

<sup>52</sup> F. Varillon, *L'umiltà di Dio*, Qiqajon - Comunità di Bose, Magnano (Bi) 1999, p. 30.

<sup>53</sup> Francisco, Exortação apostólica *Evangelii gaudium*, 147.

transcendência ou do divino para sair do pântano do niilismo. Podemos ser culturalmente religiosos, ou até cristãos, e experimentar o vazio da existência, até ao desespero, para lá das palavras que se dizem e dos valores que se proclamam. Não serão as prédicas abstratas ou moralistas – sejam elas religiosas ou laicas – que nos arrancarão do nada. Por isso, Evdokimov escreve: «Não bastam os sermões, o relógio da história marca a hora em que já não se trata apenas de falar de Cristo; trata-se de tornar-se Cristo, lugar da sua presença e da sua palavra».<sup>54</sup> Os conceitos, mesmo quando são perfeitos, não conseguem produzir nem sequer um vislumbre daquilo que pode vencer o nada. A gnose, em qualquer versão, não pode competir com o niilismo existencial, concreto. E não basta mudar os conceitos e aumentar os nossos conhecimentos intelectuais para nos safarmos.

Dostóievski exprime à sua maneira a sua intolerância diante de um discurso vazio de experiência real: «estou farto desta tagarelice autoconsoladora, destes lugares-comuns que nunca mais acabam, invariáveis, a um ponto tal que [...] até coro quando, não só eu próprio, mas os outros falam assim na minha presença».<sup>55</sup> Mas a razão de tal intolerância – que no nosso tempo se tornou invasiva e que nós próprios experimentamos na primeira pessoa – é assinalada por von Balthasar: «Num mundo que já não se julga capaz de afirmar o belo, os argumentos a favor da verdade esgotaram a sua

<sup>54</sup> P.N. Evdokimov, *A loucura do amor de Deus*, Edições Paulistas, 1979, p. 61.

<sup>55</sup> F. Dostóievski, *Crime e castigo*, Coleção Mil Folhas PÚBLICO, 2003, p. 164.

força de conclusão lógica: ou seja, os silogismos giram segundo um ritmo pré estabelecido, como máquinas rotativas ou calculadoras eletrônicas que têm de cuspir um determinado número de dados por minuto, mas o processo que leva à conclusão [destes raciocínios, destes silogismos] é um mecanismo que já não convence ninguém e a própria conclusão já não conclui». <sup>56</sup> Podemos até dizer coisas que são verdadeiras, mas, na medida em que não acontecem diante dos nossos olhos como uma beleza concreta que atrai – «*pulchritudo est splendor veritatis*», <sup>57</sup> o belo é o esplendor da verdade, afirma São Tomás –, já não convencem ninguém, nem a nós, nem aos outros. Com efeito, diz ainda von Balthasar, «se ao *verum* falta aquele splendor que para Tomás constitui o sinal do belo, então o conhecimento da verdade continua a ser quer pragmático, quer formalista». <sup>58</sup>

### b) *Uma multiplicação de regras*

Outros pensam que o antídoto para o niilismo existencial é uma ética. Multiplicam-se assim os apelos ao dever, às «coisas a fazer», que podem até conquistar uma obediência, um obséquio, com vista à nossa sobrevivência e às várias conveniências, mas não respondem minimamente ao mal estar do eu, à sua urgência de

<sup>56</sup> H.U. von Balthasar, *La percezione della forma. Gloria. Una estetica teologica*, vol. I, Jaca Book, Milão 2005, p. 11.

<sup>57</sup> «*Pulchritudo consistit in duobus, scilicet in splendore, et in partium proportione. Veritas autem habet splendoris rationem et acqualitas tenet locum proportionis*», São Tomás, *Commentum in Primum Librum Sententiarum*, distinctio III, quaestio II, expositio primae partis).

<sup>58</sup> H.U. von Balthasar, *La percezione della forma. Gloria. Una estetica teologica*, op. cit., p. 138.

sentido. «Faltando o significado, resta apenas o dever, uma obrigação inútil, que me puxa ainda mais para o fundo»,<sup>59</sup> dizia o jovem amigo que citei anteriormente. É uma percepção bem expressa por Tolstói: «Por norma, depois de cada um destes despertares, Nekhliú-dov ideava para si as regras que tencionava cumprir sempre: fazia apontamentos no diário e começava uma nova vida que tinha a esperança de nunca mais mudar: turning a new leaf [voltar a página], como dizia a si mesmo. Porém, de cada vez, [...] voltava a cair, e não raro mais baixo do que antes ».<sup>60</sup> A ética, mesmo sendo louvável, não basta. E é de novo von Balthasar a desvelar a razão profunda: «Se ao *bonum* falta aquela *voluptas* [aquele fascínio que atrai a nossa pessoa e permite uma experiência de plenitude, de gozo] que para Agostinho é o sinal da sua beleza, então a relação com o bem mantém-se utilitarista e hedonista».<sup>61</sup>

Todos conhecemos a fragilidade de qualquer tentativa de apoiar a resposta para a sede de cumprimento, de plenitude, num esforço moral, numa nossa própria medida de empenho. No entanto, se em adultos nos habituamos a conviver com a incapacidade de os projetos, os programas de vida e as «coisas a fazer» satisfazerem a exigência que vem do fundo de nós, nos jovens a percepção do vazio e a fome de sentido são ardentes – mesmo quando são dissimuladas – e procuram de qualquer modo, talvez de forma contraditória, vias de satisfação ou de fuga. Num artigo que apareceu há uns meses no

<sup>59</sup> Ver aqui, p. 13.

<sup>60</sup> L. Tolstói, *Ressurreição*, Editorial Presença, Lisboa 2010.

<sup>61</sup> H.U. von Balthasar, *La percezione della forma. Gloria. Una estetica teologica*, op. cit., p. 138.

*Corriere della Sera*, com o título «Frágeis e sós, é assim que caem os nossos jovens», Susanna Tamaro escrevia: «Não há fim de semana em que não seja registado o triste relato de grupos de amigos que perdem a vida despistando-se nas estradas no final de uma noite de farras na discoteca. Para tentar limitar esta trágica realidade, evocam-se novas estratégias: mais controlos, testes de álcool à saída dos locais, meios de transporte que possam levar os jovens a casa sãos e salvos. Intervenções seguramente necessárias, e em parte salvíficas, mas que não são muito diferentes de querer delimitar um precipício com um arame farpado. Alguns salvar-se-iam, claro, mas o precipício estaria sempre e ainda assim ali à frente [...]. O que me espanta é que ninguém, depois destes acontecimentos que se repetem, pare e diga: mas o que é que está a acontecer?».<sup>62</sup>

Diante do abismo existencial, não se pode pensar que a solução seja o «arame farpado». Para preservar a vida do vazio não bastam as regras, as barreiras, os limites. Não pode ser esta a resposta para o mistério do nosso ser, e a experiência dá-nos disso uma contínua confirmação. As coisas não mudam nem mesmo se nós apelarmos, com mais requinte, ao que os gregos chamavam «justa medida», uma ética do limite que nos protegeria de impulsos, aspirações e desejos demasiado grandes. «Gostaria que esta cultura do limite – escreve Galimberti – fosse recuperada pela nossa cultura, que não conhece limites para o desejo».<sup>63</sup>

<sup>62</sup> S. Tamaro, «Fragili e soli, così cadono i nostri ragazzi», *Corriere della Sera*, 18 de outubro de 2019.

<sup>63</sup> U. Galimberti, «Il greco senso della misura», *D la Repubblica*, 16 de novembro de 2019, p. 182.

Será então o desejo um defeito a corrigir? Diante da sua imensidão, do seu excesso, que não nos dá tréguas, dos gregos aos nossos dias parece que a única estratégia possível é redimensioná-lo. Mas esta luta mais ou menos encarniçada para o reduzir a limites aceitáveis é a confirmação mais evidente da sua dimensão estrutural, da sua inquietante exorbitância. O falhanço de todas as tentativas de refrear o desejo colocando limites, impondo regras, demonstra a sua irredutibilidade, torna visível a permanência, no fundo do nosso ser, do cor inquietum agostiniano.

### c) *Baixar a fasquia do desejo*

As tentativas de reduzir e camuflar o desejo são contínuas e capilares, como faz notar Luisa Muraro: «A objeção e o engano vêm com a automoderação: que nos contentemos com pouco. O engano começa quando começamos a desvalorizar a imensidão das nossas necessidades e nos pomos a pensar que é preciso redimensioná-las às nossas forças, que são naturalmente limitadas». Consequentemente, conformamo-nos «com desejos fingidos, como os da publicidade, tendo como meta quaisquer resultados, já não concretizamos os nossos verdadeiros interesses, já não fazemos aquilo que verdadeiramente nos interessa, já não procuramos a nossa conveniência» verdadeira; «na prática, acabamos por trabalhar mais para ganhar menos». <sup>64</sup> Baixamos a fasquia do nosso desejo, tentando enganar o nosso coração. Escrevia-me um rapaz: «Eu tenho dificuldade em viver à altura do meu desejo e muitas vezes nívelo por

<sup>64</sup> L. Muraro, *Il Dio delle donne*, Mondadori, Milão 2003, pp. 31-32.

baixo, e contento-me com muito menos». Montale dizia: «Enche-se o vazio com o inútil». <sup>65</sup> «Não se pode matar o tempo sem o encher de ocupações que preencham aquele vazio. E uma vez que são poucos os homens capazes de olhar com olhar firme aquele vazio, surge a necessidade social de fazer alguma coisa, ainda que essa coisa sirva apenas para anestesiar a vaga apreensão de que aquele vazio está representado em nós». <sup>66</sup>

Há algo de mais decisivo hoje do que descobrir o tecido original do nosso desejo? «Aquilo que importa verdadeiramente focar – observa de Lubac – não é o tributo que, de forma mais ou menos gravosa, cada um paga à fraqueza humana: é a natureza e o alcance do seu desejo». <sup>67</sup> A ameaça mais insidiosa do nosso tempo é precisamente o desconhecimento da verdadeira dimensão do desejo humano; um desconhecimento que pode seguir vários caminhos e ser de várias formas incentivado por quem tem interesse em controlar as vidas dos outros.

Lewis, com a sua sagacidade, põe este conceito na boca de Escritorpo: «Os gostos e os impulsos mais profundos de cada homem são a matéria prima, o ponto de partida com que o Inimigo [Deus] os dotou. Afastar deles o homem é pois sempre um ponto a nosso favor. Ainda que em coisas indiferentes, é sempre desejável substituir pelos padrões do Mundo, ou da convenção, ou moda, aquilo de que um homem verdadeiramente

<sup>65</sup> E. Montale, *Nel nostro tempo*, Rizzoli, Milão 1972, p. 18.

<sup>66</sup> E. Montale, «Ammazzare il tempo», in Id., *Auto da fê*, Il Saggiatore, Milão 1966, p. 207.

<sup>67</sup> H. de Lubac, «Ecclesia Mater», in Id., *Meditazione sulla Chiesa*, vol. 8 – *Opera omnia*, Jaca Book, Milão 1979, p. 188.

gosta ou não gosta». <sup>68</sup> É esta a tática diabólica: afastar-nos dos nossos impulsos mais profundos, dos nossos desejos constitutivos, distraíndo-nos. Mas a distração, usada por qualquer poder para nos separar de nós mesmos, mostra o seu limite assim que a realidade volta a abalar-nos, como vimos nestes tempos do Coronavírus, rebentando a bolha dos enganos habituais. Com a distração, para usar uma frase do *rapper* Maracash que parece um epitáfio, «encho o tempo, mas não o vazio». <sup>69</sup>

## 2. A nossa humanidade

Se não acontece alguma coisa capaz de conquistar até ao fundo o nosso ser, despertando um interesse pela totalidade da realidade, tudo se torna estranho, como diz Joseph Roth: «A estranheza crescia em torno de cada um deles, cada um se sentava como que encerrado numa esfera de vidro, olhava para o outro e não o alcançava». <sup>70</sup> Mas nem os meros discursos, sejam eles laicos ou religiosos, nem os apelos ao dever, às «coisas a fazer», mesmo que em nome da religião, conseguem resgatar-nos até ao fundo daquela astenia do desejo e daquele entorpecimento do interesse a que nos referimos a seu tempo.

Prova-o a carta que um jovem amigo meu me escreveu: «Descubro em mim que a maior tentação é pensar

<sup>68</sup> C.S. Lewis, *Vorazmente teu*, op. cit., p. 64.

<sup>69</sup> «TUTTO QUESTO NIENTE - Gli occhi», di Marracash, 2019, © Universal Music.

<sup>70</sup> J. Roth, *Lo specchio cieco*, in Id., *Il mercante di coralli*, Adelphi, Milão 1981, p. 63.

já saber a resposta para esta pergunta: “O que é que nos arranca do nada?”. Mas de facto, estou sempre à beira do nada. Todas as coisas, até a minha namorada ou o estudo, até a minha licenciatura, podem tornar-se aborrecidas, todas iguais e de alguma forma distantes [insuficientes para colmatar o desejo]. Só depois me dou conta desta indiferença [a que nem os afetos escapam] e quanto mais olho para ela, mais me parece entrar em contradição também com aquilo que penso saber. Apercebo-me de que estou rodeado pelo nada, até simplesmente falando com os meus colegas de curso: o diálogo que acontece entre nós está à mercê do nada, passamos de um assunto ao outro sem nos lembrarmos já daquilo de que falávamos antes. Mas há uma coisa que percebo, diante de momentos deste género, e é que eu não sou feito para o nada. Preciso de não falar de banalidades, preciso de alguma coisa que me prenda e que me arranque do nada, mas parece-me que apenas dar-me conta disso não é suficiente para a intercalar».

Pelo contrário – digo eu – precisamente no dar-se conta de que não é feito para o nada há um elemento decisivo, indispensável, no caminho para identificar aquilo que nos arranca do nada: a descoberta da nossa aspiração humana, da nossa humanidade.

O que é esta nossa humanidade que não se deixa ludibriar, que não podemos enganar, à qual não podemos dar uma resposta qualquer, arbitrariamente escolhida? O engano e a distração cobrem o mal-estar, mas não nos arrancam do nada. Ainda que ferida, desajeitada, baralhada, a nossa humanidade não se deixa confundir, não se deixa enganar pelo primeiro que passa, e isto é o sinal de que está menos baralhada do

que parece. Ainda que às vezes, por falta de lealdade, ou de atenção, ou de uma moralidade última, sigamos aquilo que não é verdadeiro e nos deixemos arrastar por ele, mais cedo ou mais tarde a humanidade que existe em nós faz-nos dar conta de que seguimos uma grande ilusão, como dizia o título de um livro de François Furet, *Il passato di un'illusione* (*O passado de uma ilusão*), referindo-se à ilusão do comunismo.

A nossa humanidade constitui um limite crítico, em última instância ineludível. Vemos isso na experiência. «O que me agrada na experiência – escreve Lewis – é que se trata de uma coisa muito honesta. Podemos fazer muitos desvios errados; mas se conservarmos os olhos abertos, não poderemos afastar-nos muito até que apareça a placa indicativa certa. Podemos enganar-nos a nós mesmos, mas a experiência não procura enganar-nos. O universo responde a verdade quando o interrogamos honestamente».<sup>71</sup> A experiência, porém, para ser assim – eis o ponto –, implica um juízo, uma avaliação, e, portanto, um critério com base no qual o juízo pode ser formulado. Qual é o critério? A nossa humanidade. Esta não é simplesmente uma coisa que nos faz penar, um fardo que temos de carregar queiramos ou não, um abismo que não se consegue preencher e que é um entrave à nossa relação com a realidade: não, ela é precisamente o nosso critério de juízo.

Recordo ainda como exultei de alegria quando surpreendi em mim, de forma consciente, aquela capacidade de ajuizar que nos permite fazer experiência na relação com tudo. A experiência é um experimentar ajuizado por aquele critério que é a nossa humanidade:

<sup>71</sup> C.S. Lewis, *Sorpreso dalla gioia*, Jaca Book, Milão 1982, pp. 199-200.

um conjunto de exigências e de evidências originais que nos pertence estruturalmente e que se ativa na comparação com aquilo que vem ao nosso encontro. Descobri que aquele conjunto de exigências e evidências que tinha em mim próprio era o critério último para ajuizar aquilo que acontecia.

É a consciência do alcance cognitivo da nossa humanidade que leva Giussani a dizer: «Só uma tomada de consciência atenta e também terna e apaixonada de mim mesmo me pode abrir de par em par e dispor-me a reconhecer»,<sup>72</sup> a identificar aquilo por que vale a pena viver. Devíamos perguntar-nos se a mesma paixão, atenção, ternura caracterizam o nosso olhar sobre nós mesmos: às vezes quase que parece que se trata de uma coisa de outra galáxia diferente daquela em que nos encontramos. Que choque ouvir então Giussani afirmar: «Como é humano o humano, como é humana a humanidade!».<sup>73</sup> Como é humana a minha humanidade! Muitas vezes temos medo, não paixão pela nossa humanidade, porque nos encontramos confusos, incapazes de identificar a verdade, e no fim tudo se esfuma no abstrato. «Mergulhou numa espécie de cogitação profunda, ou antes, num devaneio, e continuou a andar, não reparando, nem querendo reparar, no que se passava à volta».<sup>74</sup>

Quanto mais colocamos entre parêntesis a nossa humanidade, mais hesitantes ficamos em reconhecer o valor daquilo que nos acontece, incertos sobre a direção a tomar. É o contrário daquilo que o poeta espanhol

<sup>72</sup> L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, Tenacitas, Coimbra 2012, p. 13.

<sup>73</sup> L. Giussani, *Affezione e dimora*, Bur, Milão 2001, p. 42.

<sup>74</sup> F. Dostoiévski, *Crime e Castigo*, op. cit., p. 8.

Jesús Montiel reparou com comoção nos seus filhos, no tempo do Coronavírus: «Os meus filhos nunca deixam de me surpreender. Durante o confinamento, não se queixaram uma única vez, ao contrário de nós, adultos. Aceitam a situação porque a verdadeira normalidade de uma criança é a sua família. Observei que uma criança que cresce num contexto de amor – que não é necessariamente perfeito – não aspira a muito mais. [...] Bastam-nos vocês, dizem. [...] As crianças, julgo eu, são a prova de que não somos feitos para projetos, mas para viver amando e sendo amados. Só assim a situação contingente tem um sentido e o presente não colapsa».<sup>75</sup>

As crianças captam com facilidade aquilo de que precisam para viver: a presença dos pais. Enquanto nós, adultos, paradoxalmente, temos dificuldade e caímos muitas vezes nas queixas. Há, obviamente, adultos que conservam e aprofundam a humanidade simples das crianças. Etty Hillesum é disso um exemplo brilhante. No seu Diário, escreve: «Meu Deus, agradeço-te por me teres criado como eu sou. Agradeço-te porque às vezes posso estar tão cheia de vastidão, aquela vastidão que não é senão o estar repleta de ti».<sup>76</sup>

### 3. «A arte de “sentir” o homem todo»

Qual de nós sente, todos os dias, pelo menos um momento de verdadeira ternura para consigo mesmo, para com a sua humanidade? Muitas vezes maltratamo-nos,

<sup>75</sup> J. Montiel, *The Objective*, 2 de abril de 2020.

<sup>76</sup> E. Hillesum, *Diário 1942-1943*, Assírio e Alvim, Portugal 2020, p. 154.

viramo-nos zangados contra a nossa humanidade, que não se deixa seduzir pela mentira: queríamos fugir-lhe e, por outro lado, não conseguimos eliminá-la. Expressa-o bem a frase que, em *A gaia ciência*, Nietzsche coloca na boca do viandante: «Esta necessidade de verdadeiro, esta sede do real, do certo, este ódio pela aparência... Ah! Como lhes quero mal!».<sup>77</sup>

Por isso sempre me impressionou a frase de João Paulo II: «A ternura é a arte de “sentir” o homem todo».<sup>78</sup> Este «sentir» o homem todo é essencial para viver e é o oposto do sentimentalismo. Mas é «raro encontrar – diz Giussani – uma pessoa cheia de ternura para consigo!».<sup>79</sup> Se tentarmos contar quantas conhecemos, talvez só levantássemos alguns dedos de uma das mãos. Hoje prevalece muitas vezes a raiva, a violência, para conosco e para com os outros, tal como para com a realidade.

No entanto, aquilo que todos os homens desejam experimentar é precisamente esta ternura pela sua humanidade, como escreve Camus no *Calígula*: «Parece tudo tão complicado! E, no entanto, tudo é tão simples. Se tivesse tido a Lua, ou Drusilla, o mundo, a felicidade, teria sido diferente. Tu sabes, Calígula, que podias ser terno. A ternura! Mas onde encontrar suficiente para saciar a minha sede? Onde encontrar um coração profundo como um lago? [...] Não há nada neste

<sup>77</sup> «Dieser Hang und Drang zum Wahren, Wirklichen, Un-Scheinbaren, Gewissen! Wie bin ich ihm böse! (Cf. F. Nietzsche, *A Gaia Ciência*, Guimarães Editores, Lisboa 1987, p. 203).

<sup>78</sup> K. Wojtyła, *Amor e Responsabilidade, Moral sexual e vida interpersonal*, Editora Reis dos Livros, Lisboa, 1999, p. 194.

<sup>79</sup> L. Giussani, *Un avvenimento di vita, cioè una storia*, Edit-Il Sabato, Roma-Milão 1993 p. 457.

mundo, nem no outro, que esteja à minha altura. E, no entanto, sei, e tu sabe-lo também [...], que bastaria o impossível. O impossível! Procurei-o nos limites do mundo, nos confins de mim mesmo [é o que todos procuramos] [...] estendo as minhas mãos e é a ti que encontro, sempre a ti, como uma cuspidela na minha cara. Tu, no clarão esplêndido e doce das estrelas [...] tu que és para mim como uma ferida que eu queria arrancar de mim com as unhas».<sup>80</sup>

Se não encontramos “alguma coisa” que nos permita ter esta ternura pela nossa sede, pela nossa humanidade, acabamos por vê-la como uma ferida que desejaríamos arrancar de nós – exatamente o contrário de um amor –. Mas porque quereríamos arrancá-la de nós? Para não sentir o drama, para o atordoar o mais possível, para não nos darmos conta da insuficiência de todas as coisas em que depositamos as nossas expectativas, para não precisarmos de ter em conta a desproporção entre aquilo que desejamos e aquilo que conseguimos obter. Como diz Camus: «Não há nada que esteja à minha altura», ou como canta Guccini, referindo-se à relação amorosa: «Vês querida, é difícil de explicar, / é difícil perceber, se é que não percebeste já... // Tu és muito, ainda que não sejas suficiente, / [...] tu és tudo, mas esse tudo é ainda pouco».<sup>81</sup>

Esboça-se então a alternativa: a ternura («a arte de “sentir” o homem todo») ou o ódio para com a nossa humanidade («uma ferida que quereria arrancar de mim»). Quantas vezes nos martirizamos porque não

<sup>80</sup> A. Camus, «Calígola», in *Tutto il teatro*, Bompiani, Milão 1993, pp. 113-114.

<sup>81</sup> «Vedi cara», letra e música de F. Guccini, 1970, © EMI.

conseguimos manter a nossa humanidade sob controlo, comprimí-la: mesmo com todos os esforços para a calar, quando menos esperamos explode, faz-se ouvir.

O *Miguel Mañara* de Milosz narra esta experiência de forma exemplar. Mañara abandona-se à vida dissoluta, mas isso não consegue preencher o abismo da sua humanidade, do seu desejo. «Arrastei o Amor no prazer, e na lama, e na morte [...] Mastigo a erva azeda da rocha do tédio. Servi Vénus com furor, depois com malícia e náusea [...] Sim, na minha juventude, procurei tal como vocês a miserável alegria, a estrangeira inquieta que vos dá a sua vida e não diz o seu nome. Todavia depressa nasceu em mim o desejo de perseguir aquilo que vós jamais conhecereis: o amor imenso, tenebroso e doce. [...] Ah! Como preenchê-lo, este abismo da vida? O que fazer? Porque o desejo continua aí, mais forte, mais louco que nunca. É como um incêndio no mar soprando a sua chama no mais profundo do negro nada universal!». <sup>82</sup> O desejo permanece, persiste, mais forte do que nunca, apesar de tudo. É esta a surpresa, dizíamos. Não se extingue: quanto mais uma pessoa vive, tenta, procura apagá-lo ou atordoá-lo, mais ele cresce.

Nada, para Agostinho, é comparável à profundidade do coração humano, que vibra em cada um de nós: «Se o abismo é uma profundeza, não consideramos o coração humano um abismo? O que há de mais profundo do que este abismo? Os homens podem falar, podem ser vistos através do movimento dos seus membros, podem ser ouvidos quando falam; mas quem pode

<sup>82</sup> O.V. Milosz, *Miguel Mañara. Mistério em seis quadros*, Meeting Lisboa, Lisboa 2017, pp. 10-11.

penetrar no seu pensamento, examinar o seu coração? O que este faz dentro de si, o que pode, o que medita, o que dispõe, o que quer e o que não quer, quem o compreende? Considero por isso bem razoável que por abismo se deve entender o homem, acerca do qual noutra passagem foi dito: “O homem sondará a profundidade do coração e Deus será exaltado”.<sup>83</sup>

Mas então – repetimos ainda, mais uma vez – o que é que nos arranca do nada, o que é que pode preencher este abismo da vida, este desejo irreduzível, incómodo e sublime, que é «ainda maior do que esse universo»,<sup>84</sup> sinal do humano que há em nós, que desmascaram a parcialidade, a insuficiência das nossas tentativas?

<sup>83</sup> Cf. Santo Agostinho, *Exposição sobre os Salmos* 41,13.

<sup>84</sup> G. Leopardi, *Pensamentos*, LXVIII, op. cit., p. 97.



## CAPÍTULO 3

# «CARO CARDO SALUTIS»

«Caro cardo salutis.» «A carne é o fundamento da salvação». <sup>85</sup> É uma frase de Tertuliano, um Padre da Igreja. Pode parecer enigmática, mas o seu significado esclarece-se assim que olhamos para a nossa experiência: o que é que – se aconteceu, quando aconteceu – foi capaz de nos arrancar do nada?

### 1. Uma presença carnal

Como contributo pessoal para enfrentar o tema que estamos a desenvolver, <sup>86</sup> uma jovem enviou-me uma carta que tem a característica de focar, de forma simples e clara, o ponto que nos interessa. Vale por isso a pena apresentá-la. Outros – creio eu –, embora na diversidade das formas que lhes dizem respeito, poderão facilmente rever-se naquilo que ela escreve.

«Quando me pergunto o que é que me arranca do nada, não posso deixar de pensar em toda a minha história até hoje. Há dois momentos que me marcaram e me vêm à cabeça quando penso neste nada. Um é a lembrança de quando era pequena, e da enorme despropor-

<sup>85</sup> Tertuliano, *De carnis resurrectione*, 8,3: PL 2,806.

<sup>86</sup> Referência ao convite para enviar um contributo pessoal sobre a pergunta «O que é que nos arranca do nada?»; ver aqui, p. 3.

ção que sentia quando olhava para as estrelas. Sentia-me esmagada pelo pensamento de que eu não era nada, em comparação com a imensidão do universo. E nalgumas noites não conseguia dormir por este motivo, porque a minha vida parecia ser um momento sem sentido no decorrer do tempo. Uma outra vez, voltando para casa com a minha mãe, depois de termos dado umas voltas pelas lojas para fazer umas compras (coisa que habitualmente me agradava muito), tinha subido para o carro com uma tristeza infinita (uma certa tristeza que sempre senti muito próxima). Disse-o à minha mãe: “Há dias em que não aconteceu nada de especial, mas de repente sinto uma enorme tristeza e não sei porquê”. Ficámos o resto da viagem sem falar, com o som de fundo do rádio. Uma tristeza infinita, que acabava no nada. Conheci o CL (e com ele o cristianismo) quando mudei para uma escola nova que tinha sido fundada por algumas famílias do movimento. Alguns anos depois da doença e da morte do meu pai – tinha dezassete anos – decidi fazer a primeira Comunhão e aderir ao movimento. No meu primeiro ano de universidade, conheci um padre. Vendo a situação dolorosa que eu estava a atravessar, deu-me a carta que tinhas escrito sobre o tema dos abusos sexuais (uma situação que não tinha nada a ver com a que eu estava a viver), “Feridos, voltamos para Cristo” (*la Repubblica*, 4 de abril de 2010). Nessa carta falavas da sede de justiça, mas podias estar a falar da minha sede em geral. Dizias que esta sede “é sem confins”, “sem fundo”, é “incapaz de ser esgotada, tão infinita é”. “Se esta é a situação, a questão mais ardente – que ninguém consegue evitar – é tão simples quanto inexorável: ‘*Quid animo satis?*’” Por que razão podias colocar esta questão? Por que razão podias supor que haveria alguma coisa que a

realizasse, que a saciasse? Li e reli a carta, sentada sozinha na sala, e desatei a chorar, pensando: “Mas será mesmo possível que esta dor, este desejo de eternidade, esta ferida, possam ser saciados? Que haja alguma coisa neste mundo que possa satisfazê-los?”. Foi a primeira vez na minha vida que pensei que fosse possível existir algo de real, carnal, concreto que respondesse à minha sede. Era como se de repente todos os elementos se recompusessem numa unidade: as pessoas que tinha conhecido naquela escola, o olhar tão diferente dos meus professores, aqueles momentos nos acampamentos de verão quando o meu coração se alargava e, vibrando, pensava para comigo que era como se tivesse esperado toda a vida ouvir alguém dizer-me exatamente aquilo que ouvi. Tudo isto era um Tu concreto, à altura da minha ferida e do meu desejo de eternidade: “Alguém que torne presente o além no alguém: Cristo, o Mistério feito carne”. Estes anos foram a história de um afeto a esta carne concreta, a um Tu concreto. Nestas semanas de confinamento estou a dar-me conta de que Cristo me conquistou, fazendo-me ver, experimentar, que a minha tristeza não está condenada ao nada».

Mas depois de ter encontrado esta presença carnal que nos arranca do nada, as coisas não estão resolvidas para sempre. Devido às muitas vicissitudes da vida, às vezes devido à nossa presunção ou à nossa fraqueza, devido a dificuldades que surgem e nos desorientam, podemos perder o caminho, podemos encontrar-nos longe da presença encontrada, podemos abandoná-la. Também nestes casos será sempre e só uma carne que nos poderá agarrar outra vez. Nos últimos meses, escreveu-me uma estudante universitária: «Há um ano, sob o peso de algumas coisas que carregava dentro de

mim, fugia daquela companhia que, no entanto, tinha reconhecido como sendo essencial para a minha vida. Já não me reconhecia. Tinha o olhar gasto, vazio, e o coração tão cansado a ponto de desejar até desaparecer. Achava que não havia nada que eu pudesse fazer, nenhuma esperança. Achava que nunca me iria recompor. Porém, graças à companhia de alguns amigos que nunca me deixaram sozinha, que tomaram conta de mim e do meu coração, consegui recomeçar. Recomecei precisamente a partir daqueles rostos que me olhavam com um bem e com uma ternura que naquele momento eu não conseguia sentir por mim própria».

Como funciona bem o *detector* que existe em nós! Quando uma pessoa é olhada com aquela ternura que abraça o eu todo, dá-se logo conta disso!

«Muitas vezes – prossegue a carta – me perguntei: mas se eu própria não consigo gostar de mim, como podem e porque deveriam os outros gostar? Que coração têm de ter estas pessoas? O que é que terão visto? O que é que terão encontrado para querer bem a uma pessoa como eu? Queria perceber. Então pus-me à procura. Foi um ano pleno, intenso, cansativo, mas belíssimo. Foi um ano que – posso bem dizê-lo – deu uma reviravolta à minha vida, encheu-a; não porque eu tenha sido melhor, ou porque a dor e o medo que tinha dentro de mim se tenham desvanecido, mas porque experimentei, através de rostos concretos, uma “inimaginada, inimaginável, nunca experimentada correspondência com o coração”.<sup>87</sup> Desejaria que todos pudessem viver a beleza de um encontro e de uma amizade como as

<sup>87</sup> L. Giussani-S. Alberto-J. Prades, *Gerar rasto na história do mundo*, Paulus, Lisboa 2019, p. 19.

que eu vivi. É bellissimo viver com a certeza de ter encontrado uma grande companhia para o meu coração. Quero conservá-la bem junto de mim. Já não posso perdê-la, para ir atrás dos meus pensamentos, porque nunca como agora reconheci que só neste sítio tudo de mim é acolhido e amado, as minhas fragilidades, os meus medos, a minha dor e a minha necessidade; só aqui posso olhar e levar-me a mim própria a sério sem descurar nada, sem dar nada por adquirido. Reconheço que só nesta companhia encontrei amigos que querem bem ao meu coração. Espanta-me estar tão certa, porque habitualmente não o sou».

Quando embatemos num olhar cheio de uma ternura por nós, damo-nos conta de que existe uma alternativa ao ódio e à raiva que sentimos por nós próprios.

Continua a carta: «Por isso, o que é que me arranca do nada? O que é que me arrancou do nada daqueles dias? Esta companhia». Quer dizer: uma companhia real, carnal, histórica. Esta é a carne que salva a vida. Caro cardo salutis: a carne, não os nossos pensamentos, não as nossas imagens, não as nossas fantasias, não o virtual, mas uma carne, ou seja – conclui a rapariga – «rostos concretos onde encontro este olhar de bem e de ternura que me remetem para Outro, um Tu vivo, presente aqui e agora, e que me restituíram à vida».

«A carne é o fundamento da salvação». É uma carne identificável pela sua diferença, como conta, num comovente texto autobiográfico, o escritor Daniele Mencarelli, em *La casa degli sguardi* (*A casa dos olhares*): «Junto dos vitrais Liberty param dois jovens. A mãe segura entre os braços um miúdo, enquanto o pai brinca com ele, faz-lhe ver a fonte do jardim e ao mesmo tempo, com caretas e língua de fora, faz rir o filho.

Quando me encontro a não mais de um metro deles, os dois pais viram-se, e o miúdo também. O passo perde a cadência, bem como o fôlego. O pequeno terá uns três anos; à parte os olhos, o seu rosto não existe, no lugar do nariz e da boca há buracos de carne vermelha. Fixo o olhar no mármore do pavimento, passo ao seu lado sem olhar mais para eles. [...] Demoro-me, esperando que aqueles dois jovens e o seu filho desfigurado se tenham ido embora. As gargalhadas do miúdo chegam primeiro. Ainda ali estão. Agora, porém, não estão sozinhos. À sua frente está uma irmã, é idosa, curvada, o seu rosto aproxima-se do rosto horrível do miúdo. “Tu és o menino bonito do pai e da mãe, não é verdade?” Segura uma mãozinha e beija-a, ele talvez por isso desata a rir, a irmã não terá menos de oitenta anos, tem um rosto roliço, branco como o leite. “Então não és só bonito, és também simpático, gostas disto?” E volta a passar a mãozinha na sua boca, no queixo, para o fazer rir. Depois a irmã endireita-se, olha para o pai e a mãe. “Mas estão a ouvir estas gargalhadas? Este lá dentro não tem prata, tem ouro, ouro vivo.” Beija-o, indiferente ao seu rosto, a tudo. Estou atordoado, não consigo perceber, decifrar. Assisti a uma coisa humana e ao mesmo tempo estranha, como um rito proveniente de uma terra muito longínqua, não consigo encontrar dentro de mim instrumentos para o traduzir para a minha língua [...] tentei todas as abordagens possíveis, tentei catalogar aquilo que vi como o delírio de uma velhota vestida de cinzento, depois como o fanatismo de uma irmã surda e cega à dor, que queria à força atestar a supremacia do seu Deus, mesmo diante daquela deformação, depois como o espetáculo de uma fantástica atriz que, talvez um segundo depois, na pri-

vacidade dum lavabo, terá lavado a boca por causa do beijo dado àquele rosto disforme. Mas nenhuma leitura consegue vencer a distância entre aquilo que eu vi e a minha lógica». <sup>88</sup>

O escritor tentou explicar, reconduzir ao conhecido, ao previsível, ao compreensível, a excecionalidade do que tinha visto, do que tinha invadido os seus olhos («uma coisa humana e ao mesmo tempo estranha»), que o tinha atraído e em certo sentido prendido. Quantas vezes procuramos obstinadamente reduzir a diferença que vemos a uma medida nossa! «O homem é tão propenso ao sistema e à conclusão abstrata que está pronto a desfigurar propositadamente a verdade, está pronto a ser cego e surdo, só para justificar a sua lógica». <sup>89</sup>

O que é que atraiu Mencarelli? A mesma coisa que atraiu as raparigas das cartas citadas: uma humanidade diferente. Diante do rosto completamente desfigurado daquela criança, a irmã não se afastou, pelo contrário, sentiu por ela uma ternura, uma simpatia profunda, vertiginosa, carnal, uma simpatia no sentido intenso do termo, um abismo de de afeição, que tinha algo de tão abissalmente humano que parecia «mais» que humano, «estranho» – divino.

Só uma carne, uma presença carnal é capaz de nos arrancar do nada; uma presença que todas as nossas interpretações não conseguem eliminar, de tal forma nos magnetiza, nos prende, nos atrai até às entranhas, suscitando todo o nosso desejo no exato momento em que nos faz experimentar uma correspondência ini-

<sup>88</sup> D. Mencarelli, *La casa degli sguardi*, Mondadori, Milão 2020, pp. 183-185.

<sup>89</sup> F. Dostoiévski, *Cadernos do Subterrâneo*, op. cit., p. 40.

maginável a esse mesmo desejo. Quem não gostaria de ser olhado com aquela ternura com que se sentiram olhadas aquelas nossas amigas, ou com que a irmã olhou para aquela criança?

Só o embate num olhar assim, encarnado em alguém, pode preencher o «abismo da vida» de que fala Milosz. Só uma carne pode vencer o nada. Não uma qualquer carne, não uma qualquer presença carnal, mas uma presença que traz consigo algo que corresponde a toda a nossa expectativa e é por isso capaz de atrair o nosso ser. Há, com efeito, uma carne que nos deixa um amargo na boca, que acaba no tédio de uma vida cheia de solidão, como acontecia a Miguel Mañara antes do seu encontro com Jerónima e com a novidade que ela tinha introduzido na sua vida. Como escreve de Lubac: «Nada daquilo que o homem cria, ou daquilo que pertence ao plano humano, poderá arrancar o homem da sua solidão. A solidão, aliás, irá crescer à medida que ele se descobre a si mesmo, porque ela não é mais do que o contrário da comunhão à qual ele é chamado».<sup>90</sup>

## 2. O judeu Jesus de Nazaré

O que é que pode vencer o niilismo em nós? Só o sermos atraídos por uma presença, por uma carne, que traz consigo, em si, alguma coisa que corresponde a toda a nossa expectativa, a todo o nosso desejo, a toda a nossa exigência de significado e de afeição, de plenitude e de estima. Só nos pode arrancar do nada “aquela”

<sup>90</sup> H. de Lubac, «Ecclesia Mater» in Id., *Meditazione sulla Chiesa*, op. cit., pp. 161-162.

carne que é capaz de preencher o «abismo da vida», o «desejo louco» que existe em nós, para usar ainda as palavras de Milosz.

Se não acontecer esta experiência, nós não saímos do nosso niilismo, ainda que estejamos culturalmente formados pelos discursos religiosos e nos atarefemos de todas as maneiras, porque «os argumentos a favor da verdade», de que falava Balthasar, e as «coisas a fazer» não são capazes de “nos prender”, de arrastar todo o nosso eu; e, mais cedo ou mais tarde – em geral, mais cedo do que tarde – acabam por nos aborrecer.

Ora, este olhar carregado de ternura pela nossa humanidade entrou no mundo através da carne de um Homem, o judeu Jesus de Nazaré, há dois mil anos. «Na Encarnação, o Logos eterno ligou-se a Si mesmo a Jesus de tal modo que [...] o Logos já não pode ser pensado independentemente da Sua conexão com o homem Jesus. [...] Quem entra em contacto com o Logos, toca em Jesus de Nazaré. [...] Ele é o próprio Logos, que no homem Jesus é um sujeito histórico. Claro que Deus toca o homem de muitas maneiras, também fora dos sacramentos. Mas Ele toca-o sempre através do homem Jesus que é a Sua automediação na história e a nossa mediação na eternidade».<sup>91</sup>

Este acontecimento – a Encarnação – é um separar de águas na história do homem e ninguém o poderá nunca arrancar desta. Por isso, afirma Giussani, «é numa carne que nós podemos reconhecer a presença do Verbo feito carne; se o Verbo se fez carne, é igualmente numa carne

<sup>91</sup> J. Ratzinger, «Cristo, la fede e la sfida delle culture», *Asia News*, n. 141/1994.

que nós O encontramos». <sup>92</sup> Quem percebe isto, percebe que está diante do acontecimento mais decisivo da sua vida. Vemo-lo claramente quando acontece. Voltemos então a um dos episódios do Evangelho mais significativo deste ponto de vista, tentando identificar-nos com aquela mulher que chega junto de Jesus com uma consciência dolorosa de si, da sua necessidade, com um amargo na boca por causa de todo o seu mal, com a sua incapacidade de encontrar paz, com uma falta de ternura para consigo mesma, talvez com o impulso de arrancar de cima de si aquela sua humanidade, aquele seu desejo que tinha tentado desajeitadamente satisfazer. Porém, foi precisamente aquela humanidade, aquela necessidade de ser amada, de ser olhada com verdade, que lhe permitiu surpreender o imprevisto, ou seja, a presença de Jesus.

«Um fariseu convidou-o para comer consigo. Entrou em casa do fariseu e pôs-se à mesa. Ora certa mulher, conhecida naquela cidade como pecadora, ao saber que Ele estava à mesa em casa do fariseu, trouxe um frasco de alabastro com perfume. Colocando-se por detrás dele e chorando, começou a banhar-lhe os pés com lágrimas, enxugava-os com os cabelos e beijava-os, unguendo-os com perfume. Vendo isto, o fariseu que o convidara disse para consigo: “Se este homem fosse profeta, saberia quem é e de que espécie é a mulher que lhe está a tocar, porque é uma pecadora!”. Então, Jesus disse-lhe: “Simão, tenho uma coisa para te dizer”. “Fala Mestre” – respondeu ele. “Um prestamista tinha dois devedores: um devia-lhe quinhentos denários e o outro cinquenta. Não tendo eles com que pagar, perdoou aos dois. Qual deles o amará

<sup>92</sup>L. Giussani, *L'attrattiva Gesù*, Bur, Milão 1999, p. 123. Cf. a Constituição dogmática sobre a Divina Revelação *Dei Verbum*, 4.

mais?”. Simão respondeu: “Aquele a quem perdoou mais, creio eu”. E Jesus disse-lhe: “Julgaste bem”. E, voltando-se para a mulher, disse a Simão: “Vês esta mulher? Entrei em tua casa e não me deste água para os pés; ela, porém, banhou-me os pés com as suas lágrimas e enxugou-os com os seus cabelos. Não me deste um ósculo; mas ela desde que entrou, não deixou de beijar-me os pés. Não me ungieste a cabeça com óleo, e ela ungiu-me os pés com perfume. Por isso, digo-te que lhe são perdoados os seus muitos pecados, porque muito amou; mas aquele a quem pouco se perdoa pouco ama».<sup>93</sup>

Aqui encontramos-nos diante daquele «incrível realismo» de que fala Bento XVI, quando afirma que «a verdadeira novidade do Novo Testamento não reside em novas ideias, mas na própria figura de Cristo, que dá carne e sangue aos conceitos».<sup>94</sup> Cada um de nós – julgo eu – desejaria ser alcançado por um olhar assim, o que quer que tenha feito, como quer que tenha conduzido a sua vida.

Do que é que precisava aquela mulher para ficar “presa” do olhar de Cristo? Apenas da sua humanidade, ainda que ferida e desajeitada como era – como é, no fundo, a de todos. Quando encontrou aquele Homem, a sua humanidade, mesmo com todos os erros cometidos, sentiu-se inteiramente atraída, ao ponto de não haver maneira de a deter: a mulher atravessou a hostilidade e a desaprovação dos outros e foi ao banquete para lavar os pés de Jesus com as suas lágrimas. A identificação com o Evangelho é uma das coisas mais belas que Giusani nos comunicou. Muitas vezes lemos estes relatos dando-os por adquiridos, privando-os da sua dimen-

<sup>93</sup> Lc 7,36-47.

<sup>94</sup> Bento XVI, Carta encíclica *Deus caritas est*, 12.

são factual, histórica, vital. No entanto, voltando uma e outra vez aos episódios do Evangelho, identificando-se com os acontecimentos neles descritos, Giussani fez-nos “ver” – neles – como é que Jesus se dirigia à humanidade ferida e cheia de limites daqueles que encontrava. Nada o detinha. E nada O detém agora. É precisamente esta nossa humanidade – tantas vezes vivida com aborrecimento, porque as coisas não correm bem, porque não nos agradam, pelos muitos limites que encontramos em nós – que Cristo agarra pelas entranhas, e é a ela que Ele se dirige, e sem ela não poderia entrar na tua e na minha vida, não encontraria aí um ponto de contacto. «Só Deus capta o ponto profundo da consciência em que o homem, apesar da sua vida, dos seus pecados, é verdadeiramente humano e humaniza. No fundo, a redenção é Cristo que vai àquilo que há de mais profundo no homem, e que vale mais do que o seu pecado»,<sup>95</sup> escreve François Varillon.

O olhar de Cristo é um olhar que lê dentro de nós, nas profundezas do nosso desejo de plenitude. Recordou-o recentemente o Papa Francisco: «Nascemos com uma semente de inquietação. Deus quis assim: a ansiedade de encontrar plenitude, de encontrar Deus, muitas vezes inclusive sem saber que temos esta inquietação. O nosso coração está inquieto, o nosso coração está sedento: tem sede do encontro com Deus. Procurando-o, muitas vezes por caminhos errados: perdendo-se, depois volta, procura-o... Por outro lado, Deus tem sede do encontro, a tal ponto que enviou Jesus para nos encontrar, para vir ao encontro desta inquietação».<sup>96</sup>

<sup>95</sup> F. Varillon, *Traversate di un credente*, Jaca Book, Milão 2008, p. 98.

<sup>96</sup> Francisco, *Homilia em Santa Marta*, 26 de abril de 2020.

Nenhum ser humano se sentiu alguma vez tão radicalmente afirmado pelo olhar introduzido na história por este homem, Jesus de Nazaré; nenhuma mulher alguma vez ouviu alguém falar do seu filho com a mesma ternura original, com a mesma afirmação totalmente positiva do seu destino, para lá de qualquer sucesso imaginável ou de qualquer fracasso. Com este olhar vertiginosamente afirmativo, Jesus diz à mulher que lhe banhara os pés com lágrimas: «“Os teus pecados estão perdoados!”». Começaram, então, os convívios a dizer entre si [é a rebeldia diante de uma novidade que coloca as coisas em causa]: “Quem é este que até perdoa os pecados?” [não o dizem com espanto, mas refutando-o, como que a dizer: é um blasfemo]. E Jesus disse à mulher [ninguém consegue demovê-lo da sua atitude para com ela]: “A tua fé te salvou. Vai em paz”».<sup>97</sup> Este olhar não poderá nunca ser erradicado da face da terra: por isso aquilo que nós dizemos sobre nós mesmos, aquilo que tu dizes sobre ti mesmo ou sobre ti mesma já não é a última palavra.

Aquilo que arrancou a pecadora do Evangelho do seu nada não foram os seus pensamentos, os seus propósitos, os seus esforços; foi uma Presença que tinha uma paixão tal, uma preferência tal pela sua pessoa, pelo seu eu, que ela foi conquistada por isso. Todo o curso da sua vida foi revirado, revolucionado por aquele encontro: já não lhe importavam os olhares dos outros, porque estava inteiramente definida por Jesus, pelo seu olhar, por aquela presença em carne e osso. Ninguém, na sua vida, a tinha alguma vez olhado como aquele homem. Caso contrário, não teria entrado naquela

<sup>97</sup> Lc 7,48-50.

casa, não Lhe teria lavado os pés com as lágrimas, não Lhos teria enxugado com os cabelos. Que experiência terá vivido, que certeza terá tido aquela mulher para desafiar daquela maneira os fariseus sentados àquela mesa e toda a cidade! Sem essa certeza, acabamos à mercê dos nossos próprios comentários ou dos dos outros. Pelo contrário, todos os nossos pensamentos e os dos outros são superados por aquele olhar, que nenhum poder deste mundo pode eliminar: eles não são tirados, mas inibidos na sua capacidade de nos bloquear.

Podemos dizer, com von Balthasar, que se trata de «uma certeza que não se apoia na evidência própria da inteligência humana, mas na evidência manifestada pela verdade divina: já não no ter agarrado; mas no ter sido agarrado». Esta, insiste o teólogo de Basileia, «é uma questão vital do cristianismo atual». Porque a fé só pode ser credível para o mundo que nos rodeia «se se entender a si mesma como credível, se a fé não significar [...], como primeira e última coisa, o “dar-como-verdadeiras afirmações” que, sendo incompreensíveis à razão humana, só podem ser aceites na obediência à autoridade; a fé, com efeito, apesar de toda a transcendência da verdade divina, aliás, precisamente por meio dela, conduz o homem à compreensão daquilo que Deus verdadeiramente é, e nesta compreensão (ao lado dela) também à compreensão de si mesmo».<sup>98</sup>

A certeza e a fé daquela mulher baseavam-se «na evidência manifestada pela verdade divina», através do olhar incomparável de Jesus, pelo qual se sentiu totalmente afirmada e agarrada, e na experiência de uma

<sup>98</sup> H.U. von Balthasar, *La percezione della forma. Gloria. Una estetica teologica*, op. cit., pp. 120, 125.

correspondência às suas exigências constitutivas nunca vivida antes. É tão poderosa esta evidência da verdade, é tão resplandecente «esta revelação da glória – insiste Balthasar – que não precisa de outra justificação fora de si mesma».<sup>99</sup> A mesma consciência do quanto esta evidência é decisiva para a credibilidade da fé hoje em dia caracterizou desde o início o empenho educativo de Giussani: «Tinha-me convencido profundamente de que uma fé que não pudesse ser encontrada e descoberta na experiência presente, e confirmada por esta, útil para responder às suas exigências, não seria uma fé capaz de resistir num mundo em que tudo, tudo, dizia e diz o oposto».<sup>100</sup>

### 3. Um acontecimento

Em Jesus de Nazaré, Deus tornou-se um no meio de nós. «O Verbo fez-se carne».<sup>101</sup> Mas para perceber do que estamos a falar, temos obrigatoriamente de voltar ao início e olhar com atenção para aquilo que aconteceu. O nosso “já saber”, com efeito, altera muitas vezes a nossa compreensão. «Coloquemo-nos então naquele tempo, não se falava de Jesus Cristo, não era um nome que se tivesse tornado habitual: aquilo que viam era um homem», que caminhava pelas estradas, que se podia encontrar, com quem se podia falar. Jesus era uma presença contemporânea à vida de Pedro, de Zaqueu, de Madalena. «Ouvindo aquele homem, havia um

<sup>99</sup> *Ibidem*, p. 126. Cf. DS 3008.

<sup>100</sup> L. Giussani, *Educar é um risco*, Paulus, Lisboa 2018, p. 21.

<sup>101</sup> Jo 1,4.

pressentimento novo de vida; nem era sequer preciso dizê-lo, sentia-se». Bem, «houve uma noite em que, para Pedro, para Zaqueu ou para Madalena, naquele dia, tinha acontecido alguma coisa que era toda a sua vida, que foi toda a sua vida»: tinham esbarrado com aquele homem e tinham ficado “presos”, magnetizados por Ele. Aquele foi o acontecimento decisivo para eles. Naquele homem, com efeito, «o eterno, o consistente, o ser, o significado, aquilo por que vale la pena, finalmente o objeto para o qual a razão é feita, para o qual a consciência é feita, para o qual o eu é feito, torna-se presente. O consistente, o permanente, a totalidade é um homem!».<sup>102</sup>

E para nós, que viemos dois mil anos depois? É a mesma coisa para nós. É igual. Afirma Giussani, dirigindo-se a universitários: «Pode ter sido o instante brevíssimo, sutil, do pressentimento de uma promessa para a vida aquilo que nos trouxe aqui, sem um clamor de autoconsciência, sem um clamor crítico. Mas houve um dia na vossa vida em que se deu um encontro no qual se encerra todo o significado, todo o valor, tudo o que é desejável, todo o gosto, toda a beleza, tudo o que é amável. Porque Deus feito homem é isso. E Deus feito homem chega até ti com mãos, com olhos, com boca, com a realidade física de uma humanidade». <sup>103</sup> Que realidade? A da companhia dos crentes n’Ele, Seu corpo misterioso. O homem que disse: «Eu sou o caminho, a verdade e a vida»<sup>104</sup> ressuscitou e é contemporâneo à história. «Estarei sempre convosco até

<sup>102</sup> L. Giussani, *Qui e ora (1984-1985)*, Bur, Milão 2009, pp. 425-427.

<sup>103</sup> *Ibidem*, p. 426.

<sup>104</sup> Jo 14,6.

ao fim dos tempos». <sup>105</sup> Onde é que o vemos? Onde é que o ouvimos? A Sua presença aqui e agora coincide com um fenómeno visível, tangível, concreto, feito das pessoas que foram alcançadas pela Sua iniciativa e que O reconheceram: é a realidade da Igreja. «A contemporaneidade de Cristo ao homem de cada época realiza-se no Seu corpo, que é a Igreja». <sup>106</sup>

«Até mesmo quando Jesus estava no âmago da sua actividade terrena, o seu acontecimento assumia uma forma que não se identificava apenas com a fisionomia física da sua pessoa mas também com a fisionomia da presença dos que acreditavam n'Ele, de tal modo que eram enviados por Ele a levar as suas palavras e a sua mensagem, a repetir os seus gestos portentosos, a levar a salvação da Sua pessoa». <sup>107</sup>

Cristo é uma presença contemporânea. Dar-mo-nos conta disso implica a mesma experiência de há dois mil anos – como demonstraram as duas cartas citadas e o excerto de Mencarelli –, ou seja, o impacto com uma presença de humanidade diferente, que desperta um pressentimento novo de vida, que nos impressiona porque corresponde como nenhuma outra coisa à sede estrutural de sentido e de plenitude que há em nós. Trata-se, também hoje, de um encontro no qual, como eu referia antes, «se encerra todo o significado, todo o valor, tudo o que é desejável, todo o gosto, toda a beleza, tudo o que é amável». Esta é a forma como somos revestidos da Sua presença agora: o embate, com «uma diferença que atrai, na medida

<sup>105</sup> Mt 28,20.

<sup>106</sup> João Paulo II, Carta encíclica *Veritatis Splendor*, 25.

<sup>107</sup> L. Giussani, *Porquê a Igreja*, Tenacitas, Coimbra 2017, p. 35.

em que corresponde ao coração, passa por isso através da comparação e do juízo da razão, e provoca a liberdade na sua afetividade». <sup>108</sup>

Para caracterizar a presença desta humanidade diferente, Giussani usa a palavra «excecional». Por excecional ele não entende uma superioridade de desempenho individual, uma estranheza ou uma excentricidade, mas precisamente a correspondência a que nos referimos. Uma coisa pode ser definida como excecional quando corresponde de modo adequado às expectativas originais do coração, por mais que uma pessoa possa não ter disso uma consciência clara. Mas porque é que o «correspondente» se deveria chamar «excecional»? Porque a correspondência às nossas exigências originais, que deveria ser normal, habitualmente não acontece. Hoje podemos perceber isto melhor do que nunca: temos tudo, podemos ter acesso a tudo, em todos os sentidos, muito mais do que antes, incomparavelmente mais, quer em termos de relações e de coisas, quer de experiências, mas não há nada neste tudo que seja capaz de nos agarrar até ao fundo, de nos fazer experimentar a correspondência de que o nosso coração tem sede. Por isso, quando num determinado encontro esta correspondência acontece, ela apresenta-se como algo de excecional. A presença, o rosto, através do qual experimentamos aquela correspondência distingue-se das outras precisamente por isso. E dizemos: «É excecional!».

Ora, só a contemporaneidade de Cristo nos pode arrancar do nada. Só a Sua presença aqui e agora pode

<sup>108</sup> L. Giussani-S. Alberto-J. Prades, *Gerar rasto na história do mundo*, op. cit., p. 34.

ser resposta adequada para o niilismo, o vazio de sentido: uma presença entendida, portanto, não em termos espiritualistas, abstratamente “ideais”, mas carnis, históricos. Cristo não é uma ideia, um pensamento, mas um acontecimento real que irrompe na minha vida: encontro «uma coisa que tem qualquer coisa dentro»<sup>109</sup> e que atrai todo o meu ser; «Jesus Cristo, aquele homem de há dois mil anos, esconde-se, tornando-se presente, sob a roupagem, sob o aspeto de uma humanidade diferente».<sup>110</sup>

Uma outra carta oferece-nos uma viva prova disto: «Não pensava que à beira dos cinquenta anos se pudesse renascer. Vivi quarenta e sete anos convencido de que Jesus Cristo não era uma “coisa” indispensável para mim. Persegui, durante todos esses anos, objetivos que não resistiam ao impacto do tempo: a universidade, a minha profissão, a família. Cada vez que alcançava aquilo a que me tinha proposto não me sentia apaziguado e andava constantemente em busca de novos objetivos. Apesar de para a maior parte das pessoas a minha vida parecer boa, tinha a sensação de me alimentar de alguma coisa que não me saciava. Tudo isto gerou em mim uma crise profunda. Sentia-me inútil, e até as relações com os amigos, os colegas e os meus entes queridos começavam a ser difíceis. Queria estar sozinho. Um dia, através do ambiente da escola dos meus filhos, conheci uma pessoa que tinha uns olhos que brilhavam. Também ele estava a viver um

<sup>109</sup> L. Giussani, *O caminho para a verdade é uma experiência*, Tencitas, Coimbra 2007, p. 127.

<sup>110</sup> L. Giussani, «Qualcosa che viene prima», in *Dalla fede il metodo*, Cooperativa Editoriale Nuovo Mondo, Milano 1994, p. 39.

momento difícil, devido a problemas de trabalho, mas parecia-me sereno, seguro de si, numa palavra, alegre. Não sabia o que lhe permitia ser assim, tal como não sabia que era de CL. Nasceu uma forte amizade que me levava a desejar a sua companhia. Fomos de férias juntos com as respetivas famílias e a minha curiosidade em relação a ele crescia. Comecei a frequentar os seus amigos, que depois se tornaram meus amigos. Comecei a participar nos gestos propostos pelo movimento. Recomecei a rezar, a ir à missa, a confessar-me. Às vezes perguntava-me: “Porque é que o fazes?” e respondia a mim mesmo: “Porque estou melhor”. Ainda hoje me surpreendo com esta amizade, cuja origem é o amor por Jesus Cristo. Antes tinha apenas amigos ligados pelo trabalho, pela paixão pelo mesmo desporto ou pela conveniência. Estes três anos mudaram-me, melhoraram-me. Quem me conhece há muito tempo, os meus velhos amigos, a minha família, os meus colegas repararam em qualquer coisa de diferente em mim. Talvez não seja a mesma luz que existe nos olhos do meu amigo, mas acredito que, esporadicamente, apareça algum brilho também nos meus olhos. Quero estar em maior contacto com estes amigos para “nos lembrarmos de que Cristo é tudo” – como dizia *don Giussani* –, para reconhecer “Aquele que está entre nós” e para “nos ajudar a viver esta consciência, relembrando-a até que se torne habitual”». <sup>111</sup>

É este o método através do qual se comunicou e sempre se poderá comunicar a fé: um encontro imprevisível, que desperta o desejo e leva a pessoa a verificar a

<sup>111</sup> L. Giussani, *L'opera del movimento. La Fraternità di Comunione e Liberazione*, San Paolo, Cinisello Balsamo (MI) 2011, p. 216.

promessa que este traz consigo participando na vida da comunidade cristã. «A Igreja antiga, após o fim do tempo apostólico, desenvolveu enquanto Igreja uma atividade missionária relativamente reduzida, não tinha nenhuma estratégia própria para o anúncio da fé aos pagãos e [...] não obstante, o seu tempo torna-se um período de grande sucesso missionário. A conversão do mundo antigo ao cristianismo não foi o resultado de uma ação planejada, mas o fruto da prova da fé no mundo tal como esta se tornava visível na vida dos cristãos e na comunidade da Igreja. O convite real da experiência, e mais nenhuma outra coisa foi, humanamente falando, a força missionária da antiga Igreja. A comunidade de vida da Igreja convidava à participação nesta vida, em que se revelava a verdade da qual vinha esta vida. [...] Só a ligação de uma verdade consequente em si mesma e a demonstração na vida desta verdade consegue fazer brilhar aquela evidência da fé esperada pelo coração humano; só através desta porta o Espírito Santo entra no mundo».<sup>112</sup>

*Nihilismo/carnalidade:* são estes os termos que definem a nossa situação de hoje; e não apenas a de hoje, mas a de sempre, porque o nihilismo de que falamos não é um fenómeno contingente, é uma possibilidade permanente da alma humana, ainda que noutras épocas se tenham usado palavras diferentes para o referir. Ao nihilismo, ou seja, ao nada que nos invade e ao qual somos sempre tentados a ceder, não podem responder meros discursos, regras, distrações, porque não são capazes de nos atrair, de conquistar verdadeiramente a nossa humanidade. Isto explica a insistência do Papa Francisco no perigo de reduzir o cristianismo ao gnosticismo ou ao pe-

<sup>112</sup> J. Ratzinger, *Guardare Cristo*, Jaca Book, Milão 1989, p. 31.

lagianismo.<sup>113</sup> Ao niilismo, ao vazio de sentido, só pode responder uma carne, um olhar encarnado numa irmã de oitenta anos ou num amigo, ontem como hoje. «Só Cristo se interessa totalmente pela minha humanidade». <sup>114</sup> Ou faço a experiência hoje de uma presença que se interessa totalmente pela minha humanidade ou, no fundo, não há escapatória, porque nem o discurso, nem a ética, nem os desvios de que dispomos podem gerar aquela plenitude que eu espero do fundo do meu ser.

Sem a experiência desta “tomada” do eu, não existe cristianismo; não existe cristianismo como acontecimento, ou seja, segundo a sua natureza original, e não existe, portanto, possibilidade de mudança da maneira de conceber e de tratar pessoas e coisas, não existe metanoia e não existe verdadeira afeição. «Para se dar a conhecer, Deus entrou na vida do homem como homem, segundo uma forma humana, de tal forma que o pensamento, a imaginação e a afetividade do homem foram como que “bloqueados”, magnetizados por Ele. O acontecimento cristão tem a forma de um “encontro”: um encontro humano na realidade banal de todos os dias». <sup>115</sup> Não há nada mais inteligível para o homem, nada mais fácil de perceber, do que um acontecimento que tem a forma de um encontro. Percebe-se, então, por que razão o Papa Francisco propõe muitas vezes a frase da *Deus caritas est*: «Não me cansarei de repetir estas palavras de Bento XVI que nos levam ao centro do Evangelho: “Ao início do ser cristão, não há uma deci-

<sup>113</sup> Cf. Francisco, Exortação apostólica *Evangelii gaudium*, 94.

<sup>114</sup> L. Giussani-S. Alberto-J. Prades, *Gerar rasto na história do mundo*, op. cit., p. 8.

<sup>115</sup> *Ibidem*, p. 32.

são ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo”». <sup>116</sup> É este o método de Deus, é o método que Deus escolheu para arrancar o homem – a mim, a ti, a cada um de nós – do nada, da impossibilidade de se realizar, da suspeita de que tudo vai acabar no nada, da desilusão melancólica de si mesmo, da facilidade na resignação e no desespero. «Tudo, na nossa vida, hoje como no tempo de Jesus, começa com um encontro». <sup>117</sup>

Deus fez-se carne e habita entre nós: o cristianismo é isto; não é acima de tudo uma doutrina, uma moral, mas Alguém presente, aqui e agora. O resto – a doutrina, a moral – vêm depois. «Aquele que fez todas as coisas [ou seja, Deus, a origem, o destino, o sentido da vida] identificou-se com a precariedade de uma carne, identifica-se [ainda] com a precariedade de uma carne, torna-se audível e tangível com a precariedade de uma carne», <sup>118</sup> a de gente como tu e como eu; uma carne frágil, cheia de limites, mas que foi agarrada e tornada diferente. Se o cristianismo nos fascinou, se nos ligámos a uma determinada realidade, é porque vimos pessoas empenhadas de maneira diferente com as coisas de toda a gente, com uma alegria e uma paz – mesmo na dor e nas dificuldades – que desejámos para nós, com uma gratuidade e uma positividade de olhar, mesmo diante das circunstâncias mais difíceis e contraditórias, que demos por nós a “invejar”; pessoas “tomadas”, muda-

<sup>116</sup> Francisco, Exortação apostólica *Evangelii gaudium*, 7.

<sup>117</sup> Francisco, *Discurso ao movimento de Comunhão e Libertação*, Praça de São Pedro, 7 de março de 2015.

<sup>118</sup> L. Giussani, *La verità nasce dalla carne*, Bur, Milão 2019, p. 115.

das pelo acontecimento cristão – que também para elas teve a forma de um encontro –, testemunhas de uma novidade de vida que perturba, em sentido humano, o ambiente à sua volta. A origem de tal perturbação é bem descrita pela Liturgia ambrosiana: «Tornarei evidente a minha presença na alegria dos seus corações».<sup>119</sup>

Então, observa Giussani, se em Jesus Deus se fez carne, «é preciso estar na carne para perceber Jesus. É uma experiência que nos faz perceber Jesus. Se Deus, o Mistério, se fez carne, nascido das entranhas de uma mulher, não se pode perceber nada deste Mistério a não ser partindo de experiências materiais. Se para se fazer perceber se fez carne, é preciso partir da carne». E ainda: «Se abandonarmos a carne, destrói-se o paradoxo: essa fé já não interessa a ninguém»,<sup>120</sup> torna-se discurso, torna-se abstrata, torna-se ética, manual de instruções, e já não atrai. Só uma experiência humana te permite descobrir a presença de Cristo, perceber o que é a tua relação com Ele.

#### **4. Para identificar a verdade basta uma atenção sincera**

Identificar a presença contemporânea de Cristo é fácil: as presenças que nos atraem, que nos fazem experimentar a correspondência de que falámos, são raras. Por isso, identificá-las é fácil: para Pedro, Zaquaeu, a Samaritana,

<sup>119</sup> «*Populus Sion, ecce Dominus veniet ad salvandas gentes: et auditam faciet Dominus gloriam laudis suae in laetitia cordis vestri*» (Confratório do IV Domingo do Advento ambrosiano, em *Missal ambrosiano. Do Advento ao Sábado Santo*, Milão 1942, p. 78).

<sup>120</sup> L. Giussani, *Si può (veramente?) vivere così?*, Bur, Milão 2011, pp. 481, 207.

Madalena foi fácil. É fácil, mas não é óbvio. Isso via-se também com Jesus. Pensemos no escândalo, e na consequente repulsa, daqueles que O viam ir a casa de Zaqueu.

O que haveria em Pedro, em Zaqueu, na Samaritana, em Madalena e nos outros que O encontraram para terem captado a Sua novidade, a Sua diferença, a Sua unicidade? Uma atenção sincera, um olhar escancarado. De facto, «a verdade última é como encontrar uma coisa bonita no caminho: se estivermos atentos, vemo-la, reconhecemo-la. O problema, portanto, está na atenção».<sup>121</sup> Esta está ao alcance de todos e isso é libertador, porque desimpede o campo de uma objecção recorrente, que esconde um não comprometimento com a realidade da vida: «Eu não sou capaz, não sou inteligente, faltam-me os meios para perceber». Para identificar a verdade basta a atenção.

É verdade que nunca é fácil prestar atenção, como escreve Simone Weil: «Há algo na nossa alma que a faz fugir da verdadeira atenção muito mais violentamente do que repugna à carne a fadiga . [...] A atenção consiste em suspender o pensamento, em deixá-lo disponível, vazio e permeável ao objecto».<sup>122</sup> Mas para deixar o nosso pensamento permeável ao objeto, para não ficarmos fechados na nossa própria medida, para «abrir-se para a totalidade dos factores em causa»,<sup>123</sup> é necessária uma centelha de afeição

<sup>121</sup> L. Giussani, *O sentido religioso*, op. cit., p. 53.

<sup>122</sup> S. Weil, *Espera de Deus*, Assírio e Alvim, Lisboa 2005, p. 102.

<sup>123</sup> L. Giussani, *O sentido religioso*, op. cit., p. 174. O autor observa: «Deste modo, uma educação da liberdade para a atenção, ou seja, para o abrir-se à totalidade dos factores em causa, e uma educação para a aceitação, ou seja, para o abraço consciente do que nos surge diante dos olhos, é a questão fundamental para uma trajectória humana». Ele apresenta também, portanto, o essencial do problema de uma *educação* da liberdade para a atenção.

por nós próprios, de interesse pelo destino da nossa existência; é esta centelha, ainda que depositada no fundo da alma, que nos permite aceitar sermos amados, “reagir” a uma presença que afirma o nosso ser e prestar-lhe atenção.

Pedro, Zaqueu, a Samaritana, Madalena não tinham abafado a sua humanidade: no olhar deles havia uma sede, uma espera inquieta, até sofredora, que a presença daquele Homem tinha evocado, tinha feito ecoar, abraçando-a, correspondendo-lhe.

Claro que esse olhar escancarado foi provocado, despertado neles pela presença excecional de Jesus, mas eles tiveram de seguir aquela provocação, aquela solicitação, nada neles aconteceu de forma mágica ou mecânica (se tivesse acontecido dessa forma seria estranho ao humano).

Para nos darmos conta das presenças que trazem uma novidade de vida, para as intercetar, é preciso por isso uma atenção, uma razão empenhada afetivamente, uma humanidade viva. Não pode haver atenção, abertura da razão, sem vibração afetiva, sem interesse. Um olhar atento é sempre um olhar interessado. «Se determinada coisa não me interessa, não olho para ela; se não olho para ela, não posso conhecê-la. Para a ficar a conhecer, preciso de lhe dar atenção. Atenção é palavra que vem do latim e quer dizer “estar tenso para...”. Se me interessa, se me impressiona, ficarei tenso em relação a ela».<sup>124</sup>

## **5. Um reconhecimento que se chama fé**

Esta atenção é, portanto, o início do reconhecimento da natureza daquilo que temos diante de nós. De facto, in-

<sup>124</sup> *Ibidem*, p. 46.

tercetando uma presença com uma humanidade diferente – quando acontece, onde acontece –, é difícil suprimir uma pergunta sobre a natureza daquilo que se está a ver. Diante da presença de Jesus, nas pessoas que O ouviam falar e O viam agir, nascia a pergunta: «Quem é este?». Uma pergunta estranha. O que a provocava era a Sua diferença irreduzível. «Sabem de onde vem, conhecem a sua mãe, e os seus parentes, sabem tudo dele, mas é tão desproporcional o poder que esse homem demonstra, ele é tão grande e é tão diferente a sua personalidade, que até a pergunta tem um sentido diverso: quem será este?»<sup>125</sup>

A mesma pergunta nasce hoje em nós diante da presença de pessoas com quem nos deparámos, que conhecemos e frequentámos, de quem nos tornámos amigos: «Quem és tu, por que razão és assim?». A pergunta surge devido à excecionalidade da sua presença, uma excecionalidade que se torna evidente na nossa experiência. É deste modo que se comunica o cristianismo, agora como então. Dizia-o bem a carta que acabámos de citar, do nosso amigo de cinquenta anos. O aparecimento da pergunta é, de facto, sintomático do mesmo «problema desmedido» que se colocou às pessoas que tiveram contacto com Jesus. Como observa o Papa Francisco: «O testemunho suscita admiração, e a admiração suscita perguntas em quem o vê. Acontece aos outros perguntarem-se: mas como é que aquela pessoa é assim? De onde lhe vem o dom de esperar, e de tratar os outros com caridade?».<sup>126</sup>

<sup>125</sup> Cristo, a companhia de Deus para o homem – Cartaz de Páscoa, 1982, Comunhão e Libertação.

<sup>126</sup> Francisco, *Senza di Lui non possiamo far nulla*, LEV, Cidade do Vaticano 2019, p. 37.

Toda a gente olha para ti com a mesma ternura? Toda a gente olha para ti com a mesma gratuidade? Toda a gente olha para ti com a mesma paixão pelo teu destino? É tudo igual? Por isso, quando uma pessoa se encontra diante duma diferença sem comparação – como o escritor Mencarelli se encontrou diante da irmã – não pode deixar de se fazer a pergunta: «Mas quem é este?». Daqui, deste choque espantado, que provoca uma pergunta insuprimível, começa aquele percurso de conhecimento, de reconhecimento, que se chama fé.

Vejamos como este se desenvolve nos primeiros que encontraram Jesus. Tentemos identificar-nos com uma das muitas cenas do Evangelho, para nos medirmos com a dinâmica cognitiva que emerge da narração. Jesus vai com os discípulos para a região de Cesareia. Ao longo da estrada, a certo ponto, pára e pergunta-lhes: «Quem dizem as pessoas que eu sou?». Apanhados um pouco desprevenidos, tentam algumas respostas: «Alguns dizem que és João Batista, outros Elias, outros ainda Jeremias ou um dos profetas». Nessa altura, a pergunta torna-se direta e pessoal: «Mas vós, quem dizeis que eu sou?». O primeiro a responder é Pedro, com o seu modo impulsivo de reagir: «Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo».<sup>127</sup> Como é que ele pode pronunciar aquelas palavras? Pedro não diz nada que tenha sido ele a pensar, a que tenha chegado por si, com a capacidade de entendimento da sua razão; repete o que tinha ouvido o próprio Jesus dizer. Não são palavras suas, conquistas suas. Porque é que as repete? O que é que faz com que seja totalmente razoável repeti-las, ainda que não captasse completamente o seu significa-

<sup>127</sup> Cf. Mt 16,13-19.

do? A certeza que Pedro tinha alcançado sobre aquele homem, a experiência que tinha vivido na relação com ele e que tinha tornado evidente para si que «se não posso confiar neste homem, não posso sequer confiar em mim mesmo!».

## 6. Liberdade e confiança

Porque é que Pedro podia – devia – confiar em Jesus («se não acreditamos neste homem, não podemos sequer ter confiança nos nossos olhos»)? É necessário antes de tudo sublinhar que nós estamos tanto mais habilitados a ter uma certeza sobre outra pessoa quanto mais estivermos atentos à sua vida. Quem é que foi capaz de perceber que era preciso ter confiança em Jesus? As pessoas que o seguiram e estiveram com Ele, não a multidão que ia lá para se curar, mas que não se envolvia totalmente. Só no convívio e na partilha se podem acumular os sinais necessários para alcançar a certeza sobre outra pessoa, a ponto de chegar a dizer com plena razoabilidade: «Neste posso confiar».

Mas a inteligência dos sinais, a sua interpretação, exige a liberdade. Os sinais não “impõem” a conclusão a que, não obstante, conduzem. «A liberdade joga-se a si mesma naquela área de jogo que se chama sinal. [...] O sinal é acontecimento a interpretar».<sup>128</sup> Por isso, diante da própria pessoa de Jesus, havia entre as pessoas uma variedade de interpretações. Diante dos sinais, vem ao de cima a liberdade.<sup>129</sup>

<sup>128</sup> L. Giussani, *O sentido religioso*, op. cit., p. 169.

<sup>129</sup> Sobre a liberdade do ato de fé, cf. DS 3035.

Para muitos, a presença da liberdade representa uma objeção, é entendida como uma coisa que torna a vida pesada ou que enfraquece a verdade da conclusão a que se chega.

Na tentativa de deixar claro para um jovem amigo meu que não só não nos podemos poupar à liberdade, como ela é um bem para nós, propus-lhe um exemplo. «Imagina – diss-lhe – que, tendo estado alguns anos com a tua namorada e tendo tido tantos sinais de como são um bem um para o outro, tu decides perguntar-lhe explicitamente: “Queres casar comigo?”. Ao fazê-lo, sentirias algum nervosismo?» Responde: «Creio que sim». «Mas porquê – replico eu – dado que para ti já estaria tudo claro?» «Porque ela me podia dizer que não», afirma logo ele. «Portanto, estarias nervoso porque não sabes se todos aqueles sinais bastariam à tua namorada para te dizer que sim, porque estás exposto à “sua” interpretação dos sinais, ou seja, à sua liberdade. É isso?» «Sim», confirma-me ele. A este ponto, perguntei-lhe: «Preferias que tudo fosse mecânico, automático, para não teres de correr o risco da liberdade dela, para te pouparem ao nervosismo, ou agradava-te mais que, arriscando, ela te dissesse que sim livremente?». E ele: «Preferia, sem dúvida, que mo dissesse livremente». Acrescentei: «E tu achas talvez que Deus gosta menos disso do que tu? Também Deus prefere alguém que lhe diga “sim” livremente». O Papa Francisco referiu isso recentemente: «Como age Jesus? [...] Ele respeita, respeita a nossa situação, não invade. [...] Normalmente Ele vai devagar, respeitando os nossos tempos. [...] espera que demos o primeiro passo».<sup>130</sup> Isto não significa que Ele não nos dê sinais, todos os sinais de que precisamos, mas nós continuamos a ser livres diante deles. Deus criou-nos li-

<sup>130</sup> Francisco, *Homilia em Santa Marta*, 26 de abril de 2020.

vres e submeteu-se de alguma maneira à decisão da nossa liberdade, porque não há comparação entre um sim dito livremente pelo homem e uma concordância desprovida dum exercício consciente da liberdade. Concluí: «Se não fosse o fruto da sua liberdade, o seu “sim” não poderia provocar em ti nenhuma explosão de alegria».

Como é decisivo dar-mo-nos conta de que a nossa liberdade não é uma complicação, mas um dom!

A liberdade está, portanto, implicada naquela interpretação dos sinais que nos permite alcançar com plena razoabilidade a certeza de que posso confiar noutra pessoa. Foi por causa desta confiança que Pedro fez suas as palavras que tinha ouvido Jesus dizer. A fé não é lançar-se no abismo, um ato realizado sem nenhuma razoabilidade. «A fé é reconhecer como verdadeiro aquilo que uma Presença histórica diz de si». «Um Homem disse de si uma coisa que outros aceitaram como verdadeira e que agora, graças à forma excecional como esse Facto ainda me alcança, aceito também eu. Jesus é um homem que disse: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida”. [...] Estarmos atentos ao que fazia e dizia Aquele Homem, para chegar a dizer: “Eu creio n’Ele”, aderindo à Sua presença afirmando como verdade aquilo que Ele dizia, isto é a fé. A fé é um ato da razão movida pela excecionalidade de uma Presença, que leva o homem a dizer: “Este fala a verdade, não diz mentiras, aceito aquilo que ele diz”». <sup>131</sup> Como diz o Catecismo, «“crer” tem, pois, uma dupla referência: à pessoa e à verdade; à verdade, pela confiança na pessoa que a atesta». <sup>132</sup>

<sup>131</sup> L. Giussani-S. Alberto-J. Prades, *Gerar rasto na história do mundo*, op. cit., p. 31.

<sup>132</sup> *Catecismo da Igreja Católica*, n. 177.

A fé é o reconhecimento de “alguma coisa” – a presença do divino no humano – que vai além da capacidade de entendimento da razão, que a razão sozinha não poderia definir, porém é um reconhecimento plenamente razoável, que explica aquilo que tenho diante dos olhos, a experiência que faço. Existe, observa Balthasar, uma «íntima ligação entre a fé e a experiência da realização».<sup>133</sup>

«Ter a sinceridade de reconhecer, a simplicidade de aceitar e a afeição de prender-se a uma tal Presença, é isto a fé. Sinceridade e simplicidade são palavras análogas. Ser “simples significa olhar uma coisa de frente, sem introduzir fatores estranhos modificados pelo exterior. [...] É preciso [...] olhar para o facto, o acontecimento, com simplicidade, quer dizer, é preciso olhar para o acontecimento por aquilo que diz, por aquilo que comunica à razão, ao coração, sem introduzir, para o avaliar, fatores estranhos, que não têm que ver com ele».<sup>134</sup> A simplicidade, pode dizer-se, é submeter a razão à experiência, sem introduzir nada de estranho a esta. Continua gravada na nossa memória a forma como Giussani falou disto diante do Papa, na Praça de São Pedro, em 1998: «Era uma simplicidade do coração, aquela que me fazia sentir e reconhecer Cristo como excepcional, com uma certeza imediata, como acontece pela evidência incontestável e indestrutível de fatores e momentos da realidade que, uma vez que entram no horizonte da nossa pessoa, nos tocam até ao fundo do coração».<sup>135</sup>

<sup>133</sup> H.U. von Balthasar, *La percezione della forma. Gloria. Una estetica teologica*, op. cit., p. 119.

<sup>134</sup> L. Giussani-S. Alberto-J. Prades, *Gerar rasto na história do mundo*, op. cit., pp. 37-38.

<sup>135</sup> *Ibidem*, p. 8.

## CAPÍTULO 4

# UM CAMINHO QUE DURA A VIDA INTEIRA

Uma vez tendo-se dado o encontro, depois de termos feito a experiência de sermos atraídos, «bloqueados» por uma presença de humanidade diferente, na qual reconhecemos – cada um segundo os seus tempos e a sua história – a presença de Cristo aqui e agora, tendo começado a ver os seus frutos na nossa vida, podemos pensar que já chegámos, e que por isso podemos deixar de caminhar.

Temos de nos render ao facto de que as coisas não são assim. O encontro, que continuamente se renova e volta a acontecer, é o contínuo abrir-se de uma estrada, que não pode deixar de ser percorrida. «Este “dado”, que de alguma maneira irrompeu, torna-se o ponto de partida de um caminho [...]. Aquilo que foi dado torna-se o ponto de partida de uma busca, de um labor que não é de todo uma dinâmica de posse, mas antes o trabalho de um desejo que não deixará de aprender».<sup>136</sup>

### **1. A necessidade de um caminho**

Assim que paramos, acreditando já possuir aquilo que nos foi dado, o peso e a aridez invadem os nossos dias.

<sup>136</sup> M. De Certeau, *Mai senza l'altro*, Qiqajon – Comunità di Bose, Magnano (Bi) 1993, pp. 26-27.

Em vez de flores, encontramos nas mãos erva seca. Vemos novamente o nada infiltrar-se no tecido do nosso tempo. E ficamos surpreendidos, desiludidos. Como é que aconteceu uma tal aridez? Sentimos mais do que nunca nossas, nesses momentos, as palavras de Etty Hillesum: «O meu coração estava outra vez comprimido, nada fluía lá dentro, todos os canais de irrigação estavam assoreados e o cérebro apertado por um pesado parafuso».<sup>137</sup>

O que é que nos acontece? Aquilo que Ratzinger diz de Santo Agostinho: «Quando se converteu no jardim perto de Cassiciaco, Agostinho tinha compreendido a conversão ainda segundo o esquema do venerado mestre Plotino e dos filósofos neoplatónicos. Pensava que a vida de pecado passada estava agora definitivamente superada; o convertido seria daquele momento em diante uma pessoa completamente nova e diferente, e o seu caminho seguinte teria consistido numa contínua subida para as alturas mais puras da proximidade de Deus, algo como o que descreveu Gregório de Nissa em *De vita Moysis*: “Precisamente como os corpos, logo que receberam o primeiro impulso para baixo, mesmo sem ulteriores estímulos, se afundam por si mesmos... também mas em sentido contrário, a alma que se liberta das paixões terrenas, se eleva constantemente ao de cima de si com um movimento veloz de ascensão... num voo sempre em direcção ao alto”».<sup>138</sup> Mesmo sem nunca termos usado estas palavras, também nós, muitas vezes, talvez sem nos apercebermos, concebemos aquilo que nos aconteceu – o

<sup>137</sup> E. Hillesum, «4 de Setembro [de 1941] dez e meia de quinta-feira à noite.», *Diário 1941-1943*, op. cit., p. 113.

<sup>138</sup> J. Ratzinger, *Discurso do Cardeal Joseph Ratzinger no Centenário da Morte do Cardeal John Henry Newman*, Roma, 28 de Abril de 1990.

encontro, a «conversão» – de acordo com esquemas que fomos buscar a outro lugar, distantes daquilo que vivemos. «Mas a experiência real de Agostinho era outra: ele teve que aprender que ser cristão significa, ao contrário, percorrer um caminho sempre mais difícil com todos os seus altos e baixos. A imagem da ascensão é substituída com a de um iter, um caminho, de cujas difíceis asperidades nos confortam e amparam os momentos de luz, que de vez em quando podemos receber. A conversão é um caminho, uma via que dura a vida inteira. Por isso, a fé é sempre desenvolvimento, e precisamente assim, maturação da alma para a Verdade, que “nos é mais íntima de quanto nós o somos a nós mesmos”». <sup>139</sup>

Ratzinger formula estas observações por ocasião do centenário da morte de John Henry Newman, para sublinhar a diferente e mais verdadeira concepção da sua própria conversão do cardeal inglês, agora santo: «Newman expôs na ideia do desenvolvimento a sua própria experiência pessoal de uma conversão jamais concluída, e assim ofereceu-nos a interpretação não só do caminho da doutrina cristã, mas também da vida cristã. O sinal característico do grande doutor da Igreja parece-me ser que ele não ensina só com o seu pensamento e com os seus discursos, mas também com a sua vida, porque nele pensamento e vida compenetraram-se e determinam-se reciprocamente. Se isto é verdade, então Newman pertence deveras aos grandes doutores da Igreja, porque ele toca ao mesmo tempo o nosso coração e ilumina o nosso pensamento». <sup>140</sup>

<sup>139</sup> *Ivi.*

<sup>140</sup> *Ivi.*

É preciso conservar e retirar os frutos do precioso contributo contido neste texto de Ratzinger: «A conversão é um caminho, uma via que dura a vida inteira»; «a fé é sempre desenvolvimento». Péguy faz eco destas palavras, com a sua prosa ardente: «Nada do que é adquirido é conquistado para sempre. E esta é a condição própria do homem. E é a condição mais profunda do cristão. A ideia de uma aquisição eterna, a ideia de uma aquisição definitiva e que nunca será contestada é o que há de mais contrário ao pensamento cristão. A ideia de um domínio eterno e definitivo e que nunca será colocado em discussão é o que há de mais contrário ao destino do homem, no sistema do pensamento cristão».<sup>141</sup>

Também o Batismo, embora introduza uma coisa irreduzível e definitivamente nova em nós, marcando um separar de águas entre o antes e o depois, não é senão um início: o início da luta que Cristo trava para conquistar, como vir pugnator, a nossa existência, para “a invadir” e dessa forma a realizar. Com o Batismo, «que chama o homem a compreender e a aceitar que faz parte do acontecimento de Cristo» – o Batismo, na Igreja, «aparece sempre ligado à fé: [...] os Apóstolos e os seus colaboradores oferecem o Batismo a quem quer que acredite em Jesus»<sup>142</sup> –, «nasce um homem diferente, pessoas diferentes».<sup>143</sup> Mas tal «início datado no tempo poderia até ficar sepultado debaixo de uma espessa camada de terra ou num túmulo de esqueci-

<sup>141</sup> Ch. Péguy, «Nota congiunta su Cartesio e sulla filosofia cartesiana», in Id., *Cartesio e Bergson*, Milella, Lecce 1977, pp. 254-255.

<sup>142</sup> *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1226.

<sup>143</sup> L. Giussani-S. Alberto-J. Prades, *Gerar rasto na história do mundo*, op. cit., p. 73.

mento e ignorância», como acontece a tantas pessoas. É encontrando «uma companhia cristã viva»<sup>144</sup> que tomamos consciência do alcance do Batismo, que surpreendemos os seus frutos na nossa vida. E é pertencendo à vida desta companhia que se desenvolve em nós a graça batismal.

Mais uma vez, está implicado um caminho. Mesmo quem foi escolhido, agarrado, através do gesto do Batismo, pode, com efeito, «afundar no oceano lamacento do mundo: cedendo ao esquecimento, não vivendo a memória, que é a consciência da presença de Cristo, evento real na vida do homem».<sup>145</sup>

Nenhuma interrupção do caminho, portanto. Mas esta evidência, de que a conversão é um caminho que dura a vida toda e que a fé é sempre um desenvolvimento, pode levar-nos a ceder, quase sem nos apercebermos, a uma tentação: a de mudar de método, ou seja – diante da vida, das suas urgências, dos seus desafios pessoais e sociais – substituir o encontro por outra coisa. Quer dizer, a tentação é a de dar por adquirido o acontecimento, dar por adquirida a fé, e olhar noutra direção: procuramos a realização da nossa vida noutra sítio, e não no acontecimento que nos atraíu. Por isso Giussani escreve: «“Acontecimento” é [...] a palavra mais dificilmente entendida e aceite pela mentalidade moderna e, por isso, também por cada um de nós [...]. A coisa mais difícil de aceitar é que seja um acontecimento aquilo que nos faz acordar para nós mesmos, para a verdade da nossa vida, para o nosso destino,

<sup>144</sup> *Ibidem*, p. 74.

<sup>145</sup> *Ibidem*, p. 77.

para a esperança, para a moralidade». <sup>146</sup> Acabamos assim por procurar refúgio e apoio nalguma coisa pensada e feita por nós que seria, a nosso ver – mesmo que isso seja implícito – mais capaz de agredir o nada que nos rodeia e que se insinua em nós.

Mas por que razão decaímos e, após o fascínio inicial, nos encontramos presos numa luta que às vezes nos esgota? Porque é que mudamos de método? É preciso fazer um primeiro sublinhado. A escolha de nos fixarmos, em vez de no encontro, naquilo que nos parece que controlamos mais e que somos também mais capazes de realizar é fortemente, ainda que de forma geralmente não manifesta, promovida e facilitada pela mentalidade que nos rodeia e nos permeia. «Estamos imersos numa realidade “mundana” contrária àquilo que nos aconteceu: esta precisa do acontecimento de Cristo, precisa que seja testemunhado e vivido, mas, como consciência e afeição, é radicalmente estranha e em oposição à personalidade nova, à “criatura nova” a que Cristo dá início». <sup>147</sup> A contradição entre a novidade introduzida pelo acontecimento de Cristo e o contexto histórico em que nos encontramos desafia continuamente o cristão, o batizado. Como é que pode não sucumbir? Só graças à presença concreta e contínua do Mistério feito carne, que se torna experimentável através de uma realidade cristã viva.

Longe dessa presença concreta e contínua de Cristo, que nos envolve através de uma preferência humana («Zaqueu, desce depressa da árvore, vou a tua casa»), cada um de nós, mesmo tendo recebido o Batismo e

<sup>146</sup> *Ibidem*, p. 27.

<sup>147</sup> *Ibidem*, pp. 76-77.

tendo embatido, num determinado momento, na companhia da Igreja, fica sózinho com as suas apetências, à mercê das forças e das lisonjas do poder, das imagens de realização que lhe são fornecidas todos os dias pelo contexto e que, consciente ou inconscientemente, faz suas.

Atenção, porém: se é verdade que sem uma ligação presente com a companhia constante de Cristo, através dos rostos humanos de que Ele se serve, é difícil, se não impossível, não sucumbir à mentalidade que nos rodeia, é também verdade que o estarmos imersos numa companhia cristã viva não nos protege automaticamente do risco de ceder à tentação de substituir por outra coisa o acontecimento encontrado, de colocar a nossa esperança noutra coisa, de voltar a imaginar a estrada da plenitude partindo dos nossos próprios recursos. Esta é uma tentação hoje como no início, e sê-lo-á por toda a história, e ceder-lhe é aquilo em que, no fundo, consiste o «pecado». Observa-o à sua maneira María Zambrano, voltando o olhar para a origem: «Se considerarmos a narração do Génesis, [Adão] sucumbiu à sedução prometedora do futuro: “Sereis como deuses”, não em apetência de felicidade, mas saindo pelo contrário da felicidade que o inundava para ir buscar uma criação própria, de algo que ele fizera, e não ter que contemplar o que se lhe oferecia, para fugir da pura presença dos seres cujo nome conhecia, mas não o seu segredo».<sup>148</sup>

Cada um é chamado a ver o que acontece na vida pessoal ou comunitária quando se cai na tentação de substituir a novidade gerada pelo Mistério tornado carne por uma criação só nossa, por alguma coisa feita por nós.

<sup>148</sup> M. Zambrano, *Clareiras do Bosque*, Relógio d'Água, Lisboa 1995, p. 71.

## 2. A tentação da afirmação de si

Um olhar à história nascida do carisma dado a *don* Giussani pode revelar-se precioso para perceber os fatores que estão em jogo no caminho cristão.

Num determinado contexto histórico, nos anos do pós 68, no meio das contínuas pressões que advinham do contexto cultural, social e político, e que, nalguns aspetos, são semelhantes àquelas a que somos hoje sujeitos, Giussani descreveu de forma precisa a tentação de que estamos a falar. Estamos em 1975, mas as observações que ele dirige a um grupo de adultos de Milão, reunidos na sala do Conservatório para a habitual Jornada de início de ano,<sup>149</sup> valem igualmente para nós hoje.

Giussani denuncia na realidade do movimento de CL um «enfraquecimento» – um endurecimento da experiência, uma desorientação, uma azáfama – e atribui isso a «uma carência de método, uma carência de atenção». Como entender esta carência de método e de atenção? Ela consiste no facto de que «o fundo da questão, a raiz, aquela de onde vem tudo, a fonte da energia e da inteligência, é dada por adquirida, já não é alimentada, já não é acarinhada, já não é ajudada pela nossa atenção e pela nossa vontade, pelo que é como se, lentamente, tivesse tendência a desvanecer-se, a tornar-se abstrata. Ai de nós, numa vida como a vida cristã, darmos por adquirida, de alguma maneira, aquela que é a origem contínua do nosso ros-

<sup>149</sup> Referência ao tradicional encontro de início do ano social dos membros do movimento de Comunhão e Libertação, depois das férias de verão.

to, da nossa personalidade, da nossa luz e da nossa força!». <sup>150</sup> Quando damos por adquirida a fonte, ou seja, o acontecimento que se deu, este transforma-se de facto num a priori que é colocado na gaveta; dá-se por adquirido o acontecimento e depois enfrenta-se a realidade a partir dos nossos projetos e das nossas interpretações. O acontecimento sobrevive como categoria conhecida e até utilizada, mas não como raiz vital de conhecimento e de ação. Não tomamos iniciativas a partir do acontecimento cristão, nem esperamos dele a satisfação, ou seja, a correspondência às exigências originais do coração: procuramo-las nas nossas realizações, na nossa própria capacidade de construção, numa afirmação própria. E nisto se dá – insensivelmente – a mudança de método a que nos referíamos acima.

Giussani identifica assim a carência de método e de atenção com a «prevalência grave da expressividade, da busca da expressão, seja ela pessoal ou coletiva», com a busca de «uma expressividade entendida de forma naturalista. Instintos, exigências, necessidades que germinam na nossa vida pessoal, que se veem na nossa vida coletiva: sentimos a urgência de que sejam satisfeitos, com um privilegiar, com um predominar muito perigoso sobre o ponto que constitui o alimento contínuo do nosso caminho humano e cristão». Há, em suma, um prevalecer da busca da nossa expressividade em detrimento daquele acontecimento que entrou na vida e que se revelou como origem de uma novidade humana, de uma inteligência e de uma afetividade novas.

<sup>150</sup> FCL, *Documentação audiovisual*, Jornada de início de ano de CL, Milão, 14 de setembro de 1975.

Qual é a raiz do problema? Giussani responde sem hesitação: a afirmação de nós mesmos como objetivo e horizonte último da ação. «O valor que perseguimos, indo à igreja ou lutando numa fábrica, na escola ou na universidade, quando estamos sozinhos ou quando estamos juntos, é a afirmação de nós mesmos, conforme o aspeto que nos interessa (seja este a afetividade, seja ele o gosto e a curiosidade cultural, uma capacidade própria que queremos demonstrar, seja a paixão social e política). Este é o ponto central da questão: o valor que perseguimos, individualmente ou em conjunto, parece-me ser maioritariamente definido pela necessidade e pela pretensão, pela ânsia de uma afirmação de nós mesmos, de acordo com aquilo que nos interessa, de acordo com aquilo que sentimos como sendo interessante para nós».<sup>151</sup> Giussani, é preciso notar, não está a falar a pessoas que escolheram seguir outros caminhos, mas a pessoas que se envolveram na experiência cristã que ele mesmo suscitou e que generosamente investem tempo e energias nos vários âmbitos do seu envolvimento. É isto que torna ainda mais interessante a sua observação, pois ela não diz respeito “aos outros”, mas “a nós”, ou seja, pessoas que vivem a proposta cristã pela qual foram atraídas.

No seu último livro, recentemente publicado, Giussani esclarece o ponto sensível no quadro de uma alternativa: «Em vez de afirmar o ser, a realidade na

<sup>151</sup> FCL, *Documentação audiovisual*, Jornada de início de ano de CL, Milão, 14 de setembro de 1975. Tolstói oferece-nos, a este propósito, um arguto parafrasear do Evangelho: «*Procurai o reino de Deus e a sua justiça, e o resto vos será acrescentado*. Mas nós procuramos o resto e, evidentemente, não o encontramos» (L. Tolstói, *Ressurreição*, op. cit., p. 573).

sua verdade integral, inteira, no seu destino total, exaustivo, nós somos determinados pela preocupação de nos afirmarmos a nós mesmos». E ainda: «Nós depositamos a esperança num projeto nosso: é isto o pecado, depositar a esperança num projeto nosso».<sup>152</sup> E esta é a nossa tentação permanente. Devido a uma estranha e profunda fraqueza, e ao mesmo tempo a uma presunção à qual cede, o homem, ou seja, cada um de nós, afasta-se daquilo que o faz viver, dá-o por adquirido – que é uma forma de negá-lo – e afirma-se a si mesmo. Ele concentra-se sobre si e «fixa a atenção e o desejo em coisas particulares e limitadas. O desígnio original, ou seja, aquilo para que o homem é criado, foi alterado pelo uso arbitrário da liberdade; os homens tendem assim para um pormenor que, desligado do todo, é identificado como o objetivo da vida. A experiência vivida todos os dias é que os homens tendem a identificar a totalidade da vida com algo parcial e limitado. E sair desta parcialidade não está nas nossas mãos: nenhum de nós consegue, sozinho, manter um olhar verdadeiro sobre o real».<sup>153</sup>

O perseguinto da afirmação de nós mesmos, todavia, não conduz à plenitude e à satisfação que parece prometer-nos, não nos liberta do nada. Os nossos discursos e os nossos esforços são tentativas insuficientes, estéreis, como observámos. Aliás, com todos os nossos afazeres, «aumenta desmedidamente

<sup>152</sup> L. Giussani, *Un avvenimento nella vita dell'uomo*, Bur, Milão 2020, pp. 187, 27.

<sup>153</sup> L. Giussani-S. Alberto-J. Prades, *Gerar rasto na história do mundo*, op. cit., pp. 28-29.

a insatisfação». <sup>154</sup> No pecado está a penitência, aquela a que Dante chama «pena da retaliação», pela qual «uma pessoa é punida precisamente através do erro cometido». Com efeito, a «busca da afirmação de nós mesmos, de um pormenor ou de uma pessoa que nos interessa mais, tem sempre como resultado um mal-estar maior. E esta atitude, que privilegia a afirmação de nós mesmos, o gosto de nos expressarmos, o gosto pela nossa própria expressividade, estraga tudo». <sup>155</sup>

Nunca como nestes tempos, marcados pelo Coronavírus, assistimos ao limite de uma determinada maneira de estar na realidade, e como é patético depositar a esperança na nossa própria expressividade. Escreve Graham Greene: «A autoexpressão é uma coisa cruel e egoísta. Devora tudo, até o Eu. No fim, descobrimos que não temos sequer um Eu para expressar. Não há mais nada que me interesse». <sup>156</sup> «Quem está centrado em si, na sua própria bondade ou inteligência, na ânsia ou persuasão de ter razão, acaba por já não perceber a realidade na sua inesgotável e misteriosa diferença. Assim, o único entusiasmo que se pode experimentar na vida é o de ter razão, o

<sup>154</sup> FCL, *Documentação audiovisual*, Jornada de início de ano de CL, Milão, 14 de setembro de 1975. Escreve Dostóievski, n' *Os irmãos Karamazov*: «Porque cada um, hoje em dia, deseja isolar cada vez mais a sua pessoa, quer experimentar em si mesmo a plenitude da vida e, no entanto, o resultado é que todos os seus esforços, em vez da plenitude da vida, acabam num suicídio absoluto, porque em vez da plenitude da definição da sua personalidade entra num isolamento total» (F.M. Dostóievski, *Os irmãos Karamazov*, vol. I, Editorial Presença, Lisboa. 2002, p. 366).

<sup>155</sup> FCL, *Documentação audiovisual*, Jornada de início de ano de CL, Milão, 14 de setembro de 1975.

<sup>156</sup> G. Greene, *Un caso bruciato*, Mondadori, Milão 1984, p. 78.

da satisfação pessoal; e não, seguramente, a surpresa por aquilo que acontece, pela realidade que fala à pessoa, pela graça do ser». <sup>157</sup> Estarmos centrados em nós torna-nos surdos à realidade, à sua inesgotável e misteriosa diferença, transforma a vida numa bolha sufocante.

Aquilo de onde pensamos obter a satisfação leva-nos ao niilismo; privilegiar o gosto da própria expressividade estraga tudo, ou seja, reduz tudo a zero. Mas porquê? Porque vai contra a lei da realização humana. «A lei da vida é aquela que o Senhor disse: “Quem se procura a si mesmo perde-se, e quem aceita perder-se encontra-se. Quem aceita perder-se por Mim encontra-se”. É este o conceito de “conversão”». <sup>158</sup>

### **3. Conversão. Recuperar continuamente a fé**

Eis por isso a alternativa indicada por Giussani: «Não expressão de si, mas conversão de si. Não expressão pública, cultural, política do movimento, mas conversão do movimento. É esta a palavra! É a esta conversão que, segundo o desígnio de Deus e segundo os seus tempos, está também assegurado – como todos os profetas cantaram para Israel, na condição de que

<sup>157</sup> L. Giussani, *Un avvenimento nella vita dell'uomo*, op. cit., p. 139. Na mesma linha, de Lubac escreve: «Achamo-nos iluminados, e já não sabemos discernir o essencial. Já não sabemos descobrir, esboçadas de fresco, talvez à nossa volta, as mil invenções do Espírito, sempre igual a si mesmo e sempre novo» (H. de Lubac, «Le nostre tentazioni nei confronti della Chiesa», in Id., *Meditazione sulla Chiesa*, op. cit., p. 200).

<sup>158</sup> FCL, *Documentação audiovisual*, Jornada de início de ano de CL, Milão, 14 de setembro de 1975.

permanecesse fiel – o prémio de Deus neste mundo: “Todos os povos virão a Ti”». <sup>159</sup>

É a «conversão» ao acontecimento de Cristo que assegura o «prémio», o cêntuplo já aqui – em todos os sentidos, até como incidência histórica –, não a pretensão de um projeto próprio, a procura atarefada de uma expressividade própria, de uma afirmação de si. Mas este é precisamente o ponto onde se escorrega: uma vez que a fé, o encontro, muitas vezes nos parece demasiado frágil e não nos parece suficiente para nos fazer obter a satisfação e a incidência que desejamos, a que aspiramos, tal como a imaginamos, então deitamos para trás das costas o acontecimento e concentramo-nos numa iniciativa nossa. Tolstói identifica esta atitude e as suas consequências: «Pensava que tinha fé, no entanto, mais do que em qualquer outro aspecto, percebia com todo o seu ser que a sua fé era uma coisa absolutamente “errada”. Por isso tinha sempre aqueles olhos tristes». <sup>160</sup>

Ora, se Deus, o significado de tudo, se fez homem e se este acontecimento permanece na história, se continua a ser contemporâneo à vida de cada um de nós, para o homem que o reconhece tudo devia girar à sua volta. «O encontro que iniciou o nosso caminho tem as mesmas características, é definitivo e totalizante, e as-

<sup>159</sup> *Ivi*. Observa a este propósito De Lubac: «Quando já não sabemos ver na Igreja senão os seus méritos humanos, quando já não a consideramos senão como um meio, por mais nobre que se queira, com vista a um fim temporal, quando nela já não sabemos descobrir, mesmo permanecendo vagamente cristãos, em primeiro lugar o mistério da fé, já não a compreendemos de todo» (H. de Lubac, «Il sacramento di Gesù Cristo», in *Id.*, *Meditazione sulla Chiesa*, op. cit., p. 145).

<sup>160</sup> L. Tolstói, *Ressurreição*, op. cit., p. 331.

sim todas as particularidades da história que vivemos fazem parte dele». Cristo tem a ver com a vida toda e com todos os seus desenvolvimentos concretos. «O conteúdo da fé – Deus feito homem, Jesus Cristo morto e ressuscitado – que surge num encontro, por isso num ponto da história, abraça todos os seus momentos e aspetos, que como de um vórtice são levados para dentro daquele encontro e devem ser enfrentados do seu ponto de vista, segundo o amor que daí jorra, segundo a possibilidade de utilidade ao próprio destino e ao destino do homem que este sugere».<sup>161</sup>

Para reforçar este caráter totalizante, Giussani serve-se da diferença entre âmbito e forma. «O encontro feito, pela sua natureza totalizante, torna-se com o tempo na forma verdadeira de cada relação, na forma verdadeira com que olho para a natureza, para mim mesmo, para os outros, para as coisas. Um encontro, se for totalizante, torna-se forma e não simplesmente âmbito de relações: ele não estabelece apenas uma companhia como lugar de relações, mas é a forma com que estas são concebidas e vividas».<sup>162</sup> Isto significa que o olhar que dirigimos a cada pormenor da realidade, a cada faceta da existência é plasmado por aquele encontro. Pode viver-se tudo com uma intensidade e uma dignidade inesperadas, mesmo quando nos encontramos numa situação de constrição. Não é “literatura”, é experiência vivida. Escreve Etty Hillesum, sentada num banco de madeira no campo de concentração de Westerbork: «Aqui aprende-se muito. Nomeadamente, que a vida é

<sup>161</sup> L. Giussani-S. Alberto-J. Prades, *Gerar rasto na história do mundo*, op. cit., p. 36.

<sup>162</sup> *Ivi*.

muito diferente do que vem escrito em todos os livros de História e que é bom viver em todo o lado, mesmo atrás de arame farpado e em barracões com correntes de ar, desde que se viva com o amor necessário pelo ser humano e pela vida». <sup>163</sup>

No fundo, muitas vezes, quase sem o confessarmos a nós próprios, o pensamento que domina em nós é um ceticismo sobre a incidência do encontro e da fé, sobre a iniciativa do Mistério no mundo. O método «suave» de Deus, como o define Bento XVI, parece-nos demasiado suave: «É próprio do mistério de Deus agir deste modo suave. Só pouco a pouco é que Ele constrói na grande história da Humanidade a sua história. Torna-Se homem, mas de modo a poder ser ignorado pelos contemporâneos, pelas forças respeitáveis da história. Padece e morre e, como Ressuscitado, quer chegar à humanidade apenas através da fé dos seus, aos quais Se manifesta. Sem cessar, Ele bate suavemente às portas dos nossos corações e, se Lhas abirmos, lentamente vai-nos tornando capazes de “ver”. E, contudo, não é precisamente este o estilo divino? Não se impor pela força exterior, mas dar liberdade, conceder e suscitar amor». <sup>164</sup>

Devido a esse ceticismo, preferimos, então, mesmo sem o declararmos – mas transparece na forma como nos movemos –, substituir ou “socorrer” o acontecimento, o modo de se revelar e de agir de Deus, o seu

<sup>163</sup> E. Hillesum, «D. A Hes Hijmans e outros conhecidos de Amsterdão. Westerbock, de segunda feira, 24 de Agosto, a quarta feira, 26 de Agosto de 1942», *Cartas 1941-1943*, Assírio e Alvim, Portugal Abril 2009, p. 270.

<sup>164</sup> J. Ratzinger - Bento XVI, *Jesus de Nazaré – Da Entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, Principia, Cascais 2011, p. 224.

estilo, com os nossos projetos, com a nossa atividade. Fazendo isto, não negamos explicitamente Cristo, mas deixamo-lo no tabernáculo, no nicho das premissas solidificadas: damos por adquirida a fonte, desencarnamo-la e transformamo-la numa inspiração que justifica aquilo que nós pensamos e queremos, a afirmação de nós próprios.<sup>165</sup> É por isso que Giussani nos convida a uma conversão pessoal e coletiva.

Conversão! Do que se trata e por que razão é este o ponto? «Converter-se é recuperar continuamente a fé, e a fé é reconhecer um facto, o facto que aconteceu, o acontecimento grande que permanece entre nós. Quem é que tinha fé há dois mil anos? Aqueles que, fossem eles muitos ou poucos, reconheciam naquele Homem a presença de Algo grande, sobrenatural. Algo que não se via como se via a Ele, mas que estava de forma evidente n'Ele, porque “Ninguém sabe falar e fazer as coisas que Tu dizes e fazes, se Deus não estiver com ele”, dizia Nicodemos a Jesus. Recuperar a fé, portanto, significa recuperar continuamente a consciência e a adesão ao Mistério que está em nós e entre nós: em cada um de nós, pelo Batismo; e entre nós, portanto, como parte da Igreja de Deus». Se esta conversão se tornar realmente «projeto da nossa vida, então seremos ainda muito mais capazes de estar prontos, disponíveis e capazes em todas as compromissos que a história nos exigirá dia após dia».<sup>166</sup>

Giussani prossegue e especifica: recuperar continuamente a fé significa «recuperar a fé como inteligência e como

<sup>165</sup> Cf. A este propósito a Congregação para a Doutrina da Fé, Carta *Placuit Deo* aos Bispos da Igreja Católica sobre alguns aspetos da salvação cristã, 2.

<sup>166</sup> FCL, *Documentação audiovisual*, Jornada de início de ano de CL, Milão, 14 de setembro de 1975.

obediência». Há aqui duas dimensões da fé – inteligência e obediência – para as quais temos de olhar com atenção.

Começamos pela primeira. «O acontecimento que está dentro de mim e entre vocês, entre nós, é percebido por uma inteligência. A fé, com efeito, é um gesto da inteligência», mas de uma inteligência «mais profunda e maior do que a inteligência habitual da razão natural, porque penetra ao nível das coisas em que estas coisas assumem a sua consistência e o seu significado. Recuperar a fé como inteligência significa reconhecimento contínuo do facto que está entre nós: “Todos nós que comemos deste Pão somos uma só coisa. Sede membros uns dos outros, carregai, pois, cada um, os pesos do outro”».<sup>167</sup>

Pergunto-me: mas como é que nós hoje podemos falar, no mundo em que nos encontramos, com todas as conquistas e todos os desenvolvimentos que o caracterizam, com todos os ceticismos e os preconceitos que o endurecem, das coisas a que nos estamos a referir? Com que autoridade podemos dizê-las? Só com a autoridade da vida, de uma experiência, ou seja, só se crescer em nós uma autoconsciência nova e por isso uma forma nova, mais humana, de viver as mesmas situações de toda a gente. Como sublinha Berdjaev, «a libertação espiritual é acompanhada não de uma passagem à abstração, mas sim ao concreto [...], é a vitória sobre o poder da estranheza».<sup>168</sup> E ainda, como é que podemos dizer, com as palavras de Giussani: «Nós constituímos, pois, o lugar onde o nobre esforço do homem para a libertação encontra maior realização»? Como é que podemos dizer estas

<sup>167</sup> *Ivi.*

<sup>168</sup> N. Berdjaev, *Schiavitù e libertà dell'uomo*, Bompiani, Milão 2010, p. 627.

coisas, «se a realidade divina, o mistério de Cristo que está entre nós e em nós não for mantido continuamente presente, se não for o conteúdo de uma autoconsciência nova?». A autoconsciência nova «é realmente uma outra maneira de nos percebermos a nós mesmos, é uma outra maneira de compreender a presença do outro, quem é o outro e qual é a minha relação com ele. “Todos nós somos uma só coisa. Sede membros uns dos outros, carregai, pois, cada um, os pesos do outro”. Enquanto isto não se tornar um projeto de cada manhã, programa de cada dia, o que é que estamos a fazer [no mundo]? A nossa posição diante do mundo torna-se imediatamente um discurso entre os mais, uma ideologia entre as outras e a enésima ilusão lançada à cara do homem».<sup>169</sup>

A segunda palavra usada por Giussani para indicar a conversão, a recuperação contínua da fé, é «obediência». Trata-se, portanto, não apenas da fé como inteligência, como «perceção da novidade que está dentro de nós e entre nós, mas também como obediência a esta realidade reconhecida, percebida, em nós e entre nós, a esta unidade com o mistério de Cristo, que eu sou e vós sois, a esta unidade entre mim e vós. A unidade de sangue que uma mãe assegura é menos profunda e definitiva do que esta, como disse o Senhor naquela vez em que, abrindo caminho entre a multidão, alguém lhe disse: “Mestre, estão aqui a tua mãe e os teus irmãos”. “Quem é a minha mãe e quem são os meus irmãos e os meus parentes? Aquele que faz a vontade do Pai, esse é minha mãe, irmão e irmã”».<sup>170</sup>

<sup>169</sup> FCL, *Documentação audiovisual*, Jornada de início de ano de CL, Milão, 14 de setembro de 1975.

<sup>170</sup> *Ivi*.

Retomaremos de forma mais aprofundada esta palavra – obediência – no final do nosso percurso. Perguntemo-nos agora: qual é a verificação de que a fé como reconhecimento, como inteligência da novidade que há em nós e entre nós, e como obediência a esta realidade reconhecida, à «nossa unidade naquele homem, Cristo»,<sup>171</sup> são reais em ti e em mim? Qual é a verificação da conversão? Essa verificação é uma humanidade nova, antecipação da felicidade final.

É a experiência testemunhada por São Paulo nas suas cartas. «Se qualquer outro julga poder confiar nesses méritos, eu posso muito mais: circuncidado ao oitavo dia, sou da raça de Israel, da tribo de Bemjamim, um hebreu descendente de hebreus; no que toca à Lei, fui fariseu; no que toca ao zelo, perseguidor da Igreja; no que toca à justiça – a que se procura na lei – irrepresentável. Mas, tudo quanto para mim era ganho, isso mesmo considere perda por causa de Cristo. Sim, considero que tudo isso foi mesmo uma perda, por causa da maravilha que é o conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor: por causa dele, tudo perdi e considero esterco, a fim de ganhar a Cristo e nele ser achado, não com a minha própria justiça, a que vem da Lei, mas com a que vem pela fé em Cristo, a justiça que vem de Deus e que se apoia na fé. Assim posso conhecê-lo a Ele, na força da sua ressurreição e na comunhão com os seus sofrimentos, conformando-me com Ele na morte, para ver se atinjo a ressurreição de entre os mortos. Não que já o tenha alcançado ou já seja perfeito; mas corro, para ver se o alcanço, já que fui alcançado por Cristo Jesus.

<sup>171</sup> L. Giussani, *Dall'utopia alla presenza (1975-1978)*, Bur, Milão 2006, pp. 25-26.

Irmãos, não me julgo como se já o tivesse alcançado. Mas uma coisa faço: esquecendo-me daquilo que está para trás e lançando-me para o que vem à frente, corro em direção à meta, para o prémio a que Deus, lá do Alto, nos chama em Cristo Jesus». <sup>172</sup>

O que significa então correr tendo em vista o prémio? É apenas um remeter para o futuro? Para esclarecer a experiência subentendida neste lançar-se para o que vem à frente, Giussani detém-se na palavra que São Paulo, e portanto a liturgia, adotam para indicá-la. Acrescenta por isso uma observação que para nós, para a nossa experiência – tua e minha – de homens que desejam a realização, é capital: «O prémio começa já aqui, é a humanidade nova que foi prometida. São Paulo e a liturgia usam um termo muito claro, “penhor”, o penhor do Espírito. “Penhor” quer dizer “antecipação”, antecipação da felicidade final já aqui. É isso que somos chamados a experimentar e a viver para o dar aos outros, ao mundo, aos homens, porque este novo dom, de humanidade nova, é o melhor conselho para que os esforços do homem não sejam mistificados e mistificadores, desiludindo no final». <sup>173</sup>

Uma humanidade nova, diferente, mais verdadeira, mais completa, mais desejável, é o único “conselho” que pode abrir uma brecha na nossa consciência de homens, e de homens contemporâneos, o único que pode ser ouvido como um convite que fascina e liberta. Definir estas coisas mantém-nas necessariamente a um nível genérico, mas o que é dito «vale para a tua

<sup>172</sup> Fil 3,4-14.

<sup>173</sup> FCL, *Documentação audiovisual*, Jornada de início de ano de CL, Milão, 14 de setembro de 1975.

vida familiar, com a tua mulher, com o teu marido, com os teus filhos, vale para as relações com as pessoas com quem trabalhas, vale para as relações que deves ter com cada homem que encontras, para cada acontecimento que se dê na prosperidade e na adversidade, para que sejamos, da mesma maneira, humildes na prosperidade e seguros na adversidade». <sup>174</sup>

Uma humanidade nova, uma antecipação da felicidade final, por isso uma outra maneira de conceber as coisas, uma consciência nova, um olhar verdadeiro sobre o real. Este é o prémio, aquilo a que nos conduz a conversão de que falámos.

## CAPÍTULO 5

# A RELAÇÃO COM O PAI

Em que é que consiste um olhar verdadeiro sobre o real? Quem é que alguma vez o viveu? Quem é que o introduziu na história e nos pode ajudar a vivê-lo?

Jesus viveu na terra como cada um de nós. Como verdadeiro homem, teve que lidar com coisas particulares, finitas, fugazes, sofreu provações e sofrimentos, até ao sofrimento extremo da cruz. O que é que permitiu que não sucumbisse à parcialidade, que não acabasse no niilismo ou no desespero diante da prova suprema? Como é que Cristo nos ajuda a não sermos perturbados pela parcialidade das coisas e das situações, pela angústia das nossas tentativas de autoafirmação, pelo vazio de sentido, pelo desespero?

### 1. A nossa vida depende de Outro

Em *La convenienza humana della fede* (*A conveniência humana da fé*),<sup>175</sup> Giussani retoma e comenta um excerto de Ratzinger que, na *Introdução ao cristianismo* escreve: «O que acontece quando eu mesmo me torno cristão, quando me submeto ao nome desse Cristo, aceitando-o como o homem decisivo, como o padrão do ser humano? Que conversão do ser realizo nesse

<sup>175</sup> L. Giussani, *La convenienza umana della fede*, Bur, Milão 2018.

acto, que atitude assumo frente ao ser humano? Qual é a profundidade desse acto? Que avaliação da realidade no seu todo se realiza nesse momento?»,<sup>176</sup>

Uma vez proposto o texto, Giussani retoma estas passagens e desenvolve as suas implicações: «Ratzinger começa por dizer que ser cristão quer dizer submeter-se, em nome deste Cristo – “nome” em sentido hebraico –, a esta Presença, à força desta Presença, “aceitando-o”, reconhecendo-o, “como o homem decisivo”, que deve investir a minha vida, como o critério, “o padrão do ser humano”. Devo procurar agir como Ele age».<sup>177</sup>

Qual é então a primeira reviravolta que se dá em nós, a primeira novidade que se introduz, quando nos «submetemos» ao nome de Cristo, aprovando-o como o parâmetro normativo de qualquer ação nossa? Antes de mais, «a consciência de que a nossa vida depende de Outro e existe em função deste Outro! A nossa vida, quando nos levantamos de manhã e bebemos o café com leite, quando arregaçamos as mangas para arrumar as coisas em casa, quando vamos trabalhar, qualquer que seja esse trabalho (não há qualquer diferença), a nossa vida depende de outra coisa, maior, irremediavelmente maior, da qual é função».<sup>178</sup>

Esta, afirma Giussani, é a primeira, fundamental coisa que Cristo como homem, Cristo como modelo da vida, como parâmetro, como critério de ação, faz acontecer, deve fazer acontecer em nós: «A consciência de que nós somos “de” uma coisa maior, somos “do” Pai.

<sup>176</sup> J. Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, Principia, Cascais 2005, p. 62.

<sup>177</sup> L. Giussani, *La convenienza umana della fede*, op. cit., pp. 126-127.

<sup>178</sup> *Ibidem*, p. 127.

Isto intui-se bem quando uma pessoa percebe que toda a Sua existência é “em função” do Pai, é “propriedade” do Pai, é “do” Pai.<sup>179</sup> «Pai», é esta a grande palavra.

No momento que estamos a viver, depois do Coronavírus nos ter tornado mais unanimemente conscientes de como somos frágeis, vulneráveis, dependentes daquilo que acontece, o alcance destas palavras sobressai com renovada e dramática evidência.

É precisamente o carácter decisivo da referência ao “Pai” o «que tinha intuído, de forma confusa, o apóstolo Filipe quando, exatamente uma hora antes de Jesus ser preso, lhe pediu: “Continua a falar-nos do Pai, mostra-nos de uma vez este Pai e ficaremos contentes!”. Percebia que esta era a palavra que revirava a forma habitual com que os homens se sentem a si mesmos, ia à raiz de tudo, e abraçava o horizonte de tudo, porque o Pai é o horizonte de tudo, a raiz de tudo, infinitamente mais do que a comparação mais próxima que possamos fazer, a da criança que acaba de ser concebida, para a qual o horizonte total e a raiz total é o seio da sua mãe (mãe e pai, é o mesmo)». Aqui, de facto, trata-se de uma paternidade última, radical e contínua. «*Tam pater nemo*, ninguém é tão pai, Ele é o único Pai, toda a nossa vida é em função d’Ele, propriedade d’Ele. “Filipe, há tanto tempo que estás comigo e ainda não percebeste? Quem me vê, vê o Pai.” É esta a origem da ternura e da admiração sem fim que Dostóievski tinha por Cristo, porque no Filho encontra-se o mistério do Pai, a quem nós pertencemos, que se torna familiar».<sup>180</sup>

<sup>179</sup> *Ivi.*

<sup>180</sup> *Ibidem*, p. 128.

Para indicar o tornar-se familiar do Mistério, daquela fonte inatingível da qual jorram, a todo o instante, o cosmos e o meu eu, como o eu de cada um, ao qual todo o ser em última instância pertence, «“pai” é a palavra menos distante que podemos usar: pai e mãe são os símbolos mais próximos, os sinais mais próximos desta familiaridade. Ora, Deus fez-se um entre nós. Mas aquilo que Cristo, como modelo de humanidade, como parâmetro, introduz em nós é esta consciência profunda e cada vez mais invasora de que nós pertencemos a uma coisa maior à qual podemos dizer “Pai”. Temos de o reconhecer no nosso trabalho e nas nossas relações, para tornar o primeiro intenso e oferecido, e as segundas cheias de misericórdia e de caridade».<sup>181</sup>

Que caminho escolheu o Pai para nos introduzir à relação profunda e familiar com Ele? Enviou o seu Filho, tornando-o presença identificável por nós, a fim de que no Filho feito homem por obra do Espírito Santo<sup>182</sup> pudéssemos “ver” a que relação de intimidade com Ele nós somos chamados e que novidade isto introduz na forma de olhar e de tratar todas as coisas.

Como é que o homem Cristo introduziu aqueles que o ouviram falar e o viram agir à consciência da pertença ao Pai? Cada gesto seu, cada coisa que dizia, cada olhar seu era investido, plasmado pela consciência do Pai, documentava a consciência do Pai. «Cristo, como homem, era totalmente determinado por esta

<sup>181</sup> *Ivi*.

<sup>182</sup> «Aquilo que [Jesus] diz do Pai e de Si-Filho brota daquela plenitude do Espírito que está nele mesmo e se derrama no seu coração, impregna o seu próprio “Eu”, inspira e vivifica, a partir da profundidade do que Ele é, a sua ação» (João Paulo II, Carta encíclica *Dominum et vivificantem*, 21).

consciência, tanto assim é que pode dizer: “Eu e o Pai somos Um” (Jo 10,30). A quem quer que o tivesse detido enquanto caminhava, enquanto estava a falar com os apóstolos, enquanto estava a comer, e lhe tivesse perguntado: “A tua consciência está cheia de quê, neste momento?”, teria dito: “Do Pai”. “Tenho algo para comer que vocês não conhecem. A minha comida é fazer a vontade daquele que me enviou e concluir a sua obra” (Jo 4,32-34). Realizar a Sua obra, é isto a vida». Giussani prossegue, portanto, falando de si e de nós, seja o que for que façamos, qualquer que seja a estrada onde nos encontramos: «A minha vida é realizar a Sua obra, não porque sou padre; para mim é exatamente como para ti, que és uma datilógrafa!».<sup>183</sup>

A experiência de Cristo é a experiência com a qual somos chamados a comparar-nos, e é para ela que devemos olhar. Se agora alguém nos detivesse pela estrada enquanto caminhamos e nos perguntasse: «A tua consciência está cheia de quê, neste momento?», o que é que responderíamos? Não se trata, que fique claro, de repetir determinadas palavras, mas de surpreender do que é que a nossa consciência está efetivamente cheia enquanto vivemos.

O que quer dizer ter consciência do Pai? Quem é o Pai? O Pai é a origem de todas as coisas, ou seja, do qual todas as coisas, em última instância, provêm, procedem, quer a flor do campo, quer o rosto da pessoa amada. E que nexos há entre a consciência que Cristo tem do Pai e a relação que Ele tem com a realidade? Que interesse tem para nós esta forma de viver a sua vida de homem em relação com o Pai?

<sup>183</sup> L. Giussani, *La convenienza umana della fede*, op. cit., pp. 128-129.

Em Cristo tornou-se familiar aquela forma de se relacionar com o ser que corresponde ao coração, que satisfaz, realiza, não nos deixa desiludidos. É para isso que somos feitos: «Reconhecer o real como procedente do Mistério deveria ser familiar à razão, pois é precisamente no reconhecer o real tal como ele é, ou seja, como Deus o quis, e não reduzido, espalmado, sem profundidade, que encontram correspondência as exigências do “coração” e se realiza até ao fim a possibilidade de razão e de afeição que somos. A razão, com efeito, pelo seu próprio dinamismo original, não pode cumprir-se senão reconhecendo o real na medida em que este se enraiza no Mistério. A razão humana toca o seu cume, logo, é verdadeiramente razão quando reconhece as coisas por aquilo que são, e as coisas são na medida em que procedem de um Outro».<sup>184</sup>

Reconhecer a realidade como proveniente do Mistério não é uma ilusão própria de visionários, um auto-convencimento, mas o culminar de um uso verdadeiro da razão e da afeição. Quão familiar é isto para nós? Quantas vezes nos aconteceu reconhecer o Mistério olhando para as coisas de todos os dias? Não é uma questão de dotes. Reconhecer a realidade como sinal do Mistério está ao alcance de todos, como afirma São Paulo na sua carta aos Romanos: «Porquanto o que de Deus se pode conhecer está à vista deles, já que Deus lho manifestou. Com efeito, o que é invisível nele - o seu eterno poder e divindade - tornou-se visível à inteligência, desde a criação do mundo, nas suas obras».<sup>185</sup>

<sup>184</sup> L. Giussani-S. Alberto-J. Prades, *Gerar rasto na história do mundo*, op. cit., p. 28.

<sup>185</sup> Rm 1,19-20.

Ainda que esteja ao alcance de todos não é, no entanto, óbvio. Pelo contrário. Aquilo que deveria ser tão familiar à nossa razão – estruturalmente feita para captar o significado da realidade – quanto conforme à nossa liberdade, historicamente parece-nos distante, desfocado, não conseguimos vê-lo e afirmá-lo. Tanto é verdade que, quando nos acontece reconhecer o real como sinal do Mistério, ficamos estupefactos. Quer dizer que não é para nós uma experiência habitual. Habitual é talvez uma outra forma de nos relacionarmos com a realidade, que considera óbvia a sua existência.

Qual é a experiência quotidiana da relação com as pessoas, as coisas, os acontecimentos, própria de Jesus, tal como a ilustram os Evangelhos? Jesus acolhe toda a realidade como acontecimento: «A dinâmica do acontecimento descreve cada instante da vida: a flor do campo que “o Pai veste melhor do que Salomão” é acontecimento; o passarinho que cai – “e o Pai celeste sabe-o” – é um acontecimento; “os cabelos da cabeça contados” são um acontecimento. Também o céu e a terra, que existem há milhões de séculos, são um acontecimento, um acontecimento que está a acontecer ainda hoje como novidade, na medida em que a sua explicação não é exaustiva. Entrever na relação com cada coisa alguma outra coisa significa que a própria relação é um acontecimento».<sup>186</sup>

É difícil não ficarmos surpreendidos e não sermos atraídos pelo olhar de Jesus sobre o real que os Evangelhos descrevem. Ele ilustra uma forma de viver a realidade que não a espalma, não a reduz, encarna e teste-

<sup>186</sup> L. Giussani-S. Alberto-J. Prades, *Gerar rasto na história do mundo*, op. cit., pp. 25-26.

munha uma relação verdadeira, completa, com todos os aspetos do real. Testemunhando-nos a forma como olha para tudo – a flor do campo, o passarinho que cai, a pessoa que sofre –, Jesus introduz-nos a uma familiaridade com o Mistério que está a acontecer agora: tudo pode ser visto como acontecimento, ou seja, enquanto proveniente agora – em última instância – do Mistério.

O que é que lhe permitia viver o real com esta intensidade? A sua relação com o Pai. Para retomar os termos utilizados antes, Jesus não depositava a sua esperança numa afirmação de si, numa expressividade Sua, mas na relação com o Pai (também os milagres não são nunca um mostruário de capacidades, são sempre um remeter para o Pai, são realizados para que todos se apercebam do Pai e reconheçam que o Pai o enviou). A Sua forma de viver como homem não era uma afirmação de si, mas uma obediência à vontade do Pai. A sua relação constante com o Pai, de quem a sua consciência estava cheia em todos os momentos, fazia-o viver tudo com uma intensidade e uma densidade incomparáveis. No homem Cristo encontramos espelhado, na sua plenitude, o conteúdo da frase de Romano Guardini: «Na experiência de um grande amor, [...] tudo o que acontece torna-se um acontecimento no seu âmbito».<sup>187</sup>

Nada o prendia como o Pai: «Eu e o Pai somos Um».<sup>188</sup> Nem sequer o mal que sofria conseguia separá-lo do Pai. Aliás, é exatamente aí que se vê toda a densidade da Sua relação com o Pai, que O leva a entregar-se para além de qualquer medida. «Esta confiança originária

<sup>187</sup> R. Guardini, *L'essenza del cristianesimo*, Morcelliana, Brescia 1980, p. 12.

<sup>188</sup> Jo 10,30.

no Pai, não perturbada por qualquer suspeição, radica no comum Espírito Santo do Pai e do Filho: no Filho, o Espírito mantém viva a confiança inabalável de que cada ordem do Pai – e ainda que fosse a transformação da separação em desamparo – será sempre um decreto de amor, a que agora, já que o Filho é homem, se há de responder com a obediência humana». <sup>189</sup> Aqui reside a raiz da vitória de Cristo sobre o nada. A forma de viver do Filho é a vitória sobre o nada.

Em tudo aquilo que faz, Cristo testemunha a sua relação com o Pai. «Quem crê em mim, não crê em mim, mas no Pai que me enviou». <sup>190</sup> Tudo, cada gesto ou palavra sua, remete para o Pai, o Mistério. Cada olhar Seu, cada ação Sua, são invadidos por esta Presença. Como diz Giussani, com aquela frase que fez o propósito de me repetir sempre que posso: «O homem Jesus de Nazaré – investido do mistério do Verbo e por isso assumido na mesma natureza de Deus (mas a sua aparência era absolutamente igual à de todos os homens) –, não o viam fazer um único gesto sem que a sua forma demonstrasse a consciência do Pai». <sup>191</sup> Insistindo naquilo que caracterizava a autoconsciência do homem Jesus, Giussani retoma as palavras do Evangelho de João: “A minha comida é fazer a vontade daquele que me enviou e concluir a sua obra”. Ou: “O meu Pai opera sempre e também eu opero”. A Sua vida é como uma mimese contínua, como uma imitação contínua, como um espelho; a Sua consciência era continuamente es-

<sup>189</sup> H.U. von Balthasar, *Se não vos tornardes como esta criança*, Paulinas Editora, Lisboa 2014, p. 38.

<sup>190</sup> Cf. Jo 12,44.

<sup>191</sup> L. Giussani, «Un uomo nuovo», *Tracce-Litterae communionis*, n. 3/1999, pp. VII-IX.

pelho do Pai. “Eu não posso fazer nada sozinho: julgo segundo aquilo que oiço”, que oiço na consciência, “e o meu juízo é justo, porque não procuro a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou”.<sup>192</sup>

Jesus vivia na consciência de que todo o seu valor dependia da relação com o Pai. Fora desta relação nada teria durado, nada teria tido consistência. O Pai, a relação com Ele, dava espessura e significado a todas as coisas: «Jesus maravilha-se com todas as coisas: [...] desde a mais pequenina flor até ao céu infindo. Mas este assombro provém do enlevo muito mais profundo do Filho eterno que, no Espírito absoluto do amor, se encanta com o próprio amor que tudo penetra, anima e excede. “O Pai é maior”».<sup>193</sup>

## 2. Seguir Jesus: sermos filhos

Como é que se pode tornar familiar, historicamente, para cada um de nós, este olhar sobre o mundo e sobre nós? Na companhia de Jesus. Convém-nos aprender o olhar de Cristo sobre o real, porque «se o homem não olha para o mundo como “dado”, como acontecimento, ou seja, a partir do gesto contemporâneo de Deus que lho dá, este perde toda a sua força de atração, de surpresa e de sugestão moral, quer dizer, de sugestão de adesão a uma ordem e a um destino das coisas».<sup>194</sup> Pelo contrário, quando o real é reconhecido como

<sup>192</sup> L. Giussani, *La convenienza umana della fede*, op. cit., p. 129.

<sup>193</sup> H.U. von Balthasar, *Se não vos tornardes como esta criança*, op. cit., p. 51.

<sup>194</sup> L. Giussani-S. Alberto-J. Prades, *Gerar rasto na história do mundo*, op. cit., p. 26.

acontecimento, como originado no Mistério, produz-se na própria vida uma intensidade sem comparação: «Que intensidade é prometida à vida de quem apreende, momento a momento, a relação de tudo com a origem! Cada momento tem uma relação definitiva com o Mistério, e por isso não se perde nada: existimos para isto, e é esta a nossa felicidade».<sup>195</sup>

É a relação com o Pai que torna cheio de significado e de positividade cada momento, até o mais efêmero. E nós devemos estar conscientes disso: «Não há momento / que não se grave em nós com a potência / dos séculos; e a vida tem em cada batimento / a tremenda medida do eterno».<sup>196</sup> Caso contrário, tudo se desfaz e o vazio de sentido vence. Por isso seguir Jesus é da máxima conveniência para nós. Seguindo-O, podemos ver a concretização da Sua promessa: «Quem me segue, terá o cêntuplo já aqui». Na companhia de Jesus, a relação verdadeira com o real pode tornar-se experiência estável em nós, a religiosidade – ou seja, a relação reconhecida e vivida com o Mistério, dentro de tudo, tendo a ver com tudo – pode tornar-se experiência de cada instante, e com isso pode tornar-se permanente a diferença de vida que dela deriva.

Com Cristo nada se perde, porque Cristo permite-nos entrar numa familiaridade com o Pai. «Depois de muito nosso conversar, depois de muita nossa companhia, podemos começar a sentir que tipo de intensidade, de nobreza, de leveza de vida, que tipo de vida diferente isto introduz! [...] “Desci do céu não para fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou. E a

<sup>195</sup> *Ibidem*, p. 28.

<sup>196</sup> A. Negri, «Tempo», in Id., *Mia giovinezza*, Bur, Milão 2010, p. 75.

vontade daquele que me enviou é que eu não perca nada daquilo que ele me deu”. Que eu não perca nada! Jesus referia-se aos apóstolos, aos discípulos, mas podemos alargar o sentido desta frase. A vontade do Pai é que eu não perca nada daquilo que me deu: cada momento, cada circunstância da vida, cada provocação, cada coisa para fazer. É uma intensidade espontânea, cada vez mais espontânea – não é uma fixação».<sup>197</sup>

É a intensidade testemunhada por Bonhoeffer, numa das cartas escritas da prisão, que acabou na sua morte, por causa da sua oposição ao regime nacional socialista: «“Deixai passar, irmãos queridos, o que vos atormenta e vossa falta aumenta, vê-los-ei restituído”. Que significa “vê-los-ei restituído”? Nada fica perdido, em Cristo tudo está guardado, protegido, naturalmente em figura transformada, transparente, claro, [...] Cristo restitui todas as coisas, assim como Deus as quis originalmente, sem a deturpação do pecado».<sup>198</sup>

Todas as circunstâncias são susceptíveis de trazer a novidade que Cristo introduziu no mundo. Mas para que isso aconteça, não é suficiente um esforço nosso – ainda que isto não signifique que não seja necessária a nossa liberdade. Vejamos bem o que quer dizer seguir Jesus. Qual é o caminho que Jesus nos testemunha? Não o esforço, mas a filiação. Sermos filhos. Jesus ensina-nos o que quer dizer sermos filhos testemunhando-nos como é que Ele é filho. O caminho da plenitude que Cristo ilustra não é o de sermos capazes, mas o de sermos filhos.

<sup>197</sup> L. Giussani, *La convenienza umana della fede*, op. cit., pp. 129-130.

<sup>198</sup> D. Bonhoeffer, *Resistência e Submissão*, Paz e Terra, Rio de Janeiro 1968, p. 93.

São Paulo recorda aos cristãos da Igreja nascente a fonte desta familiaridade: «E, porque sois filhos, Deus enviou aos nossos corações o Espírito do seu Filho, que clama: *Abbá! Pai!*».<sup>199</sup> E ainda: «E vós não recebestes um espírito que vos escravize e volte a encher-vos de medo; mas recebestes um Espírito que faz de vós filhos adotivos. É por Ele que clamamos: “*Abbá! Pai!*”».<sup>200</sup> Comenta Bento XVI: «Tornando-se um ser humano como nós, mediante a Encarnação, a Morte e a Ressurreição, Jesus [...] por sua vez acolhe-nos na sua humanidade e no seu próprio ser Filho, e assim também nós podemos entrar na sua pertença específica a Deus. Sem dúvida, o nosso ser filhos de Deus não contém a plenitude de Jesus: devemos ser cada vez mais filhos, ao longo do caminho de toda a nossa existência cristã, crescendo no seguimento de Cristo, na comunhão com Ele, para entrar sempre mais intimamente na relação de amor com Deus Pai, que ampara a nossa vida. É esta realidade fundamental que nos é proporcionada, quando nos abrimos ao Espírito Santo e Ele nos faz dirigir a Deus, dizendo-lhe: «*Abbá!*», Pai! Realmente passamos para além da criação na adoção com Jesus; unidos, estamos verdadeiramente em Deus e somos filhos de um modo novo, numa dimensão renovada».<sup>201</sup> Com efeito, sublinha H. Schlier, o ser em Cristo Jesus «manifesta-se a nós, torna-se acessível e presente para nós, torna-se experiência histórica nossa no “ser no Espírito” [...]. No Espírito, com efeito, Jesus Cristo manifesta-se e oferece-se à experiência».<sup>202</sup>

<sup>199</sup> Gal 4,6.

<sup>200</sup> Rm 8,15.

<sup>201</sup> Bento XVI, *Audiência geral*, 23 de maio de 2012.

<sup>202</sup> H. Schlier, *Linee fondamentali di una teologia paolina*, Queriniana, Brescia 2008, p. 156.

É a este tornarmo-nos filhos que se refere, de forma sugestiva, Isaac de Stella, nos seus Sermões: «Que mais pode desejar o servo, senão tornar-se filho? Aliás quem, meus irmãos, ousaria, ainda que debilmente, acreditar nisso, se a própria bondade de Deus não o permitisse e o promettesse?». <sup>203</sup> E pouco depois: «Tal como eu e tu somos uma só coisa, assim eles sejam uma só coisa connosco. Eis para onde se inclina o servo, para onde se reconcilia o inimigo, para que de inimigo se torne servo, de servo amigo, de amigo filho, de filho herdeiro, de herdeiro um, se torne ainda mais um com a própria fonte da herança; e assim como não poderá ser privado de si mesmo, do mesmo modo não poderá ser privado da herança que é o próprio Deus». <sup>204</sup>

O nosso erro é pensar que a diferença de Jesus reside numa capacidade superior sua, que lhe permitiria fazer aquilo que nós não conseguimos fazer, ou seja, viver sem ceder ao nada. Ao invés, Jesus não enfraquece e não se torna árido, não é vítima do nada, porque vive para o Pai. É esta a Sua única força: «Eu vivo para o Pai». <sup>205</sup> A Sua diferença não está na capacidade de ser Ele mesmo autonomamente. A Sua diferença reside no seu ser Filho. Aqui se encontra toda a diferença qualitativa de Cristo.

O conteúdo da Sua autoconsciência é a relação com o Pai. «Quem fala de si mesmo, procura a própria glória» [a afirmação de si] – e isso corta-nos a cabeça: basta pensar em quando discutimos – “mas quem busca a glória daquele que o enviou, esse é verdadeiro”. Não

<sup>203</sup> Isaac de Stella, «Sermone V», in *Pensieri d'amore*, por M.A. Chirico, Piemme, Casale Monferrato (AL) 2000, p. 102.

<sup>204</sup> *Ibidem*, p. 110.

<sup>205</sup> Jo 6,57.

se procura a afirmação dos nossos pontos de vista, mas a afirmação plena de tentativas e de humildade da verdade, na procura do “parecer” d’Aquele que nos enviou». <sup>206</sup>

O que significa não procurar a afirmação dos nossos pontos de vista? É uma atitude diferente da consciência. «A palavra “consciência”, na boca do cristão, é totalmente o oposto da mesma palavra na boca do homem moderno. Na boca do homem moderno, a palavra consciência (“eu sigo a minha consciência”) significa o lugar onde uma pessoa gera as suas opiniões, os seus pensamentos, e tem o direito de afirmar aquilo que pensa e sente, porque se entende a si mesmo como a origem de tudo: a consciência é concebida como a fonte dos critérios e das opiniões». Para o homem cristão, pelo contrário, a consciência é «o lugar de si onde uma pessoa procura e escuta a verdade de um Outro; por isso o cristão é, pela sua natureza, humilde, e quando a coisa é clara, está certíssimo, está humildemente certo, e completamente pronto a colocar as suas energias em ação para uma procura, para “ouvir”, como dizia antes o Evangelho de João: “Aquele que me enviou é verdadeiro, e eu digo ao mundo as coisas que ouvi dele”. Dizemos aquilo que ouvimos». <sup>207</sup>

Ouvir a verdade de Outro, dizer aquilo que ouvimos de Outro: será talvez uma atitude árdua ou estranha? Não, responde Giussani, referindo-se aos adultos a quem está a falar: «Fazemo-lo sempre, *pardon*, fazemo-lo muitas vezes», só é preciso tornarmo-nos conscientes disso. «Que coisa grande é estar conscientes

<sup>206</sup> L. Giussani, *La convenienza umana della fede*, op. cit., p. 130.

<sup>207</sup> *Ibidem*, pp. 130-131.

de o fazer, surpreender-vos a dizer ou a recomendar coisas aos vossos filhos, tal como aos vossos amigos, porque é a mesma coisa, surpreender-vos a falar aos vossos filhos e poder dizer: “Aquele que me faz falar assim é verdadeiro, e eu digo as coisas que ouvi dele, estou a dizer ao meu filho as coisas que ouvi dele”.<sup>208</sup> Quando, na relação com os filhos, age esta consciência nova, «que tranquilidade, que segurança, que paz existe então! Somos livres também diante da resposta que o filho dará. Quando, pelo contrário, é a nossa opinião que conta, queremos a todo o custo que passe: dominamos». <sup>209</sup> São estes os sinais muito concretos para verificarmos se a consciência nova gerada por Cristo começa ou não a penetrar nas nossas entranhas.

O ponto é, portanto, que a consciência do Pai se torne cada vez mais familiar, para que cada um possa dizer, como Jesus: «Aquele que me enviou está comigo». É uma experiência que amadurece no tempo, continuando a caminhar, não deixando de percorrer a estrada que o encontro abre sempre, como dizíamos. «Tentemos pensar, imaginar uma pessoa, um homem, que dez, cem, mil vezes ao dia toma consciência do facto de que Aquele que o enviou, ou seja, Aquele que o faz, o Mistério que o faz, está com ele, que Deus está com ele: a serenidade de certos rostos, de certos rostos de monjes ou de monjas, tem aqui a sua raiz. Mas nisto reside a serenidade impressionante do rosto de muitos dos nossos amigos, porque vivem estas coisas entre nós». <sup>210</sup>

<sup>208</sup> *Ibidem*, p. 131.

<sup>209</sup> *Ivi*.

<sup>210</sup> *Ibidem*, p. 132.

Uma tal tomada de consciência plasma cada instante, cada gesto, cada olhar, o modo de enfrentar tudo, passo a passo. «De Deus venho, não venho de mim mesmo!». Não o estou a dizer a vós, estou a dizê-lo a mim», sublinha enquanto o relembra, e «cada um deve dizê-lo a si mesmo: não venho de mim, saí de Outro, e por isso devo fazer as obras d'Aquele de quem saí, devo ouvir, devo olhar, devo imitar. Se nalgum momento da sua vida uma pessoa se tivesse aproximado daquele jovem, ou daquele homem, Jesus de Nazaré, e lhe tivesse perguntado: “O que estás a pensar?”, teria dito: “No Pai”, mas não abstraído das coisas». Não há nenhuma alternativa, com efeito, entre pensar no Pai e pensar ou interessar-se pelas coisas. «Pensar no Pai é uma forma verdadeira de pensar nas coisas, é a forma verdadeira de pensar nas coisas: é uma modalidade do olhar que diriges à tua mulher ou ao teu marido, aos teus filhos, ao teu trabalho, ao bem e ao mal que te acontece, a ti mesmo».<sup>211</sup>

Jesus revela-nos o Mistério como Pai. É Ele que nos ensina a dizer: «Pai nosso». Identificar, instante a instante, a relação de tudo com a origem significa então identificar a relação de tudo com o Pai. E isto faz-nos ver todas as coisas na sua verdade, integralidade, edificabilidade. «Mas acham que a relação com o Mistério, com o Pai, como dizia Jesus e, portanto, a imitação de Cristo, não nos faz olhar para o homem, a mulher, os filhos e as flores, as coisas? Não, faz-nos olhar para elas de uma maneira cem vezes mais intensa e mais verdadeira. De tal forma que, mesmo balbuciando, compreendemos que a verdade está

<sup>211</sup> *Ivi.*

aqui; mesmo através do nosso balbuciar, nós apercebemo-nos de que a verdade nos vem daqui». <sup>212</sup>

### 3. O mal é o esquecimento

A relação com o Pai não nos separa das coisas, não as elimina, mas enche-as de significado. Pensar no Pai é a forma verdadeira de pensar nas coisas. É um olhar finalmente verdadeiro. Tudo, então, adquire uma densidade, uma intensidade, únicas: finalmente afirma-se o valor do instante, das relações, do trabalho, da realidade, das circunstâncias, do nosso sofrimento e do dos outros.

Existem sinais desta forma verdadeira de tratar tudo: liberdade, paz, certeza imperturbável, confiança, abandono («Nas tuas mãos confio, entrego o meu espírito»). A ansiedade já não vence em nós, já não somos determinados pelo sucesso duma expressividade nossa, já não dominam o medo e a incerteza. «E porque nos havemos de atormentar quando é tão simples obedecer?», <sup>213</sup> diz Claudel, colocando estas palavras na boca de Anna Vercors, em *O Anúncio a Maria*.

No entanto, quanta mentira e parcialidade há na nossa maneira de pensar e de nos tratarmos a nós mesmos, aos outros, às coisas! Qual é a origem disso – perguntamo-nos muitas vezes –? E respondemos logo: o pecado, mas sem saber bem em que é que verdadeiramente consiste o pecado. Vem-nos logo à cabeça a nossa falta de energia, de força de vontade, de coerên-

<sup>212</sup> *Ibidem*, p. 138.

<sup>213</sup> P. Claudel, *A Anunciação a Maria*, Lucerna, Portugal, 2006, p. 174.

cia. É o sintoma da tendência para o moralismo que acompanha como uma sombra aquilo que vivemos e torna opacos tantos dos nossos dias.

Tentemos então olhar para a coisa mais a fundo, sem nos deixarmos imediatamente desviar pelo moralismo. A experiência do pecado é «literalmente a diminuição da consciência do Pai, ou seja, a diminuição da tensão para fazer acontecer esta consciência». Com efeito, «se eu estiver ligado a esta coisa “maior do que eu”, [...] e se a minha natureza é viver conscientemente, então, se eu abandonar a consciência desta relação, é isso o mal! O mal é a ação humana que abandona a consciência desta relação. [...] O verdadeiro mal, a consistência do mal, é este esquecimento. Que importância têm então as orações da manhã e da noite! Como é importante dizer o Pai Nosso! Obriguemo-nos a dizê-lo devagar, pesando as palavras: que pelo menos num momento das vinte e quatro horas uma pessoa se torne homem, porque isso depois tem influência em tudo!»,<sup>214</sup>

O verdadeiro problema não é, acima de tudo, a falta de energia, de força de vontade, de coerência, mas o esquecimento, a falta de familiaridade com o Pai. E não é um problema de capacidade. Quando falta a consciência do Pai, ou seja, a consciência de sermos filhos, reduz-se o objetivo da vida; este passa a ser a pura afirmação de nós mesmos; quer dizer, fazemos tudo «para um objetivo efêmero, que atira tudo para o nada. Se fazemos para nós mesmos, atiramos tudo para o nada. Noventa por cento, aliás, todas as nossas ações têm este destino terrível, contra o qual nós

<sup>214</sup> L. Giussani, *La convenienza umana della fede*, op. cit., p. 134.

devemos caminhar». Por isso, enquanto não crescer em nós a consciência de que a nossa vida existe em função de uma coisa maior e, com o tempo, esta «não estiver subjacente a tudo aquilo que fazemos, nós deitamos tudo no nada».<sup>215</sup>

Fazer para nós mesmos equivale a deitar tudo no nada, tudo se torna efêmero por falta de profundidade, de significado. Falta o objetivo adequado da ação, da coisa que temos de fazer. A vida é reduzida a aparência, é achatada: o comer, o beber, o constituir família, o trabalhar, o tempo livre, etc. Ultimamente, não resta nada por que valha a pena viver, nada que possa atrair-nos e tornar as coisas significativas. O valor das coisas, com efeito, depende do significado que têm e da intensidade de consciência com que as vivemos.

Giussani propõe um episódio significativo que lhe aconteceu no período dos seus primeiros anos de ensino. «Lembro-me – e contava-o nos primeiros tempos em que fazia Escola de comunidade – que logo a seguir à guerra, quando se viajava em vagões de gado, uma vez regresssei de San Remo, onde tinha ido por conta da Cáritas de Milão (dirigida pelo monsenhor Bicchierai), em primeira classe. Mas mesmo na primeira classe, íamos em cima uns dos outros. Perto de mim, encontrava-se um senhor muito distinto, já de alguma idade, teria uns setenta anos. Disse-me que tinha ido a San Remo para fazer um grande donativo a um convento. E depois acrescentou: “Olha”, e não me disse o seu nome, “eu consegui tudo aquilo que queria obter na vida, porque tenho dezenas de estabelecimentos, de indústrias” – em resumo, era um

<sup>215</sup> *Ibidem*, p. 135.

grande industrial –, “mas, chegado aos setenta anos, pergunto-me se não terei perdido a vida”». <sup>216</sup>

Como é que nós podemos aprender, hoje, aquela familiaridade com o Mistério, com o Pai e, portanto, aquela relação com a realidade, que Jesus introduziu na história? Disso decorre a possibilidade de não sucumbir à tentação do niilismo, à suspeita sobre a inconsistência última da realidade, de nós mesmos, e sobre a positividade da vida. O que é que pode gerar filhos como Jesus hoje em dia?

<sup>216</sup> *Ibidem*, pp. 135-136.



## CAPÍTULO 6

# FILHOS NO FILHO

Vimos que a consciência de Cristo era dominada pelo pensar no Pai, era definida pela consciência do Pai. Por isso se seguimos Cristo, se decidimos segui-Lo, «a consciência de Deus deve penetrar naquilo que fazemos; e lentamente, com o tempo, torna-se habitual. [...] O pensamento de Deus é algo inerente a tudo, quer dizer, coincide com uma forma de ver tudo, a nossa mulher, nós mesmos, o bem e o mal, de maneira tal que o bem não se pode tornar orgulho e o mal não se torna desespero».<sup>217</sup>

Pode surgir, neste ponto, uma pergunta. Os discípulos foram introduzidos por Jesus à consciência da sua relação com o Pai, «a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus».<sup>218</sup> E nós, hoje, por quem é que somos introduzidos? É sempre Cristo que nos introduz à relação com o Pai. Como?

### **1. Através da companhia dos crentes.**

#### **O carisma**

Cristo, como referimos,<sup>219</sup> irrompe hoje na minha vida, atraindo-me a Si, através de uma presença, uma carne

<sup>217</sup> L. Giussani, *La convenienza umana della fede*, op. cit., pp. 133-134.

<sup>218</sup> Jo 1,12.

<sup>219</sup> Ver aqui, pp. 61-70.

concreta, determinada, um encontro persuasivo, através do qual posso fazer a mesma experiência de relação com Ele que viveram os primeiros que o encontraram. Portanto, é no Filho, na relação com Cristo presente aqui e agora, que nos tornamos filhos, que aprendemos a dizer: «Pai», a reconhecer o Mistério que nos faz como «Pai». *Abbà* é o termo usado por Jesus: este exprime uma familiaridade na relação com Deus que tinha sido até então inconcebível, impensável.

Como há dois mil anos, nós tornamo-nos «filhos no Filho» através da fé e do Batismo em que recebemos o Espírito Santo, Espírito de Cristo, «o dom precioso e necessário que nos torna filhos de Deus»<sup>220</sup> e membros do Corpo de Cristo, que é a Igreja, o «povo unido pela unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo», segundo a bela descrição de São Cipriano referida na *Lumen Gentium* 4, enriquecido com «dons hierárquicos e carismáticos», dados para contribuir, de diversas maneiras, para a sua edificação e a sua missão. A Carta *Iuvenescit Ecclesia* sobre a relação entre dons hierárquicos e carismáticos retoma o princípio, enunciado por João Paulo II, da «co-essencialidade» destes dons e cita o Papa Bento XVI quando afirma que «tal como na Igreja as instituições essenciais são carismáticas, assim os carismas devem de uma forma ou de outra institucionalizar-se, para que haja coerência e continuidade. Assim, ambas as dimensões, originárias do Espírito Santo através do Corpo de Cristo, concorrem conjuntamente para tornar presente o mistério e a obra salvífica de Cristo no mundo».<sup>221</sup>

<sup>220</sup> Bento XVI, *Audiência geral*, 23 de maio de 2012.

<sup>221</sup> Congregação para a Doutrina da Fé, Carta *Iuvenescit Ecclesia*, 10.

Por isso, os movimentos e as novas agregações originadas pelo dom de carismas do Espírito representam um testemunho significativo de como a Igreja não cresce «por proselitismo, mas “por atração”». <sup>222</sup>

O Papa Francisco não deixa nunca de chamar estas novas realidades à abertura missionária, à necessária obediência aos pastores e à imanência eclesial, uma vez que «é no âmbito da comunidade que desabrocham e florescem os dons que o Pai nos concede em abundância; e é no seio da comunidade que aprendemos a reconhecê-los como um sinal do seu amor por todos os seus filhos». <sup>223</sup>

Nós pertencemos a Deus, ao Pai, somos «Seus» no sentido mais radical do termo, ou seja, somos criaturas Suas. Mas esta nossa dependência original «não seria mais do que uma percepção enigmática e passageira se não nos tivesse sido claramente revelada em Cristo [no Seu Espírito]: “Ninguém jamais viu a Deus: o Filho único, que está no seio do Pai, é que O deu a conhecer”». É apenas na pertença a Deus que se fez Homem e entrou na história que essa «dependência [última e] total, o nosso “sermos feitos”, se torna clara». <sup>224</sup> E a pertença é a Cristo, «não à ideia de Cristo que temos, mas ao Cristo real, aquele que na história se prolonga no seio da unidade dos crentes enquanto unidos ao Papa, ao bispo de Roma». <sup>225</sup>

O Filho torna familiar para nós, hoje, o mistério do Pai através da Igreja e torna-se acontecimento para nós

<sup>222</sup> Francisco, Exortação apostólica *Evangelii gaudium*, em Congregação para a Doutrina da Fé, Carta *Iuvenescit Ecclesia*, 2.

<sup>223</sup> Congregação para a Doutrina da Fé, Carta *Iuvenescit Ecclesia*, 10.

<sup>224</sup> L. Giussani-S. Alberto-J. Prades, *Gerar rasto na história do mundo*, op. cit., pp. 78-79.

<sup>225</sup> L. Giussani, *La verità nasce dalla carne*, op. cit., p. 54.

através da graça do encontro com um carisma – para nós, o carisma dado a *don* Giussani –. O Espírito de Deus, na Sua liberdade e imaginação infinitas, pode realizar «mil carismas, mil maneiras de se participar, em Cristo, ao homem. O carisma representa precisamente a modalidade de tempo, de espaço, de carácter, de temperamento, a modalidade psicológica, afetiva e intelectual com a qual o Senhor Se torna acontecimento para mim e, da mesma forma, também para os outros. Esta modalidade é comunicada por mim a outros, de modo que existe entre mim e estes uma afinidade que não existe com todos os outros, um vínculo de fraternidade mais forte, mais específico. É assim que Cristo permanece presente conosco todos os dias até ao fim do mundo, nas circunstâncias históricas que o mistério do Pai estabelece e através das quais nos faz reconhecer e amar a Sua presença».<sup>226</sup>

<sup>226</sup> L. Giussani-S. Alberto-J. Prades, *Gerar rasto na história do mundo*, op. cit., p. 117. Na *Iuvenescit Ecclesia* lê-se: «Os dons carismáticos “são dados ao indivíduo, mas também podem ser partilhados por outros e de tal modo perseveram no tempo como uma herança preciosa e viva, que gera uma afinidade espiritual entre as pessoas” (João Paulo II, Exortação apostólica *Christifideles laici*, n. 24: AAS 81 (1989), 434. A ligação entre o carácter pessoal do carisma e a possibilidade de participação nele exprime um elemento decisivo da sua dinâmica, na medida em que tem que ver com a relação que, na comunidade eclesial, liga sempre a pessoa e a comunidade (Cf. *ibid.*, n. 29: AAS 81 (1989), 443-446). Na sua prática, os dons carismáticos podem gerar afinidade, proximidade e parentescos espirituais, através dos quais se pode participar no património carismático a partir da pessoa do fundador e aprofundá-lo, dando vida a verdadeiras e autênticas famílias espirituais. As agregações eclesiais, nas suas variadas formas, apresentam-se como dons carismáticos partilhados. (Congregação para a Doutrina da Fé, Carta *Iuvenescit Ecclesia* aos Bispos da Igreja Católica sobre a relação entre dons hierárquicos e carismáticos para a vida e missão da Igreja, Roma, 15 de maio de 2016, 16).

O carisma, portanto, «é a evidência do Acontecimento presente hoje, porque nos move, [...] é a forma com que o Espírito de Cristo nos faz entender a Sua presença excecional, nos dá o poder de aderir a esta com simplicidade e amorosidade».<sup>227</sup> O carisma torna viva a Igreja e existe em função de toda a vida eclesial. «Cada uma das modalidades históricas com as quais o Espírito nos coloca em relação com o Acontecimento de Cristo é sempre um “aspeto particular”, uma modalidade particular de tempo e de espaço, de temperamento, de carácter. Mas é um aspeto particular que permite a totalidade».<sup>228</sup>

João Paulo II observou perspicazmente que «a originalidade própria do carisma que dá vida a um Movimento não pretende, nem o poderia, acrescentar algo à riqueza do *depositum fidei*, conservado pela Igreja com apaixonada fidelidade. Ela, porém, constitui um apoio poderoso, um apelo sugestivo e convincente a viver plenamente, com inteligência e criatividade, a experiência cristã. Está nisto o pressuposto para encontrar respostas adequadas aos desafios e às urgências dos tempos e das circunstâncias históricas sempre diversas. Nessa luz, os carismas reconhecidos pela Igreja representam vias para aprofundar o conhecimento de Cristo e para se dar com mais generosidade a Ele, enraizando-se contemporaneamente sempre mais na comunhão com o inteiro povo cristão».<sup>229</sup>

É uma dinâmica bem representada por este testemunho: «Entre na Fraternidade de CL este ano, aos cin-

<sup>227</sup> L. Giussani-S. Alberto-J. Prades, *Gerar rasto na história do mundo*, op. cit., p. 119.

<sup>228</sup> *Ibidem*, p. 118.

<sup>229</sup> João Paulo II, *Mensagem ao Congresso mundial dos movimentos eclesiais*, Roma, 27 de maio de 1998.

quenta e nove anos, no momento em que normalmente uma pessoa acaba as coisas, não as inicia. Devo dizer que andava à volta do movimento há uma vida, através de um punhado de primos. A mensagem de *don* Giussani apanhou-me assim, indiretamente. O que me fascinava era encontrar a resposta para a minha pergunta: “Mas quem sou eu? Sou cristã em casa, ao almoço com a minha família, e depois na escola não sou ninguém? Sou crente na missa, ao domingo, e depois no cinema sou outra?”. Como harmonizar aquilo que sentia dentro de mim não como bagagem educacional, mas como exigência, com tudo aquilo que encontrava à volta, o pensamento único do pós 68, a superficialidade de um juízo pré concebido? Era uma pergunta permanente, a procura em todos os ambientes, para encontrar a cola que daria um sentido àquele puzzle. Aquela pergunta tinha encontrado no convite de Giussani de “viver o real” uma primeira orientação, uma possibilidade concreta. Obviamente, era bom senso aquilo que eu tinha conhecido nos meus avós, que não separavam a sua fé da sua vida, que estavam imbuídos de fé, em cada gesto, naturalmente, segundo a natureza. Eu, pelo contrário, no meu quotidiano, dava por mim a discutir tudo, e tudo perdia a lógica. Desorientação, divisão, superficialidade nas relações, em não tocar teclas que não deviam soar. Mas tinha ouvido, tinha quase espiado, um mestre que me indicava um caminho, havia uma solução. E com isso, com estas migalhas, segui em frente: “viver o real”. Uma vida intensa, quatro filhos, muito trabalho, muitas dificuldades e muitos sucessos, uma vida plena, coerente. Numa busca contínua, porque toda aquela azáfama e aquele “fazer” eram busca, eram desejo, era andar às apalpadelas, e experimentar tantos caminhos, todos os caminhos possíveis de percorrer. Mendigava,

se fosse possível, uma confirmação, um apoio. Que não encontrava. Encontrava aplausos para a minha coerência ou reprovação para a minha exuberância, juízos, mas não comunhão. Depois um imprevisto, um acontecimento. Alguém que me encosta à parede dizendo-me: “Mas tu tens um Cristo vivo dentro de ti?”. Não uma resposta. Uma pergunta. E a resposta estava já ali, diante de mim, tinha o seu rosto: um Cristo vivo dentro de mim, hoje, aqui ao lado. Não um Cristo que virá só no fim, mas já hoje, aqui, agora. Para mim. Aquele momento mudou-me a vida. E então mudou a minha forma de rezar: já não um acumular de pontos, no cansaço de seguir esquemas pré-estabelecidos, mas proximidade, escuta, espera, abandono. E mudou a minha forma de me mover na realidade, tornou-se um “viver o real” com uma Presença ao lado e por isso com um olhar diferente, o mesmo olhar que experimentei sobre mim, aquele olhar que muda quem tens à tua frente porque és tu que estás mudada. Tudo aquilo que na minha vida tinha lido e tentado aprender, estudar, perceber, era outra coisa: não dificuldades, mas evidência. E esta evidência, se aprofundada numa companhia, é a música para a minha alma que buscava desde sempre».

Se a companhia gerada pelo carisma na Igreja e pela Igreja nos impressiona e nos sentimos atraídos por ela, é precisamente porque «ela torna experiência concreta para nós o encontro com este Homem, tira-O da abstração e faz com que O experimentemos como uma realidade da qual se pode viver agora. A companhia não é uma ideia, um discurso, uma lógica, mas um facto, uma presença que implica uma relação de pertença».<sup>230</sup>

<sup>230</sup> L. Giussani-S. Alberto-J. Prades, *Gerar rasto na história do mundo*, op. cit., p. 79.

## 2. Autoridade: uma paternidade presente

A companhia concreta, onde acontece o encontro com Cristo, torna-se por isso «no lugar da pertença do nosso eu, onde este atinge a modalidade última de entender e sentir as coisas, de as entender intelectualmente e de as ajuizar, a forma de imaginar, projetar, decidir e fazer. O nosso eu pertence a este “Corpo” que é a companhia cristã e nele alcança o critério último para enfrentar todas as coisas. Essa companhia é, por isso, a única modalidade que nos capacita para o real, nos faz tocar o real e nos torna reais».<sup>231</sup>

Perguntemo-nos agora, com Giussani: «Qual é o fator mais importante na realidade de povo a que somos chamados, na realidade de companhia da qual participamos?». Eis a sua resposta: «O fator mais importante na realidade do povo é aquele a que chamamos autoridade».<sup>232</sup> A autoridade é o fator mais importante da realidade de um povo, porque sem autoridade não se gera um povo. E a autoridade é o lugar onde se torna evidente que Cristo vence, onde Cristo demonstra corresponder às exigências do coração de modo persuasivo. «A autoridade é uma pessoa que, ao ser vista, mostra que aquilo que Cristo diz corresponde ao coração. O povo é guiado por isto».<sup>233</sup>

Na nossa sociedade a palavra «autoridade» é muitas vezes olhada com suspeita, identificada com um po-

<sup>231</sup> *Ibidem*, p. 78.

<sup>232</sup> L. Giussani, «La gioia, la letizia e l'audacia. Nessuno genera, se non è generato», *Tracce-Litterae communionis*, n. 6/1997, p. II.

<sup>233</sup> L. Giussani, De uma conversa de Luigi Giussani com um grupo de Memores Domini (Milão, 19 de setembro de 1991), em «Quem é este?», Jornada de Início de Ano de Comunhão e Libertação, 2019, (p. 9) <https://it.clonline.org/cm-files/2019/10/11/gia-2019-a4-por-pt.pdf>

der que sujeita ou com um personalismo que liga a si as pessoas. Mas na vida da Igreja, no povo de Deus, esta – sublinha Giussani – não é, não pode ser isso: «A autoridade, o guia, é justamente o contrário do poder, não existe nela nem uma vírgula, nem um ponto da palavra poder. Por isso, está completamente ausente, diante do conceito de autoridade no povo de Deus, a qualquer nível, está completamente ausente qualquer reflexo de temor: porque ao poder corresponde o temor, e uma pessoa, para se libertar do temor, deve pouco ralar-se com o poder».<sup>234</sup>

O que é que caracteriza, então, a relação com a autoridade, a pertença ao povo de Deus? Essa relação é bem expressa pela palavra filiação, de acordo com a distinção de Péguy entre o sermos discípulos e o sermos filhos:<sup>235</sup> a pertença implica filiação, não um disciplado, não uma repetição. É através da filiação que a tónica de uma companhia verdadeira, a originalidade de um carisma, «daquela forma de ensinamento à qual fomos confiados»,<sup>236</sup> entra em nós. Giussani recorda-

<sup>234</sup> *Ibidem*, p. 10

<sup>235</sup> Escreve Péguy: «Quando o aluno mais não faz do que repetir, já nem sequer uma ressonância, mas apenas um miserável decalque do pensamento do mestre; quando o aluno não é senão um aluno, mesmo que seja o melhor dos alunos, nunca gerará nada. Um aluno não começa a criar a não ser quando introduz, ele próprio, uma ressonância nova (ou seja, na medida em que já não é um aluno). Não é que não se possa ter um mestre, mas o aluno deve deste descender pelas vias naturais da filiação, e não pelas vias escolares do ensino» (Cf. Ch. Péguy, *Cahiers*, VIII, XI [3.2.1907]).

<sup>236</sup> Trata-se de uma conhecida expressão de Ratzinger: «A fé é uma obediência do coração à forma de ensinamento à qual fomos confiados» (J. Ratzinger, *Intervenção de apresentação do Catecismo da Igreja Católica*, no *L'Osservatore Romano*, 20 de janeiro de 1993, p. 5). Cf. Rm 6,17.

-nos que somos filhos da autoridade. «Um filho recebe a cepa do pai, torna-a sua, é constituído pela cepa que lhe vem do pai, é constituído pelo seu pai. Por isso, está totalmente tomado. A autoridade toma-me todo, não é uma palavra que me faz medo ou me faz temer, ou que eu «sigo». Toma-me. Perceber a palavra «autoridade», que poderia ter como sinónimo a palavra «paternidade», portanto geratividade, geração, comunicação de genus, comunicação da cepa de vida. A cepa da vida é o meu eu que é revestido e tornado diferente por esta relação. A palavra «autoridade», que corresponde à palavra «paternidade», é seguida pela palavra «liberdade», gera liberdade. Ser filho é a liberdade».<sup>237</sup>

A autoridade é uma paternidade presente. Para sermos «filhos no Filho», para sermos filhos em Cristo, não no Cristo da nossa cabeça, mas no Cristo real, presente aqui e agora, para sermos, portanto, introduzidos à relação com o Pai, é preciso viver uma paternidade presente: é preciso uma presença que gere filhos. Afirmo Giussani: «Ter um pai é uma realidade permanente, porque pertence à nossa história [à história de cada um, dado que cada um teve um pai. Mas eis aqui o ponto decisivo... ]. Se em 1954 eu não tivesse entrado no liceu Berchet e tivesse entrado noutra escola, seria toda uma outra história. A realidade é permanente, mas a geração – que é o interessante da paternidade – é presença, é uma coisa presente».<sup>238</sup>

Não há florescimento da nossa personalidade, não há verdadeira criatividade, sem filiação, sem a experiência de

<sup>237</sup> L. Giussani, «La gioia, la letizia e l'audacia. Nessuno genera, se non è generato», *Tracce-Litterae communionis*, n. 6/1997, p. II.

<sup>238</sup> *Ibidem*, p. IV.

sermos gerados. «Ninguém gera, se não é gerado. Não “se não foi gerado”, mas “se não é gerado”. Este conceito de paternidade é o conceito mais combatido de toda a cultura iluminista»<sup>239</sup> e, tantas vezes, também entre os cristãos, entre nós que tivemos a graça de embater no carisma dado a *don* Giussani, através do qual pudemos descobrir de um modo novo e vibrante aquilo de que estamos a falar.

«Uma pessoa não pode ser pai, gerador, se não tiver ninguém como pai. Não [atenção] se “não teve” [um pai], mas se “não tem” [no presente] ninguém como pai. Porque se não tem ninguém como pai, quer dizer que não se trata de um acontecimento, [...] não é uma geração. A geração é um ato presente».<sup>240</sup>

Jesus introduz-nos à Sua familiaridade com o Pai chamando-nos a viver, na companhia através da qual nos atraiu, uma paternidade presente. Essa paternidade é o caminho através do qual se torna nossa, ou seja, tua e minha, a relação com o Pai que é própria de Jesus. Para que essa novidade aconteça, para que a relação com o Pai invista totalmente a nossa vida, a ponto de se tornar parâmetro de cada pensamento nosso, de cada ação nossa, até da mais ordinária e banal, é necessária, portanto, uma paternidade agora, ou seja, é preciso sermos gerados agora por uma presença em que Cristo se torna realidade experimentável, evidente e persuasiva: não podemos ser filhos no Filho, a não ser através deste facto de sermos gerados agora. Sem esta geração no presente, não poderá tornar-se consciência e vida em nós a relação com o Pai e nenhum esforço terá o poder de nos arrancar do nada.

<sup>239</sup> *Ivi.*

<sup>240</sup> *Ibidem*, pp. II-IV.

Giussani sublinhou de maneira única a necessidade essencial deste «agora»: «O acontecimento não identifica apenas uma coisa que aconteceu e com a qual tudo começou, mas é aquilo que solicita o presente, define o presente, dá conteúdo ao presente, torna possível o presente. O que se sabe ou o que se tem converte-se em experiência se aquilo que se sabe ou que se tem for uma coisa que nos é dada agora: há uma mão que no-la estende agora, há um rosto que se aproxima agora, há sangue que se derrama agora, há uma ressurreição que tem lugar agora. Fora deste «agora» não existe nada! O nosso eu não pode ser movido, comovido, ou seja, transformado, a não ser por uma contemporaneidade: um acontecimento. Cristo é algo que me está a acontecer. Então, para que aquilo que sabemos – Cristo, todo o discurso sobre Cristo – seja experiência, é necessário que seja um presente que nos provoca e fere: é um presente como para André e para João foi um presente. O cristianismo, Cristo, é exactamente aquilo que foi para André e João quando iam atrás d’Ele; imaginem quando Se voltou, e como ficaram impressionados! E quando foram a casa d’Ele...É sempre assim até agora, até este momento!».<sup>241</sup>

Não basta, no entanto, que exista esta paternidade presente, é necessário que eu esteja disponível para me deixar gerar por ela. Da disponibilidade de sermos filhos depende toda a fecundidade da nossa vida. «É o que Jesus dizia a Nicodemos: “É preciso nascer de novo”. “Como? Nascer de novo? Tenho de voltar ao seio da minha mãe para nascer de novo?” “Quem não nasce

<sup>241</sup> L. Giussani, texto do Cartaz de Páscoa de 2011 de Comunhão e Libertação.

de novo não pode perceber a verdade da realidade, a verdade das coisas.” Este perceber é um nascer de novo». <sup>242</sup> Quem aceita segui-Lo, tornando-se filho, ficará surpreendido com a novidade que começa a acontecer na sua vida.

### 3. A obediência

Giussani incita-nos, no entanto, a dar mais um passo, que ele considera decisivo para o crescimento de uma autoconsciência nova. Dizíamos acima: converter-se é recuperar a fé como reconhecimento, como inteligência da novidade que existe em nós e entre nós, e como obediência. Tínhamos prometido voltar a esta palavra.

«A obediência a que esta inteligência nos convida tem como que, se quiserem, um caudal sob o qual devemos passar, tem um marco que deve inevitavelmente ter em conta: tem de ter em conta aquilo a que chamamos “autoridade”. Se aquilo que estou a recordar vale para a autoridade da Igreja feita de Cristo, o Bispo unido com os outros e com o Papa, analogamente, por aplicação a níveis inferiores, mas igualmente reais e pedagogicamente decisivos, vale para qualquer presença do factor “autoridade”, “figura de autoridade”, na vida cristã». <sup>243</sup>

É preciso prestar atenção a este ponto, pois «sem este sinal» – a autoridade – «não existiria companhia entre nós, não existiria mistério da Igreja, não existiria o povo novo que caminha no mundo, para o bem do

<sup>242</sup> L. Giussani, *La convenienza umana della fede*, op. cit., p. 130.

<sup>243</sup> FCL, *Documentação audiovisual*, Jornada de início de ano de CL, Milão, 14 de setembro de 1975.

mundo: sem autoridade não existiria a novidade que Cristo nos chamou a viver juntos».<sup>244</sup>

No caminho de conversão, de que falava em 1975, Giussani observa que «a relação com o factor figura de autoridade, ou autoridade, é decisivo pedagogicamente: negligenciando este factor, nós tornamo-nos pó que a mínima brisa atira e espalha por toda a face da terra, voltamos a ser crianças batidas pelas ondas, como diz São Paulo no segundo capítulo da Epístola aos Colossenses (*terá havido aqui um lapso do autor, pois este excerto encontra-se no capítulo quarto da Epístola aos Efésios, NT*): “...levados por qualquer vento de doutrina, ao sabor do jogo dos homens, da astúcia que maliciosamente leva ao erro”». Por isso – prossegue ele – «a autoridade, entre nós, não é uma opinião cultural a discutir, não é a oferta de uma opinião como qualquer outra: a função da autoridade é uma proposta em que se joga a unidade de toda a nossa experiência humana e cristã».<sup>245</sup>

Na passagem que se segue sublinham-se, então, quer a natureza da autoridade, quer a natureza da relação a que esta, conseqüentemente, chama cada um de nós: «A autoridade, na medida em que propõe uma experiência de vida, também no detalhe, exige que se jogue toda a nossa pessoa: a autoridade é o sinal supremo do Mistério, do Mistério do desígnio do Pai. É o sinal supremo do Mistério que está entre nós, como história que está a decorrer, que se está a desenvolver». Por isso, ou seja, pelo facto da autoridade ser o sinal supremo do

<sup>244</sup> L. Giussani, *Un avvenimento nella vita dell'uomo*, op. cit., p. 229.

<sup>245</sup> FCL, *Documentação audiovisual*, Jornada de início de ano de CL, Milão, 14 de setembro de 1975.

Mistério que se encontra entre nós, «a devoção atenta à função da autoridade é obediência, é por obediência ao Senhor, não por um ponto que se ganhe numa discussão, e portanto, diante da autoridade, está o exercício duma fé. Por isso, não pode existir entre nós uma figura de autoridade a não ser no âmbito de uma fidelidade real à unidade de todo o movimento; assim, da mesma maneira, o movimento não teria nenhuma figura de autoridade se não procurasse profundamente viver esta devoção à autoridade colocada por Cristo».<sup>246</sup>

Este texto oferece-nos também os sinais, os critérios para reconhecer e avaliar qualquer «autoridade» no seio da companhia cristã em que estamos envolvidos. Giussani é muito concreto na descrição. «Aquilo que dizemos sobre o movimento é sempre pedagógico. A nossa tentativa é uma tentativa pedagógica de amadurecer o sentido da Igreja na nossa vida: [o movimento] é a experiência que o Senhor nos chamou a viver com este objetivo. Por isso, uma posição de autoridade que não se posicione, que não seja sentida e entendida no âmbito duma fidelidade profunda à vida de todo o movimento, à unidade do movimento, não resiste, não é seguida. Ou, se consegue que a sigam, é despótica, é por despotismo, e por isso é alienante, é devido a uma imposição, de alguma maneira. A autoridade mundanamente entendida é uma pedra de tropeço, não de construção».<sup>247</sup>

A verdadeira autoridade é fator essencial de construção. A autoridade, mundanamente entendida, ou seja, como poder, é despotismo alienante, pedra de

<sup>246</sup> *Ivi.*

<sup>247</sup> *Ivi.*

tropeço, não constrói. Mas estas observações extravazam o âmbito de uma experiência cristã. Estamos, efetivamente, a falar de uma necessidade e de uma dimensão que dizem respeito a todos, crentes e não crentes. O que acontece com o cristianismo é uma intensificação, uma verificação da dinâmica humana. Para além das figuras específicas, então, uma verdadeira autoridade (*auctoritas*, «aquilo que faz crescer») é fator indispensável para o crescimento do eu, para a construção da nossa personalidade. A experiência da autoridade anuncia-se na nossa vida como encontro com uma pessoa rica de consciência da realidade, que nos introduz ao conjunto das circunstâncias, encarnando uma “hipótese de significado” para as interpretar e enfrentar adequadamente, chamando-nos ao mesmo tempo a pô-la à prova, a verificarmos na primeira pessoa a sua consistência. Giussani apressa-se, portanto, a afirmar: «A autoridade é a expressão da convivência em que se origina a minha existência; de certo modo é o meu “eu” mais verdadeiro. Hoje em dia, pelo contrário, a autoridade propõe-se e é sentida, frequentemente, como algo estranho, algo que se “adiciona” ao indivíduo. A autoridade mantém-se fora da consciência, mesmo que seja talvez um limite devotamente aceite».<sup>248</sup>

Quando esta estranheza prevalece, a autoridade é entendida como um obstáculo ao crescimento do eu e não como factor do mesmo. É devido a esta estranheza, promovida e vivida, que – observa Giussani – «a cultura de hoje considera impossível conhecer, mudar-se a si mesma e à realidade “apenas” seguindo uma

<sup>248</sup> L. Giussani, *Educar é um risco*, op. cit., p. 76.

pessoa. A pessoa, na nossa época, não é vista como instrumento de conhecimento e de mudança, sendo estes entendidos, de forma redutora, o primeiro como reflexão analítica e teórica e a segunda como praxis e aplicação de regras. Ao invés, João e André, os primeiros que embateram em Jesus, precisamente seguindo aquela pessoa excecional, aprenderam a conhecer de forma diferente e a mudar-se a si mesmos e à realidade. Desde o instante daquele primeiro encontro, o método começou a desenvolver-se no tempo».<sup>249</sup>

Camus, naquela intensa narrativa autobiográfica que é *O primeiro homem*, oferece-nos um testemunho da exigência constitutiva de uma autoridade que não seja acrescentada extrinsecamente ao próprio eu, de uma autoridade que seja paternidade: «Tentei descobrir eu próprio, desde o princípio, quando criança, o que estava bem e o que estava mal – porque ninguém à minha volta mo podia dizer. E reconheço agora que tudo me abandona, que necessito que alguém me ensine o caminho [...] não segundo o poder, mas segundo a autoridade, pois preciso do meu pai».<sup>250</sup>

É isto que se cumpre na experiência cristã, mostrando-se em toda a sua essencialidade. «Para construir é preciso um terreno sólido, absolutamente firme, caso contrário, não se consegue construir. E o que temos nós de sólido e seguro, senão o mistério de Cristo que se encontra entre nós e do qual estamos certos pela imanência à Sua Igreja, pela obediência à autoridade

<sup>249</sup> L. Giussani, «Dalla fede il metodo», in *Dalla fede il metodo*, op. cit., p. 18.

<sup>250</sup> A. Camus, *O Primeiro Homem*, Edição Livros do Brasil, Lisboa 1994, p. 40.

desta Igreja, que nos custou tanto e nos custará ainda mais?». <sup>251</sup>

Depois de sublinhar a obediência, Giussani – estamos em 1975, dizíamos, mas as suas palavras conservam intacta a sua pertinência à nossa situação – volta ao ponto inicial da sua reflexão, alertando os seus interlocutores para uma antítese: a existente entre a busca de uma satisfação própria e a busca da própria conversão. «Agora eu queria que refletissem todos bem sobre esta antítese, à qual eu atribuo o perigo de uma separação entre a raiz que alimenta, entre a fonte que alimenta a nossa inteligência de fé e a nossa vontade, a nossa energia de empenho cristão, e toda a atividade que nos é pedida pelas circunstâncias históricas em que o bom Deus nos fez viver. Calhou-nos, infelizmente, um tempo em que não podemos ficar sentados no sofá, porque é um tempo em que a casa está a arder. A casa humana está a arder. Pois bem. Nesta antítese, eu vejo o perigo de se favorecer a dissociação entre a raiz e o florir da planta, porque a planta arrancada da raiz está destinada a secar: é a antítese entre uma presença no movimento, na comunidade, na própria vida cristã como tal, como busca duma satisfação própria, e a busca, pelo contrário, da própria conversão». <sup>252</sup>

A radicalidade e clareza da antítese favorece e torna de alguma maneira inevitável a comparação com nós mesmos. O perigo, que se mantém como tentação para cada um de nós, é o de cairmos na «busca duma afirmação de nós mesmos segundo aquilo que pensamos,

<sup>251</sup> FCL, *Documentação audiovisual*, Jornada de início de ano de CL, Milão, 14 de setembro de 1975.

<sup>252</sup> *Ivi*.

sentimos, nos interessa, em lugar de uma conversão nos critérios daquilo que pensamos, sentimos e nos interessa. Não foi por acaso que o Senhor, como primeira palavra, usou a palavra “*metânoia*”: é preciso mudar os critérios de avaliação. O valor da vida, e portanto o valor do movimento, da comunidade, o valor do nosso empenho no CL não está no quanto este satisfaz interesses que nos são caros (porque nos faz ser estimados, nos faz ter amizades, nos faz ter a namorada, o namorado, nos permite fazer passar as nossas ideias), mas o valor está na conversão à fé que acontece [em nós]. Tratemos, pois, deste tema». <sup>253</sup>

#### 4. «O cêntuplo já aqui»

A maneira mais fácil de sermos provocados à conversão – para nós e para os outros – são os testemunhos de vida que nos chegam. Permito-me por isso propôr dois entre os tantos que, felizmente, nos rodeiam.

Antes de rebentar a pandemia, recebi esta carta que nos dá um exemplo simples da conversão contínua de que estamos a falar:

«O ano passado foi bastante duro. O meu marido e eu estávamos totalmente imersos nos nossos novos trabalhos e, passado algum tempo, apercebemo-nos de que nos estávamos a perder: limitávamo-nos a sobreviver, ao ponto de termos sérias dificuldades na nossa relação. Tínhamos pouco tempo para fazer alguma coisa, pouquíssimos amigos, e ainda por cima muito longe. A certo ponto tivemos de parar para nos

<sup>253</sup> *Ivi*.

perguntarmos o que se tinha perdido. Decidimos dar um passo atrás nas nossas respectivas carreiras e recomeçar a fazer Escola de Comunidade,<sup>254</sup> que tínhamos abandonado há meses. Para podermos ir juntos à Escola de Comunidade tivemos de contratar uma babysitter – cujo custo se somava ao dispendido para pagar a quem ficava com as crianças durante o dia – e decidir ocupar assim a única noite que podíamos passar juntos. Demo-nos logo conta de que, indo à Escola de Comunidade, estávamos mais felizes: era evidente que era uma coisa que era boa também para a nossa relação. Fiquei surpreendida com o acolhimento que ali recebemos – nunca o teria imaginado – e todas as semanas fico espantada com os novos contributos. A forma como muitos falam do seu encontro com Cristo em cada momento do seu caminho, e as perguntas que são feitas são para mim uma ocasião para encontrar novamente a mesma Presença que nos conquistou no início. Está a acontecer outra vez, para mim! Depois de 15 anos passados no movimento, nunca me tinha sentido tão feliz por ir à Escola de Comunidade. É um trabalho que tentamos fazer também durante a semana e que ilumina os nossos dias. A Escola de Comunidade ensina-me uma outra maneira de olhar para a realidade, mais verdadeira, mais completa. Desde que recomeçámos a seguir, estamos mais abertos em relação às pessoas que encontramos, porque em todas desejamos reconhecer o reflexo da Sua presença e em tudo queremos viver a mesma plenitude de coração. Aquele olhar cheio de compaixão e simpatia pela mi-

<sup>254</sup> Referência à catequese permanente no movimento de Comunhão e Libertação.

nha pessoa, que é o modo com que Cristo entrou na minha vida, é a única coisa que corresponde verdadeiramente ao meu real desejo. Tudo o resto vem depois. E demo-nos conta de que só nos podemos aperceber desse reflexo em qualquer lugar precisamente graças à renovação do primeiro encontro. Agora tem tantos rostos! É entusiasmante ver a Sua companhia nos nossos vizinhos, no padre da nossa paróquia, nos nossos colegas ou nas pequenas coisas que nos ajudam pelo simples facto de acontecerem. O trabalho que fizemos este ano, seguindo, foi precioso: reconhecemos aquilo que realmente nos sustenta, com uma fé mais madura, mais consciente, adulta, livre e alegre. Obrigada por nos teres ajudado a percorrer este caminho de descoberta e de consciencialização. “Sem mim nada podeis fazer”, disse Jesus na última ceia. Podemos confirmar, graças à experiência vivida, que é verdade».

Como escreve São Bernardo, «aquilo que vem de Deus, não podemos conservá-lo e mantê-lo sem Ele».<sup>255</sup> Quer dizer, sem que volte a acontecer a Sua presença e sem a seguirmos, não podemos reproduzir aqueles frutos que experimentámos. O caminho para a verdade é uma experiência: o génio do método educativo de Giussani está todo aqui.

Queria propôr um segundo testemunho, significativo pela novidade de vida que ilustra. É o de uma jovem mulher, que não consegue ter filhos. «Casei-me há quatro anos e o meu marido e eu começámos logo a tentar ter um filho, que ainda não veio. Houve momen-

<sup>255</sup> São Bernardo, «Sermone I,1», in Id., *Sermoni sul salmo 90*, pelos Monges Beneditinos de Praglia, Edizioni Scritti Monastici, Bresselo di Teolo (PD) 1998, pp. 7-8.

tos verdadeiramente difíceis, em que as lágrimas eram diárias, e ninguém, do meu marido aos meus amigos, conseguia acalmar-me. Tudo para mim dependia deste filho que não chegava. Identificava a totalidade da minha vida com algo parcial, como se a única possibilidade de felicidade para mim passasse pela resposta que tinha na cabeça para o meu desejo de maternidade. O meu marido, a certo ponto, disse-me: “Ouve, vamos ter com o padre que nos casou”. Sabendo que uma das primeiras coisas que me iria perguntar seria: “foste fiel à Escola de Comunidade?”, anticipei-me e comecei a ler o texto para não lhe responder que não. Estávamos a ler o *Porquê a Igreja*. A certo ponto, Giussani diz: “A função da Igreja na história é [...] o apelo materno à realidade das coisas: a dependência do homem em relação a Deus [...] Se se viver a consciência da dependência original [...] todos os problemas se colocarão num estado que facilita a sua solução. [...] Seria, de facto, um olhar dirigido ao Algo que é maior que o problema singular e que poderia conferir a tudo a perspectiva de um caminho bom”.<sup>256</sup> Que alívio! Estava – sobretudo – rodeada pelo meu marido e pelos amigos. Um dia, uma amiga telefonou-me e, falando de si, disse-me: “Engravidas, ficas feliz, mas depois dás-te conta que nem sequer isso te basta. O ponto é em que é que apoiamos a nossa vida”. Imediata e inexplicavelmente deixei de chorar, de um dia para o outro. Mudei, estou serena, tanto que posso contar tudo isto sem chorar: não mudei graças a definições, mas através de rostos e factos. Encontrei-me a caminho e com um olhar novo sobre a minha tristeza que, porém, continua a existir.

<sup>256</sup> L. Giussani, *Porquê a Igreja*, op. cit., pp. 191, 193-194.

A alegria que encontro em mim é uma alegria que não vem de mim, que me permite confiar completamente no desígnio de um Outro e que, em última instância, me enche de gratidão. A dificuldade existe e permanece, mas posso olhar para ela serenamente. Santo Agostinho dizia: “O meu coração está inquieto até repousar em Ti”. É preciso que Outro encha a minha vida para que eu largue a imagem que tenho na cabeça. Não posso arrancar o meu desejo, porque ele existe. Porém, agora já não caio na pretensão de que a resposta chegue como eu a tenho na cabeça: estou à espera de que Outro responda ao meu desejo, estou disponível para acolher esta resposta. Partindo de Cristo, aquela dificuldade já não é um peso que me esmaga. Assim que me afasto de Cristo, voltam a ansiedade e o medo, vencem os meus pensamentos, vence o choro; quando parto da Sua presença, o último juízo é, pelo contrário, esta alegria e esta paz de fundo que invadiram a minha vida. E, olhando para toda a minha vida, sei que Cristo não me engana. Quando decido partir de Cristo, a Sua presença torna a minha vida mais verdadeira, mais saborosa, mais humana, mais bonita. E isto é um milagre aos meus olhos e aos olhos dos outros».

Como não ficar em silêncio, cheios de espanto, diante dum tal testemunho de humanidade mudada pelo encontro com a presença carnal de Cristo! Para vermos todo o alcance disto, ajuda-nos a seguinte afirmação de Giussani. «Cristo não veio dizer: “Quem me segue satisfará todos os seus caprichos, os seus pensamentos, os seus interesses”. Não! Mas disse: “Quem me segue muda de critérios, começa a mudar de critérios de avaliação, de valorização, de juízo de valor”. E, se uma pessoa fizer isso, depois terá o cêntuplo também daquilo

que parecia perder. “Quem me segue terá a vida eterna e o cêntuplo já aqui”. Não há nenhuma proposta no mundo que seja mais clara e nítida do que esta, porque nos desafia experimentalmente. “Quem me segue será mais, encontrará mais, cem vezes mais”. Mas, “quem me segue”!»<sup>257</sup>

Quem aceita segui-Lo, ser filho no Filho, torna-se um sujeito novo, «um protagonista novo na história do mundo»,<sup>258</sup> como disse *don* Giussani no Sínodo dos Bispos sobre os leigos em 1987.

É esta novidade a nossa missão no mundo. «O significado da nossa presença pessoal e coletiva no mundo, a nossa capacidade de encontrar o homem, esta nossa capacidade de encontro está fundada sobre uma novidade, uma novidade de vida que é experiência hoje. Só na medida em que fizemos experiência hoje da relação com Cristo, e da nova relação entre nós devido à Sua presença, só na medida em que fizemos esta experiência hoje, é que conseguiremos criar maior humanidade à nossa volta, mais paz entre os homens que nos rodeiam».<sup>259</sup>

## 5. «Para o mundo só o amor é credível»

Queria concluir com o augúrio que Giussani dirigiu aos que estavam em Milão a ouvi-lo naquele mês de setembro de 1975, para que cada um de nós possa guardá-lo

<sup>257</sup> FCL, *Documentação audiovisual*, Jornada de início de ano de CL, Milão, 14 de setembro de 1975.

<sup>258</sup> L. Giussani, *L'avvenimento cristiano*, Bur, Milão 2003, pp. 23-25.

<sup>259</sup> FCL, *Documentação audiovisual*, Jornada de início de ano de CL, Milão, 14 de setembro de 1975.

no coração como sustento no caminho diário que nos espera: «Nós estaremos sempre mergulhados em dificuldades até ao pescoço, morais e físicas, pessoais e sociais, mas nunca sucumbiremos, como diz São Paulo na Segunda Epístola aos Coríntios, no quarto capítulo: “Trazemos, porém, este tesouro em vasos de barro[ou seja, Deus agiu assim], para que se veja que este extraordinário poder é de Deus e não é nosso[não nosso; nós não somos bons, somos barro]. Em tudo somos atribulados, mas não esmagados; confundidos, mas não desesperados; perseguidos, mas não abandonados; abatidos, mas não aniquilados. Trazemos sempre no nosso corpo a morte de Jesus, para que também a vida de Jesus seja manifesta no nosso corpo”, e por isso, neste mundo».<sup>260</sup>

Se formos fiéis à graça que nos alcançou através do carisma de *don* Giussani – nós que fomos atraídos por ele e desejamos segui-lo –, se vivermos o movimento como conversão pessoal ao Acontecimento presente, «centrados em Cristo e no Evangelho», poderemos ser «braços, mãos, pés, cabeça e coração de uma Igreja “em saída”»,<sup>261</sup> colaborando com o Papa para o futuro da Igreja no mundo, aquele futuro preconizado pelo Cardeal Ratzinger no longínquo Natal de 1969:

«O futuro da Igreja, ainda hoje, não pode apoiar-se se não na força daqueles que vivem com raízes profundas e que vivem a partir da pura plenitude da sua fé. O futuro não se apoiará naqueles que só prescrevem receitas. O futuro não virá daqueles que apenas se adaptam a cada momento [...]. Afirmamos isto de forma positiva: tam-

<sup>260</sup> *Ivi.*

<sup>261</sup> Francisco, *Discurso ao movimento de Comunhão e Libertação*, Praça de São Pedro, 7 de março de 2015.

bém desta vez e como sempre, o futuro da Igreja será marcado pelos santos. [...] Da crise de hoje, também desta vez nascerá amanhã uma Igreja que terá perdido muito. Tornar-se-á mais pequena, terá em larga medida de recomeçar tudo de novo. Essa Igreja não vai poder encher muitos dos edifícios que construiu quando a conjuntura era favorável. Com a perda do número de seguidores, perderá também muitos dos seus privilégios na sociedade. Terá de se apresentar de modo muito mais forte do que até aqui, como uma comunidade de voluntariado, a que só se pode aceder por decisão. Enquanto pequena sociedade, vai exigir de modo muito mais marcante a iniciativa dos seus membros. [...] Essa Igreja reconhecerá de novo na fé e na pregação o centro que é verdadeiramente o seu e voltará a viver os sacramentos como serviço de Deus, e não como problema de organização litúrgica. [...] É de prever que tudo isto precise de tempo. O processo será longo e penoso [...]. Mas, depois da provação dessas divisões, uma força pujante brotará de uma Igreja interiorizada e simplificada. Porque os homens de um mundo totalmente planificado se sentirão indizivelmente solitários. Quando Deus tiver desaparecido inteiramente, aí é que experimentarão a sua total pobreza. E descobrirão então a pequena comunidade de crentes como qualquer coisa de inteiramente novo. Como uma esperança que lhes diz respeito, como uma resposta por que secretamente sempre tinham esperado. Por isso, parece-me certo que se preparam tempos muito difíceis para a Igreja. [...] Mas florescerá de novo e tornar-se-á para os homens a pátria que lhes dará a vida e esperança para lá da morte».<sup>262</sup>

<sup>262</sup> J. Ratzinger, *Fé e Futuro*, Principia, Estoril 2008, pp. 105-110.

Fazendo eco desta “profecia”, da perspectiva nova que se abre neste tempo, Giussani dizia, menos de 15 anos depois: «Este é, pois, um momento em que seria belo sermos apenas doze em todo o mundo».<sup>263</sup> Não dizia isto como uma forma de exclusividade, ou de forma presunçosa, mas devido à consciência de que voltámos ao começo, ao início de tudo. E, como no início, a única coisa que nos pode arrancar do nada é a experiência de uma novidade de vida hoje.

Só esta novidade pode ser credível hoje. «Todavia, o grão de trigo cristão só terá uma genuína fecundidade formadora se não se encapsular numa forma particular ilusória, ao lado das formas mundanas, condenando-se assim à esterilidade; se, a exemplo do seu Fundador, se entregar e sacrificar como forma particular – sem angústia perante a perspectiva de ser abandonado e de se abandonar a si mesmo. Pois, aos olhos do mundo, só o amor é digno de fé».<sup>264</sup>

<sup>263</sup> L. Giussani, *Certi di alcune grandi cose (1979-1981)*, Bur, Milão 2007, p. 396.

<sup>264</sup> H.U. von Balthasar, *Só o Amor é Digno de Fé*, Assírio e Alvim, Lisboa 2008, p. 105.



# Índice

## **INTRODUÇÃO** **3**

### CAPÍTULO 1

#### **O NIILISMO COMO SITUAÇÃO EXISTENCIAL** **5**

1. Uma suspeita sobre a consistência da realidade e sobre a positividade da vida 5
2. O enfraquecimento de um sentido à altura da vida 10
3. A liberdade diante de uma alternativa 15
4. O desejo inextirpável 19
5. Um grito que implica a resposta 21
6. Um «tu» que acolha o grito 26

### CAPÍTULO 2

#### **«COMO PREENCHÊ-LO, ESTE ABISMO DA VIDA?»** **29**

1. Tentativas insuficientes 29
2. A nossa humanidade 37
3. «A arte de "sentir" o homem todo» 41

### CAPÍTULO 3

#### **«CARO CARDO SALUTIS»** **47**

1. Uma presença carnal 47
2. O judeu Jesus de Nazaré 54
3. Um acontecimento 61
4. Para identificar a verdade basta uma atenção sincera 70
5. Um reconhecimento que se chama fé 72
6. Liberdade e confiança 75

## CAPÍTULO 4

### **UM CAMINHO QUE DURA A VIDA INTEIRA** **79**

1. A necessidade de um caminho 79
2. A tentação da afirmação de si 86
3. Conversão. Recuperar continuamente a fé 91

## CAPÍTULO 5

### **A RELAÇÃO COM O PAI** **101**

1. A nossa vida depende de Outro 101
2. Seguir Jesus: sermos filhos 110
3. O mal é o esquecimento 118

## CAPÍTULO 6

### **FILHOS NO FILHO** **123**

1. Através da companhia dos crentes.  
O carisma 123
2. Autoridade: uma paternidade presente 130
3. A obediência 135
4. «O cêntuplo já aqui» 141
5. «Para o mundo, só o amor é credível» 146



Neste livro, o presidente da Fraternidade de Comunhão e Libertação confronta-se com este tempo vertiginoso, em que o nada pesa tão fortemente sobre a vida de cada um, introduzindo uma suspeita sobre a positividade da vida e sobre a consistência última da realidade, graças à qual tudo parece acabar no nada, até nós próprios. Um contexto que, paradoxalmente, faz vir ao de cima o quão insuportável é viver sem um sentido e o desejo indestrutível de sermos desejados e amados. Um confronto fascinante com os acontecimentos presentes e com as tentativas insuficientes de sobreviver, entre a distração e o esquecimento.

A busca de uma resposta que esteja à altura do desafio: um «tu» que acolha o grito da nossa humanidade, despertando um amor por nós próprios e pela nossa vida. O encontro com uma comunidade cristã viva que torna fascinante o caminho em conjunto. O testemunho de uma fé que tem a ver com a experiência presente, gerando um conhecimento e uma afeição novos, uma fé capaz de valorizar tudo aquilo que de verdadeiro, belo e bom encontra ao longo do caminho

**JULIÁN CARRÓN** nasceu em 1950 em Navaconcejo (Espanha). Ordenado sacerdote em 1975, foi professor de Sagrada Escritura na Universidade de São Dâmaso de Madrid. Em 2004 mudou-se para Milão, chamado por don Giussani para partilhar a responsabilidade da condução do movimento de Comunhão e Libertação. É Presidente da Fraternidade de Comunhão e Libertação desde 19 de março de 2005. Desde o ano académico de 2004-2005 é professor de Teologia na Universidade Católica do *Sacro Cuore* de Milão. Em 2015, foi publicado *A beleza desarmada*, em 2017 *Onde está Deus?* e em 2020 *O despertar do humano*.